

Jorge Broide

**A PSICANÁLISE NAS SITUAÇÕES SOCIAIS CRÍTICAS:
UMA ABORDAGEM GRUPAL À VIOLÊNCIA QUE ABATE A
JUVENTUDE DAS PERIFERIAS**

Doutorado em Psicologia Social



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Núcleo de Psicanálise e Sociedade

São Paulo — 2006

Jorge Broide

**A PSICANÁLISE NAS SITUAÇÕES SOCIAIS CRÍTICAS:
UMA ABORDAGEM GRUPAL À VIOLÊNCIA QUE ABATE A
JUVENTUDE DAS PERIFERIAS**

Doutorado em Psicologia Social

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do Título de **Doutor em Psicologia Social**, sob a orientação do *Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho*.



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo — 2006

BANCA EXAMINADORA

Agradecimentos

Agradeço a meu orientador Raul Albino Pacheco Filho pela orientação realizada com respeito por minha autonomia e trajetória.

Agradeço também a todos aqueles com quem aprendi. São muitos. Além dos professores, colegas e amigos, aos pacientes no consultório, nas ruas, nas prisões, etc. Espero que todos aqueles que se foram em situações tão duras estejam aqui presentes e representados. Dedico esta tese a todos eles.

Dedico também aos meus enteados Arthur e Thiago, aos meus filhos Julia e Gabriel com quem já vivi tanto da vida e espero viver cada vez mais; e ao meu neto Pedro Moreno.

À Emilia minha companheira de verdade, meu amor e gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa trata da violência que abate a juventude das periferias das grandes cidades. O referencial teórico utilizado é a obra de Freud e da Escola Argentina de Psicanálise, em especial, Enrique Pichon Rivière.

Foram realizadas oito sessões de grupo operativo em uma instituição que trabalha com a problemática da violência e que possuía um programa de formação de lideranças jovens na Zona Sul da cidade de São Paulo. Dois jovens desse grupo cometeram homicídio em uma briga banal, a partir de um conflito entre turmas numa festa de sexta-feira à noite, caso típico da periferia. Eles não foram presos.

A instituição convidou-nos para coordenar o grupo que teria por tarefa descobrir a razão pela qual alguns jovens matam e outros não. Participaram do grupo operativo não só os dois jovens em questão, como outros (muitos deles sobreviventes de chacinas), além de alguns intelectuais, gerentes e diretores da instituição, mais ou menos vinte pessoas ao todo.

O grupo operativo foi utilizado como instrumento de pesquisa do campo social, buscando os vínculos mais profundos e as razões implícitas e inconscientes da violência que afeta vasta parcela de nossa juventude. Esperamos que as conclusões sejam úteis também para a formação de profissionais que trabalham diretamente nesse campo, formulando as políticas públicas e os programas de atendimento.

As categorias elaboradas a partir do material clínico foram: **o território da periferia**, que retrata o cotidiano da violência; **a palavra**, que relaciona sua presença ou sua ausência no que se refere às passagens ao ato; **os processos de identificação**, que trazem à tona a dinâmica familiar; e **a diferença entre classes sociais** que aborda o conflito de classes e relações sociais vividos pelos jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Violência, Periferia, Psicanálise, Grupo Operativo, Psicologia Social.

ABSTRACT

This research deals with the violence that assails the youth in big city suburbs. The theoretical reference used is the work of Freud and the Argentinean School of Psychoanalysis, and in particular, Enrique Pichon Rivière.

Eight sessions of a working group were carried out in an institution which works with the problem of violence and which has a program for the formation of youth leaders in the Southern Zone of the city of São Paulo. Two youths from this group committed homicide in a common fight, starting with a conflict between gangs at a Friday night party, a typical case in the run down suburbs. They were not arrested.

The institution invited us to coordinate the group whose task would be to discover the reason why some youths kill and others do not. Not only did the two youths in question take part in the working group but also others (many of whom had survived massacres), besides some intellectuals, managers and directors of the institution, more or less twenty people altogether.

The working group was used as a research instrument in the social field, seeking the deepest links and the implicit and unconscious reasons for the violence that effects a large part of our youth. We hope that the conclusions will also be useful in the vocational training of professionals who work directly in this field, formulating public policies and social programs.

The categories elaborated from the clinical material were: **the territory of the suburbs**, which portrays the everyday violence; **the word**, which relates its presence or absence relating to the lead up to the act; **the processes of identification**, which bring up family dynamics; **and the difference between social classes which** discusses the class conflict and social relations experienced by the youths.

KEY WORDS: Youth, Violence, Suburbs, Psychoanalysis, Working Group, Social Psychology.

Índice

APRESENTAÇÃO	2
CAPÍTULO 1	
— Trajatória Profissional: em Direção ao Tema da Pesquisa	5
1.1 Descobrimo a Rua, a Prisão e a Violência.....	5
1.2 Aprofundando os Grupos e as Instituições na América Latina	12
1.3 O Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental	19
1.4 A Economia e a Psicanálise: um momento de síntese.....	29
CAPÍTULO 2	
— Os Parâmetros da Pesquisa	36
2.1 A Delimitação do Problema da Pesquisa.....	36
2.2 O Campo Clínico da Pesquisa	37
2.3 O Referencial Teórico	38
2.4 A Metodologia.....	39
CAPÍTULO 3	
— Situando o Campo e o Tempo Histórico da Pesquisa: Algumas Considerações sobre a Economia Política e a Constituição do Sujeito no Mundo Contemporâneo	58
3.1 Algumas Considerações sobre o Método da Economia Política em Marx.....	59
3.2 O Modo de Produção na Modernidade e no Capitalismo.....	62
3.3 O Processo de Globalização e do Cotidiano.....	68
3.4 O Desamparo: um dos Pilares do Capitalismo	73
3.5 O Impacto dos Processos Econômicos e da Globalização sobre a Subjetividade — O Trabalho Psicanalítico no Campo Social.....	76
CAPÍTULO 4	
— O Grupo Operativo	86
4.1 A Dinâmica Grupal.....	86
CAPÍTULO 5	
— Análise do Material Clínico e Considerações Finais	161
5.1 Análise das Categorias.....	162
5.1.1 O Território da Periferia	162
5.1.2 A Palavra	169
5.1.3 Os Processos de Identificação.....	173
5.1.4 A Diferença entre as Classes Sociais	178
5.2 Considerações Finais	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Seria preciso que todas as forças sociais críticas insistissem na incorporação, aos cálculos econômicos, dos custos sociais das decisões econômicas. O que custará, a longo prazo, em termos de demissões, sofrimentos, doenças, suicídios (...)

Pierre Bourdieu¹

A realização de uma tese de doutorado pressupõe um trabalho de fundo que é a síntese em um novo salto dialético da vida profissional e intelectual de seu autor. Nesse caso, trata-se de mais uma elaboração da trajetória de um pensamento clínico, construído no campo social, nas mais diferentes instituições públicas e privadas, enquanto consultor e gestor, na formação de colegas e educadores, além do consultório particular no atendimento individual, grupal, familiar.

O tema que esteve sempre presente, de maneira implícita ou explícita, consciente ou inconscientemente, nessa trajetória é o olhar, a escuta e a ação psicanalítica nas situações sociais limites. O fato de desenvolver um trabalho constante e em distintas situações de campo, ao longo de 29 anos, tornou cada vez mais clara a profunda intersecção entre a constituição do sujeito e a economia política expressa nas condições sociais em que o ser humano nasce, cresce e morre.

¹ GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. “Inventar uma oposição. O reengajamento dos intelectuais europeus”. *Revista Caros Amigos*. Ano IV, Número 46, Janeiro de 2001.

Essa é a razão pela qual se pretende desenvolver uma pesquisa que não subestime a relação entre a constituição do sujeito e suas condições de vida. Tal pesquisa busca saber como o mundo concreto das relações sociais interage, constrói e atua no sujeito do inconsciente e em sua conduta.

Para tanto, foi escolhido um recorte sobre uma problemática que adquire, hoje, em nosso país, o caráter da mais extrema gravidade: **a violência que se abate sobre a juventude das periferias**. A partir dessa situação, surgem as questões que atravessam e constroem este trabalho de pesquisa, ou seja, o que a Psicanálise tem a contribuir para o entendimento e a ação transformadora nesse campo? Como pode ser desenvolvida uma clínica com uma escuta rigorosa no campo social das situações extremas?

Quero ainda colocar uma sensação pessoal. Tempos atrás, tarde da noite, deparei-me com uma longa entrevista de Garcia Márquez na televisão. Ele dizia que havia se descoberto enquanto um narrador do mundo, das coisas que via e vivia e esse era o motivo pelo qual era escritor. Aquilo me tocou profunda e imediatamente, pois é assim que me sinto, muitas vezes, em meu trabalho. Tenho a impressão de que somente o poético poderia descrever e abarcar muitas das cenas que vi e vivi. A Psicanálise nos leva diretamente ao humano pulsante onde quer que a vida esteja, mesmo que seja somente por meio de um suspiro ou que tenha sido soterrada pela morte. É esse narrar e compartilhar que desejo trazer aqui.

CAPÍTULO 1

1

Trajetória Profissional:

Em Direção ao Tema da Pesquisa

1.1 Descobrimo a Rua, a Prisão e a Violência

Em meados de 1976, ainda enquanto estudante de Psicologia, iniciei o trabalho com crianças e adolescentes de rua. Essa experiência, que se deu na Organização de Auxílio Fraternal (OAF), foi uma introdução marcante no contato com a vida na rua, com a morte, com a miséria, com a tortura e com o extermínio de crianças¹. É nesse período que surge o interesse pela investigação de algo que se mantém até hoje e que constitui o fio condutor desta tese: o trabalho clínico com as populações marginalizadas fora do ‘*setting*’ tradicional de consultório.

A OAF foi a primeira instituição que começou a abordagem direta com a população moradora de rua, na própria rua, no Brasil. O contato com os diferentes grupos (adultos, crianças, adolescentes) era realizado por rondas diurnas e noturnas para distribuição de alimentos e acompanhamento da população em seus locais de sobrevivência (baixos de viadutos, casas abandonadas, na FEBEM, em visitas domiciliares, e na sede da OAF). Ali mesmo, as crianças, adolescentes e adultos traziam abundante material clínico em que era possível perceber a força da transferência, a deposição dos conteúdos inconscientes na instituição e na equipe técnica.²

¹ A OAF foi fundada e é dirigida por padres e freiras oblatas. Desenvolve atualmente sua abordagem com população adulta, moradora de rua, na cidade de São Paulo.

² Esta minha primeira experiência com a rua foi publicada na *Revista Psicologia Atual*, em 1979, número X, em artigo intitulado “Vem, Vem sem Febem.”

Inicialmente as crianças e adolescentes ligados à OAF pediam que ajudássemos no reatamento com a família. Depois, surgiam as cenas e lembranças de perda e violência muitas vezes ligadas à própria dinâmica familiar. Com isso, eles eram remetidos às inúmeras perdas e fatos extremamente dolorosos de sua vida, aumentando evidentemente sua dor e ansiedade. Esse processo fazia com que fossem quase inevitáveis os *'acting-out'* na busca de alívio e continência que se davam na forma de intensa *drogadição*, autodestruição e ataque ao vínculo transferencial. Muitas vezes, eles mesmos provocavam sua prisão e tortura pela polícia, ou algum grave acidente. Davam-se também casos de agressão física à equipe de trabalho e à instituição. Suas histórias de vida, como a própria vida na rua eram sempre permeadas pela violência das relações. Tal situação comumente era repetida e dramatizada no vínculo com a polícia que, de alguma forma, assume o papel familiar de contenção e punição, gerando um alívio destrutivo e doloroso.

O estar na rua, assim como todas as situações sociais limites exigem do sujeito uma intensa defesa contra a dor, contra a perda, contra o medo e contra o desamparo. Esse processo defensivo tem uma dupla face. A primeira propicia a vida ao permitir uma adaptação a situações muitas vezes inimagináveis. A segunda direciona o sujeito para a morte na medida em que obtura a reflexão sobre a sua história remetendo-o à atuação sem palavras em um meio permeado pela violência. Por outro lado, o trabalho clínico faz o sujeito conectar-se consigo mesmo e tem por consequência inevitável o deparar-se com situações extremamente dolorosas. Essa dinâmica faz as crianças e a população de rua, como um todo, viverem uma intensa ambivalência na relação transferencial já que o pedido de ajuda significa uma diminuição da defesa contra a dor.

Depois de inúmeras situações críticas vividas no atendimento, foi possível compreender que o vínculo terapêutico tornava-se uma grande ameaça à criança e ao adolescente, pois nele era depositada a sua história de perdas e violência, muitas vezes insuportáveis. O técnico passava então de continente a inimigo, já que, para o adolescente, ele era o ‘responsável’ pelo seu sofrimento na medida em que a relação transferencial trazia à tona os fantasmas e as rupturas que constituíam grande parte de sua história. Utilizo aqui o termo técnico porque não importa quem ocupe esse lugar, mas sim o tipo de vínculo. No trabalho de campo, tal vínculo pode ser exercido por educadores, pelo assistente social, pelo psicólogo.

Assim, foi por meio da vivência intensa da contratransferência que emergia enquanto perplexidade, surpresa, desencanto, sucesso e fracasso, que se tornou possível compreender alguns dos aspectos que se dramatizavam na transferência. Além do mais, foi possível perceber também que, nesse momento crítico de vinculação, a equipe sofria um verdadeiro risco em sua integridade física.

Outro aspecto importante a ser levantado é que, nessa primeira experiência profissional, foi-se constituindo o desafio de desenvolver uma psicanálise nas ruas da cidade. Para tanto, é necessário o atendimento clínico e uma compreensão distinta do que é a rua. Quando trabalhamos na rua, também nos deparamos com o explícito, com o conteúdo manifesto, o aparente que todos vemos na cidade. A rua é como um sonho, que expressa toda uma dramática do desejo e da vida, por meio da figuração, da mudança de uma imagem em outra, do deslocamento e das condensações que se dão em fatos, atitudes, gestos, olhares, vida e morte. O manifesto, aquilo que todos nós podemos observar, sempre encobre um conflito. É uma imagem que, ao mesmo tempo em que abre o acesso àquilo que é, também encobre o

verdadeiramente existente. Assim, a nossa tarefa é a de chegarmos àquilo que é, mas aparentemente não está.

Ao penetrar nesse mundo, muitas vezes temos a sensação de entrarmos em um elevador de vidro, que nos leva a outro nível, mais abaixo da superfície com certeza. A importância do vidro é porque podemos ver claramente como são planos diferentes. Quando as portas se abrem, e saímos, estamos em um outro mundo, que é o do implícito, do latente. Nesse outro nível, desenvolvem-se as verdadeiras relações da rua. O andar de cima é a aparência transformada, o manifesto. Os sujeitos que nos falam são, então, os porta-vozes da cidade, ou, pelo menos, de uma parte significativa dela.

Mais tarde, ainda na década de setenta, trabalhei no Centro de Defesa de Direitos Humanos de Osasco inicialmente como estagiário, depois técnico contratado e, finalmente, como Diretor Adjunto da Instituição. Era o momento do ressurgimento do movimento sindical, do nascimento do Partido dos Trabalhadores, e ainda havia uma forte presença do aparato repressivo da ditadura militar. O CDDHO era vinculado à Igreja e constituía-se como um dos poucos espaços institucionais politicamente ativos na região de Osasco, na época. Congregava líderes sindicais, militantes de partidos clandestinos, padres da teologia da libertação, advogados trabalhistas, comunidades eclesiais de base, estudantes, intelectuais, etc.,

Minha função era a de planejar e executar um programa de treinamento para as populações das favelas ligadas às Comunidades Eclesiais de Base com o objetivo de contribuir na defesa contra a violência policial. Esse treinamento era oferecido no Centro de Defesa, nas igrejas, nas próprias favelas e nos bairros. Os casos de violação de direitos humanos eram basicamente de tortura, invasão de domicílio e prisão pela polícia comum civil, ou a polícia militar, especialmente, a ROTA. Assim, não só nos

treinamentos como também nos atendimentos era possível vivenciar, o impacto da pobreza e da violência no sujeito e na dinâmica familiar.

A tarefa no CDDHO pressupunha o atendimento terapêutico e, ao mesmo tempo, o trabalho organizacional, pedagógico e militante. Era preciso interpretar o conteúdo inconsciente, trazido geralmente pela mãe de família, ir em busca do familiar torturado ou preso e, também, implementar os grupos em que era dado o treinamento e debatida a violência policial e do estado. Em todas essas situações, possivelmente, por minha formação e conseqüente atitude e abordagem, as pessoas traziam no vínculo transferencial toda a dramática que estavam vivendo. O contato se dava agora com famílias que tinham tido, em sua maioria, seus filhos presos, assassinados ou torturados, e também com militantes políticos, na maior parte das vezes, trabalhadores.

Essa necessidade de múltiplas abordagens foi constituindo um pensamento mais dinâmico em relação ao enquadre terapêutico e institucional. Simultaneamente, foi gerando uma escuta mais ampla do conteúdo inconsciente, já que este vinha claramente associado ao fato social concreto.

Já no início dos anos oitenta, a práxis clínica foi desenvolvida nas ruas com crianças e adolescentes, em prisões legais e até clandestinas onde trabalhávamos com a autorização da alta cúpula do Poder Judiciário. Além do mais, atendíamos os egressos do presídio central de Osasco e suas famílias numa clínica social³.

³ Para o desenvolvimento dessa intervenção, foi criada uma ONG chamada *Associação Para o Desenvolvimento do Cidadão*, Osasco, São Paulo, cujo presidente era Fábio Landa, vice-presidente o padre Agostinho Duarte de Oliveira e eu ocupava o cargo de secretário. Nela trabalharam estudantes de Psicologia e psicólogos, médicos psiquiatras e advogados.

No atendimento desenvolvido com crianças e jovens adolescentes no Largo de Osasco e arredores⁴, foi sendo sistematizada, já de forma mais orgânica, a intervenção terapêutica na rua. Além disso, houve uma compreensão cada vez mais aprofundada e organizada de como se configurava esse espaço de sobrevivência das populações marginalizadas, a maneira de locomover-se no mesmo e, também, identificar com rapidez as formas de organização, os diferentes grupos, o desenvolvimento da abordagem inicial, etc.

Concomitante ao trabalho na rua, a ADC desenvolvia, por meio de uma equipe interdisciplinar, a intervenção em duas prisões: o Presídio Central de Osasco e a carceragem da delegacia seccional da cidade. No primeiro, conhecido como Cadeia da Vila Pestana, era realizado o atendimento jurídico, médico-psiquiátrico e psicoterapêutico aos detentos. No segundo, a carceragem da delegacia funcionava como uma prisão clandestina, pois havia sido desativada pelo Poder Judiciário por falta de condições físicas. No entanto, essa cadeia continuava sendo usada pela polícia para as prisões ilegais em que eram realizadas as práticas de tortura, inclusive de crianças e adolescentes. Esse fato era conhecido pelo Tribunal de Justiça que se via impossibilitado de uma ação direta. Cabia a nossa equipe (por pedido e com autorização do Poder Judiciário) entrar nessa prisão, contatar principalmente as crianças e adolescentes e procurar suas famílias para que fosse formalizada sua detenção, ou então fossem libertados.

O outro campo de ação da ADC era uma clínica social onde havia o atendimento individual, familiar e em grupo de alguns militantes sindicais, além de crianças de rua, prostitutas, adolescentes, egressos da cadeia pública e suas famílias.

⁴ Praça central de Osasco, município da Grande São Paulo, com aproximadamente 1.000.000 de habitantes.

Em todas essas situações, havia um embate direto com a estrutura policial. Nosso objetivo, na época, era, além do atendimento à população, a realização de um estudo detalhado do aparelho repressivo e sua ação junto às populações marginalizadas. Os fatos iam-se desvelando a partir da relação transferencial. Na cadeia pública, pudemos conhecer, pelo vínculo com os detentos, as ameaças, a tortura e o assassinato de presos que haviam sido libertados por meio de sentença judicial por parte da polícia. Nos atendimentos, foram surgindo os nomes dos responsáveis pelo esquadrão da morte da cidade e todo o esquema de corrupção que envolvia, inclusive — no mínimo com a conivência — o ministério público. Ainda na cadeia pública, a polícia colocava todo tipo de obstáculos ao atendimento médico, jurídico e psicológico.

Já no Largo de Osasco, o atendimento que realizávamos na rua era em um local controlado pelo tráfico de drogas. Novamente vieram à tona o nome de policiais envolvidos e seus métodos de organização e controle.

Quando a polícia percebeu a estrutura que havíamos montado para o atendimento, e como deste emergiam informações sobre a corrupção e morte, passou a ameaçar a equipe de diversas maneiras: nossos telefones foram grampeados; passamos a ser seguidos por viaturas policiais; nosso consultório que era a sede do grupo começou a receber bilhetes com ameaças; nossos carros foram abertos diversas vezes e somente papéis eram roubados.

Novamente não se tratava somente de atendimento psicoterapêutico convencional a nossos pacientes, era necessário tratar de salvar suas vidas, ao mesmo tempo em que, de alguma maneira, as nossas também. Mais uma vez me deparava com o mesmo tema agudo na relação transferencial: as relações sociais que significavam a migração, separação, miséria, violência, abandono.

1.2 Aprofundando os Grupos e as Instituições na América Latina

Nos anos subseqüentes, o trabalho seguiu por meio da supervisão a inúmeras equipes da área da infância e adolescência. Além disso, como consultor da então chamada FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor — Governo Federal), foi desenvolvido, na FEBEM-SP (BROIDE, 1989)⁵, um trabalho que consistia na realização de grupos operativos com todas as equipes das várias unidades da unidade de recepção (URs) de adolescentes presos no quadrilátero da FEBEM-SP. Esses grupos tinham por tarefa a elaboração das relações de trabalho da monitoria no que se referia ao vínculo com os adolescentes e com a instituição.

Nessa abordagem, foi possível perceber que os monitores estabeleciam uma relação com os adolescentes centrada no temor do desemprego. Isso, em função das mudanças constantes nas diretrizes institucionais, gerava uma lei própria na instituição que era a lei do mundo da rua, da violência, da inexistência do olhar do outro. Os monitores viam-se, então, empurrados a se identificar com os valores institucionais e com os internos. Com isso, um dos materiais mais candentes que surgiu nos grupos operativos era o de como os monitores viviam o impacto de seu trabalho na sua própria subjetividade, sentindo-se, a partir dessa experiência, desconhecidos e “despersonalizados” diante de si mesmos, dos pais, mulheres e filhos. Era muito comum o alcoolismo e a fratura familiar.

Nessa intervenção, ocorreu um fato marcante que vale a pena relatar. Na época, estava estudando um texto de Pichon-Rivière chamado “A reação dos Inundados frente ao desastre”⁶. Nesse texto, ele relata o caso de

⁵ Diagnóstico Institucional realizado através de Grupos Operativos. *Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia*. Órgão Oficial de Divulgação Científica da FEC do ABC. Vol. 01, número 2. Abril de 1989, São Caetano do Sul.

⁶ <http://www.geocities.com/soho/museum9563/inundacion.html>

uma população ribeirinha vítima de uma enchente e aborda um fenômeno muito interessante no que se refere aos implícitos e às situações negadas e cindidas que existem no campo social em que a comunidade nega o seu conhecimento e com isso se expõe ao desastre. Pichon mostra-nos como os moradores da região sabiam, mas negavam, que o rio iria transbordar e causar a catástrofe. O rio muda de cheiro antes da inundação. Esse cheiro era negado por todos.

Em um dos dias em que fui à FEBEM nessa época, percebi que o cheiro estava diferente, mais ácido, um cheiro mais forte de urina. Imediatamente me veio a hipótese de que haveria uma rebelião nas próximas horas. Comuniquei isso aos monitores dizendo que, caso estivesse correto, a rebelião se daria naquele mesmo dia ou no próximo. Eles negaram de todas as formas, dizendo que não havia a menor evidência de uma revolta, que “a casa” estava tranqüila, sem agitação. Tal como os ribeirinhos não sentiam o cheiro do rio, eles não percebiam o cheiro da rebelião. Pois bem, a rebelião ocorreu no dia seguinte, em meio a outro dos grupos operativos.

Por esse fato, pode-se abordar a abrangência e complexidade da contratransferência enquanto instrumento diagnóstico. Da mesma forma que no atendimento individual, na instituição, o olhar e a palavra do analista vai-se constituindo por palavras, atos falhos, sonhos, fragmentos de fatos de toda ordem. A relação também é perpassada pelos cheiros, olhares, sensações corporais, associações livres por mais absurdas que pareçam ser. O difícil, porém necessário, é o processo de ir transformando esses cacos, pedaços e sinais em palavras, ou seja, transformar o fragmentado e mudo em simbólico, portanto em representação-palavra e ações transformadoras, fazendo, como já dizia Freud, em seu ‘Projeto de Psicologia’, de 1895, o processo de transformação da representação-coisa em representação-palavra.

Para falar desse mesmo processo, Pichon Rivière utiliza o conceito do sinistro que pode transformar o horror em belo. Para ele, esse é, fundamentalmente, o processo analítico já que o paciente apresenta ao analista na relação transferencial seus objetos internos destruídos, que se vão transformando pela palavra e, com isso, alterando sua estética na medida em que se vai construindo uma outra configuração interna. Para exemplificar, ele utiliza o quadro Guernica, de Picasso. A representação da morte e do despedaçamento do bombardeio nazista à população indefesa transforma-se em uma obra de arte das mais belas.

Em relação à transformação do cheiro em conhecimento, é importante trazer outro autor da escola Argentina de Psicanálise, que é Racker. Em seu livro sobre a Teoria da Técnica Psicanalítica, ele apresenta e elabora de maneira muito clara todas as sensações e percepções, inicialmente mudas, vividas pelo analista na relação transferencial. Essas fortes sensações são conteúdos inconscientes que os pacientes depositam no mundo interno do analista enquanto representação-coisa. A interpretação surge exatamente do processamento dessas sensações em representação-palavra. Assim, quanto mais o analista permitir-se ser o depositário das partes mais mudas e regredidas dos pacientes, dos grupos, das instituições e da comunidade, mais profunda e abrangente poderá ser sua interpretação.

Ainda quanto ao cheiro, ele é muito forte e marcante em diferentes instituições tais como os manicômios, hospitais e toda ordem de plantões sociais de acolhimento de populações em estado de miséria extrema, mais ainda na rua. É algo contra o qual não temos barreiras; penetra-nos diretamente no cérebro. Quanto mais forte ele é, maior o seu efeito disruptivo nas equipes de atendimento que tratam de defender-se dele todo o tempo. Muitas vezes, nesse processo, elas tornam-se cada vez mais rígidas, em

outras, abordam esta representação-coisa de forma maníaca, ou, então, identificam-se com os atendidos.

O cheiro não se pode palpar, possui algo incontrolável que ataca e invade o nosso inconsciente. É algo profundamente conhecido, já que nos remete ao que é mais primitivo e regredido, ao mesmo tempo em que é também desconhecido. Freud coloca no Mal Estar na Civilização que o pré-humano conhecia o mundo pelo cheiro, tal como os animais. À medida que conquista a postura ereta, passa a relacionar-se pelo visual. Além disso, é interessante mostrar que o fato de a ontogênese repetir a filogênese faz com que esse aspecto olfativo ainda esteja dentro do humano de maneira reprimida. Ainda com Freud, esse forte cheiro remete-nos àquilo que é familiar e não-familiar, ao *heinlich* e ao *unheinlich*, ao sinistro.

Nesse sentido, a questão do cheiro é uma das portas de entrada da questão de como a miséria desumaniza o humano. A pressão social que gera o desamparo e a miséria pode presentificar-se em um campo de concentração, no viver na rua, numa prisão, ou em um manicômio, derruba o ser humano da escala biológica e remete-o ao cheiro primitivo. O cheiro da miséria é um dos porta-vozes do sinistro de nossa sociedade que se abate sobre nós de maneira incontrolável, tal como faz a miséria e a morte presentes nas ruas, nos faróis e nas demais cenas de violência. O cheiro é também um dos porta-vozes emergentes daquilo que há de mais deteriorado no tecido social.

Gostaria ainda de levantar que situações como essas demonstram, claramente, a necessidade de os trabalhadores de saúde mental terem espaços de elaboração daquilo que é neles depositado. Sem isso, é muito comum que adoçam, neguem a realidade e tenham que se defender desses conteúdos tão graves que emergem do campo social e que se transformam em graves obstáculos para a ação transformadora; ou seja, há um duplo desperdício: o da

capacidade de trabalho e de recursos materiais que não podem ser aplicados adequadamente já que as equipes estão prejudicadas e enfraquecidas.

Outra experiência significativa na minha vida profissional foi a participação nos Encontros de Psicanálise e Psicologia Marxista, realizados em Cuba e promovidos pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana e Comitê Organizador Internacional⁷. Esses Encontros surgiram a partir de duas viagens realizadas por mim nos anos de 1984 e 1985 a Cuba. Na primeira, realizei contato com a equipe de saúde mental do Ministério da Saúde, e, na segunda, levei um grupo de psicólogos a um encontro promovido por essa mesma equipe. Foi nessa segunda viagem que me propuseram a realização de um seminário, encontro ou congresso entre brasileiros e cubanos no âmbito do Ministério da Saúde. No retorno ao Brasil, convidei o psicanalista Fábio Landa, o psicólogo Marco Aurélio Velloso e o médico pediatra Zelik Trajber⁸, para a constituição de um grupo de trabalho com o intuito da realização do encontro. Neste ínterim, o Ministério da Saúde recuou diante de nossa proposta que já era a da realização de um encontro latino-americano de psicanalistas e psicólogos marxistas em Cuba.

O recuo do Ministério da Saúde de Cuba era compreensível diante da importância histórica de um congresso com esse tema e suas implicações. Não nos demos por vencidos e procuramos a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana que, finalmente, aceitou a proposta. Cabe ressaltar da parte cubana a participação de Albertina Mitjans, então Decana da Faculdade, Fernando Gonzáles Rey, então Vice-Decano, Manoel Calvino, chefe do Departamento de Psicologia Geral e Juan José Guevara, professor e

⁷ Anais do II Encuentro Latino-americano de Psicología Marxista y Psicoanálisis – Intercambio de experiencias, prácticas y teorías. 15 a 19 de febrero, 1988, Ciudad La Habana, Cuba.

⁸ Zelik Trajber havia sido exilado em Cuba onde terminou o curso de Medicina. Em nosso grupo e no Comitê Organizador Internacional, principalmente pela parte brasileira, ele tinha por tarefa os contatos políticos que tiveram que ser realizados. Estes incluíram inclusive o Comitê Central do Partido Comunista de Cuba.

fundador do curso de Psicologia em Cuba. Diante do aceite da Faculdade de Psicologia é que tomamos a iniciativa de convidar os demais latino-americanos, fundamentalmente argentinos, alguns deles ainda no exílio, que já possuíam uma longa história na Psicanálise e no marxismo. Assim foi constituído o Comitê Organizador Internacional ao qual se agregaram nomes como Marie Langer, Armando Bauleo, Juan Carlos Volnovich, Marcelo Vinar (Uruguai), ainda radicado na França, etc⁹.

Os encontros alcançaram uma enorme repercussão em Cuba, nos meios psicanalíticos da Argentina e Brasil, além de alguns países europeus, com matérias jornalísticas inclusive no *Le Monde*, de Paris¹⁰. Ao longo de todo o século XX, ocorreram tentativas fracassadas de algo semelhante, principalmente na antiga União Soviética. O fato de ter-se dado em Cuba, primeiro país socialista da América Latina, tinha um sentido da realização de um velho sonho acalentado pelos psicanalistas e demais trabalhadores da saúde mental mais à esquerda, além de ter cumprido um enorme papel dentro de Cuba no sentido de romper um isolamento político e teórico.

Tanto no primeiro como no segundo encontro, viajamos com os cubanos diversas vezes para sua promoção pelo Brasil e Argentina, fazendo contatos com todas as instituições psicanalíticas. Ainda no âmbito do segundo encontro, foram constituídos comitês organizadores em diferentes estados brasileiros, coordenados por um comitê nacional. Para a nossa segunda ida a Cuba, em 1988, fretamos um DC-10 da Varig, que foi o primeiro avião brasileiro a pousar oficialmente em Cuba depois da Revolução, com 260 psicólogos, psiquiatras e trabalhadores de saúde mental brasileiros.

⁹ BROIDE, J. *Como se Organizou o Encontro em Cuba*. Gradiva Foro de Debates Psicanalíticos, Rio de Janeiro, 1986.

¹⁰ GONZÁLEZ Rey, F. *La Psicología en Cuba*. In: Revista Interamericana de Psicología. Edición Especial: Historia de la Psicología en Caribe. Volumen 34, numero 2, 2000.

A participação enquanto membro do Comitê Internacional (1986/1988) e Coordenador brasileiro (1988) geraram um salto qualitativo tanto na vida pessoal quanto na profissional. Ainda muito jovem foi possível o trabalho conjunto com figuras de grande importância na Psicanálise da América Latina, em um país socialista. Na Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana, tive a importante experiência de proferir seminários sobre Psicanálise e até corrigir provas de alunos. No Ministério da Saúde de Cuba, em um de seus cursos de pós-graduação, pude coordenar o Primeiro Seminário sobre a Interpretação dos Sonhos, realizado naquela instituição. Cuba propiciou também o conhecimento de um trabalho de saúde mental que era estendido a toda a população, ou seja, na casa, no trabalho, nos centros de saúde, hospitais, etc. Foi ainda no âmbito dos Encontros que foi possível conhecer inúmeros trabalhos psicanalíticos fora do “setting” tradicional de consultório realizados em toda a América Latina. Grande parte deles eram realizados com uma forte influência do pensamento de Enrique Pichon Rivière.

Essa experiência na área da Psicologia e da Psicanálise latino-americana foi fundamental também em duas atividades que desenvolvi posteriormente. A primeira foi a fundação e conseqüente desenvolvimento do Centro Latino-americano de Estudos em Saúde Mental que relato logo a seguir. A segunda foi o convite, em 1997, para compor a chapa — com vitória nas eleições — e assumir a gestão no Conselho Federal de Psicologia.

A experiência de participação no CFP trouxe uma visão mais ampla do Brasil e do exercício da profissão, possibilitando uma compreensão das diferenças regionais e da ação dos diversos órgãos do poder público, ministérios e políticas governamentais. No entanto, é interessante relatar que o principal motivo para aceitar tal convite foi a concordância do grupo que

compunha a futura diretoria da instituição¹¹ de que eu ficasse responsável pelo trabalho desenvolvido nas relações institucionais do CFP na América Latina.

Assim, foi possível pensar a ação do órgão oficial da psicologia brasileira numa verdadeira perspectiva de cooperação e criação de políticas comuns no âmbito do Mercosul e do continente, envolvendo também os Conselhos Regionais que estavam bastante afastados do tema. Isso possibilitou ao Brasil integrar, cada vez mais, o movimento das instituições afins na América Latina. Durante esse período, foram assinados protocolos sobre a formação e o exercício profissional no Mercosul; realizados congressos com a presença massiva de psicólogos brasileiros no Uruguai, no Paraguai, no Chile e na Argentina; foi criada uma política das instituições representantes da profissão além de uma articulação dos países do Mercosul para uma ação comum e integradora no restante do Continente.

1.3 O Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental

No ano de 1989, é fundado o Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental¹², instituição que presidi ao longo de seus 10 anos de existência. Lá foram desenvolvidos trabalhos com um grupo interdisciplinar de colegas que resultaram num importante desenvolvimento científico e profissional. Foi nessa instituição que se consolidou um Esquema Conceitual

¹¹ Presidente, Ana Bock; Vice-Presidente, Francisco Vianna; Secretário, Marcos Vinicius Oliveira. Nos últimos seis meses da gestão, ocupei a função de Vice-Presidente.

¹² Organização não-governamental em São Paulo, composta por uma equipe interdisciplinar e fundada por Rosa Salmen Scaramuzzi, assistente social e diretora técnica, Irineu Silva Junior, sociólogo e diretor científico e por mim, com a colaboração do Dr. César Augusto Ottalagano, psicanalista argentino que viveu no Brasil de 1970 a 1994. Mais tarde, foram também diretores da Instituição a Profa. Livre Docente da Escola de Enfermagem da USP, Dra. Maria Helena Trench Ciampone; Maria Aparecida Miranda, psicóloga e o Prof. Sinésio Bachetto, sociólogo.

Referencial e Operativo (ECRO)¹³ baseado agora de forma mais profunda nas obras de Freud, de Pichon Rivière e seus seguidores, assim como do Materialismo Histórico e Dialético. Foi também no Centro Latino-Americano que progrediram as pesquisas sobre a vida na rua e a constituição do sujeito em condições de miséria extrema. Todas essas pesquisas e intervenções foram realizadas pelo grupo operativo enquanto instrumento de diagnóstico, intervenção e produção de conhecimento. Os trabalhos foram desenvolvidos em instituições públicas, em intervenções independentes, na área de formação de profissionais em Psicanálise e para o trabalho direto em campo.

O primeiro trabalho que realizamos foi ainda no ano de 1989, no âmbito da Secretaria do Bem Estar Social, durante a gestão de Luiza Erundina, na Prefeitura de São Paulo. A SEBES realizou uma pesquisa ampla sobre a população moradora de rua na cidade de São Paulo com diferentes instituições¹⁴. Coube à nossa equipe a realização de grupos operativos com os técnicos da secretaria que estavam envolvidos diretamente com essa população. O material grupal levou-nos a perceber um mecanismo importante que denominamos de **matriz reprodutora da exclusão**.

Na matriz reprodutora da exclusão, o técnico que entra em contato direto com a população de rua depara-se com situações muito mobilizadoras que são a morte, a sujeira, as doenças de pele, o cheiro, a degradação humana e o desastre sempre iminente. Defronta-se com a máxima exclusão e a cobrança implícita ou explícita do sujeito atendido por uma solução urgente. A urgência da ação e a repulsa diante da degradação humana levam o técnico a um sentimento efetivo de impotência, fazendo com que, muitas vezes, negue

¹³ ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo) é um termo cunhado por Pichon Rivière para se referir à relação que existe entre uma determinada teoria e sua prática, que se dá pela operação no campo social.

¹⁴ População Moradora de Rua. Quem é, como vive e como é vista. Organização e redação final de Maria Antonieta da Costa Vieira, Eneida Maria Ramos Bezerra, Cleisa Moreno Maffei Rosa. São Paulo: Hucitec, 1992.

de diferentes formas o sujeito que ele mesmo atende, ou seja, há uma forte ambigüidade nesse vínculo.

Essa é a maneira pela qual o sentimento de impotência e desespero da população moradora de rua foi depositado no mundo interno do técnico pelo mecanismo da transferência. Ao retornar à instituição, ele torna-se o porta-voz do homem de rua dentro de seu espaço de trabalho, na relação com seus supervisores e nas reuniões de equipe, quando enuncia a sua experiência de urgência e dilaceramento. Isso se manifesta geralmente pela cobrança de ação ao supervisor, das queixas e da atuação da violência e degradação da vida na rua, nos vínculos institucionais. Passa a ocorrer com o técnico na instituição algo bastante semelhante ao que acontece com a população de rua. A instituição já não sabe o que fazer com o técnico e a urgência que ele traz. Agora ele é rejeitado pelo supervisor que passa a viver os mesmos mecanismos de impotência, repulsa, urgência, etc.

A matriz reprodutora da exclusão se dá na medida em que esse mecanismo vai-se repetindo nos diferentes escalões institucionais. Isso nos ficou claro em um seminário em que apresentávamos os resultados do trabalho e a Secretária Municipal do Bem Estar Social nos diz: *“Agora sim entendi por que não sou escutada nas reuniões de gabinete. Quando começo a falar da população de rua e da urgência e degradação da situação, os outros secretários não querem me escutar e tentam negar e excluir o que digo.”*

Outro trabalho feito pelo Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental foi a realização de treze grupos operativos de supervisão concomitantes nas Varas da Infância e na Vara Especial do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, onde eram trabalhados os casos clínicos e a

problemática institucional¹⁵. Nessa intervenção, vale ressaltar a abordagem utilizada. Geralmente realiza-se ou o trabalho de supervisão clínica, ou o chamado trabalho de análise institucional. No entanto, a partir de toda a experiência anterior, já havíamos percebido que a dinâmica das equipes de trabalho no setor social costuma ser muito conturbada. Muitas vezes é aparentemente mais fácil a equipe ficar em conflito permanente do que atender casos tão complexos. Cria-se, então, de modo defensivo, um acordo inconsciente para ficarem ‘colados’ no conflito grupal. Pelo menos, trata-se de uma situação conhecida em que podem ter um certo controle e previsibilidade de como cada um irá reagir. O mesmo, com certeza, não ocorre no atendimento de casos complexos.

Esse conhecimento fez com que inaugurássemos no Tribunal de Justiça uma outra modalidade de intervenção. A demanda era por uma análise institucional e propusemos que fosse realizada pela supervisão dos casos clínicos atendidos pelas equipes. Assim, seguíamos os conflitos institucionais a partir da tarefa que os unia, ou seja, os atendimentos. Dessa forma, o caso clínico deixava de estar isolado dentro da instituição. Era necessário entendê-lo e pensá-lo na transferência e contratransferência do técnico, do atendente, do policial, do promotor, do juiz, ou seja, todas as instâncias institucionais, e como estas se relacionavam entre si a partir de sua tarefa.

Mais uma vez o material grupal trazia inúmeras situações limites do trabalho desenvolvido pelos técnicos. Uma delas, por exemplo, era a forma como se realizavam e eram utilizados os relatórios da equipe técnica pelo juiz. Os psicólogos e assistentes sociais tinham, na maior parte dos casos, não mais de duas entrevistas com a população para dar seu parecer. Frequentemente, tratava-se de casos de adoção, internação de crianças em instituições e a

¹⁵ Um breve relato de investigação e clínica social. Boletim de Novidades. Pulsional Centro de Psicanálise. Ano VIII. Número 71. São Paulo, março de 1995.

destituição do pátrio poder. Além disso, diferentemente do que se dizia, o juiz baseava-se, fundamentalmente, nesse laudo para sua sentença. Assim, o juiz abria mão de forma velada de seu poder de julgamento que era assumido, também de forma velada e, muitas vezes, sem clareza pela equipe técnica, fazendo com que assumissem o pior trabalho do magistrado: a responsabilidade psíquica pelo destino de um sujeito ou de um grupo familiar.

Outra função que acabava sendo tomada pela equipe era a execução de sentenças. Chegou-se a ponto de, por ordem (indevida) de juiz, técnicos tirarem crianças do colo de mães na destituição de pátrio poder em pleno corredor do fórum.

Assim o trabalho grupal permitiu um aprofundamento da discussão de qual o lugar institucional das equipes técnicas formadas pelos psicólogos e assistentes sociais. Uma vez que não tinham clareza de sua tarefa, a instituição depositava nelas suas incompetências, fazendo com que fosse cada vez mais difícil a realização de sua função que era o estudo dos casos e a confecção de relatórios que servissem de subsídios para a decisão judicial que cabia ao juiz.

Outro trabalho que vale a pena ressaltar foi o que realizamos no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Nesse trabalho, a equipe do Centro Latino-Americano realizou, a pedido da Superintendência do Hospital das Clínicas, uma intervenção no Instituto Central¹⁶. Foram abordadas 48 clínicas que enviaram seus representantes a 25 grupos operativos. Além dessas, participaram também a farmácia, o centro cirúrgico, o arquivo, o laboratório de análises clínicas, a manutenção, o pronto-socorro, a cozinha, a coordenação de enfermagem e a divisão de Psicologia, ao todo, aproximadamente, 300 pessoas. Os grupos

¹⁶ O Superintendente era o Dr. Alberto Kanamura.

eram uma simples amostra de todos os envolvidos nas clínicas, ou seja, eram multiprofissionais.

A tarefa consistia em que cada uma das clínicas desenvolvesse um plano de gerenciamento local. Isso implicava um estudo a ser desenvolvido por eles a respeito de seu local de trabalho. A metodologia utilizada era a de realização de grupos operativos quinzenais. A cada um desses encontros, reuniam-se vários grupos e, no momento inicial, realizava-se uma abordagem teórica ou a formulação dos indicadores a todos os grupos presentes. Os temas eram sempre relativos às questões da gestão de organização complexas e como os grupos e sujeitos vivem dentro delas, e eram escolhidos a partir dos emergentes surgidos nos grupos e na instituição, durante a semana anterior. Ao final de cada semana de trabalho, nós nos reuníamos com o Diretor do Instituto Central¹⁷ para a elaboração dos conteúdos dos últimos dias. Da mesma forma, eram também realizados encontros com o Superintendente do Hospital das Clínicas.

Após o primeiro momento, dividiam-se os grupos, sempre com os mesmos coordenadores. Ao terminar os grupos pequenos, todos se reuniam novamente no grupo grande para uma nova elaboração, em que eram abordados os conteúdos emergentes dos pequenos grupos. No grande grupo, era possível, também, o trabalho de elaboração das interfaces entre as diferentes clínicas. Essa metodologia possibilitou com que fossem sendo identificados indicadores que permitiam a leitura da realidade, já que as equipes, na maior parte das vezes, não tinham informações sobre suas próprias clínicas. Cada grupo, portanto, realizava uma pesquisa em seu próprio local de trabalho e, ao longo do processo, foi formulando seu plano de gerenciamento. Mais de 65 % dos grupos conseguiram realizar a tarefa.

¹⁷ Dr. Gonçalo Vecina.

Essa experiência possibilitou o aprofundamento da utilização do grupo operativo, da escuta e da abordagem do inconsciente na gestão de uma organização de alta complexidade. Foi possível, também, observar a importância do desenho metodológico em uma intervenção institucional em que deviam ser observadas inúmeras variáveis, possibilitando entender verdadeiramente o material que surgia nos grupos. Isso é importante uma vez que, muitas vezes, se pode pensar o trabalho institucional restrito à escuta analítica e não se dá a devida atenção ao movimento concreto da instituição. É necessário entender, pelo menos em linhas gerais, como funciona o centro cirúrgico, o pronto-socorro, a farmácia para poder compreender verdadeiramente o que dizem os profissionais, já que eles se constituem enquanto sujeitos nas suas relações de trabalho e dramatizam os conflitos e dificuldades existentes nos vínculos institucionais que emergem no grupo operativo.

Os trabalhos desenvolvidos pelo Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental em instituições públicas foi-nos dando uma experiência de abordagem por meio do grupo operativo em situações complexas com um grande número de pessoas. No Tribunal de Justiça, foram 200 técnicos; no Hospital das Clínicas da FMUSP, aproximadamente, 300; e, na Fundação ABRINQ, Para os Direitos da Criança, onde fizemos a capacitação de todas as instituições que recebiam verbas da Fundação no Programa Nossas Crianças, o contingente chegou a 500 educadores e técnicos.

Além dos trabalhos efetivados em instituições públicas, o Centro Latino-Americano desenvolveu um forte trabalho clínico com as populações que vivem na e da rua em distintos momentos, não só processando a

experiência de vários membros da equipe¹⁸ como também no atendimento direto^{19 20 21}. Muitos deles foram atendidos individualmente ou em grupo na clínica social da instituição²². Além disso, também foi realizado um trabalho de atendimento a famílias vivendo na rua²³.

Foi ainda no âmbito da instituição²⁴ que realizei minha dissertação de mestrado, terminada em 1993²⁵. A pesquisa foi uma segunda volta na espiral no trabalho de rua e na população atendida em Osasco, dez anos antes. O retorno ao mesmo lugar permitiu uma visão aprofundada da história de vida daqueles que antes eram crianças e adolescentes. Dos atendidos anteriormente, um estava preso e somente mais dois haviam sobrevivido e mantinham-se no mesmo local. Ao final do grupo operativo no Largo de Osasco, os dois únicos remanescentes do trabalho desenvolvido dez anos antes também foram assassinados por paramilitares.

O trabalho de pesquisa foi a realização de um grupo operativo terapêutico durante dois anos e meio no mesmo Largo de Osasco²⁶ que incluía também a população remanescente do trabalho anterior. O grupo foi realizado na própria rua, ao redor de uma caixa de engraxar sapatos. Os participantes

¹⁸ Paniel: *Estou no Mundo da Rua*. Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental, mimeo, org. Irineu Silva Jr.. São Paulo, 1990.

¹⁹ TRENCH, Ciampone, M.H. “Uma proposta de intervenção baseada na família”. In: *Famílias. Aspectos conceituais e questões metodológicas em projetos*. Luiz A. Palma e Silva, Silvia Andrade Stanisci, Sinésio Bachetto (Orgs) Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria de Ação Social. FUNDAP (Fundação do Desenvolvimento Administrativo), Brasília, São Paulo, 1998.

²⁰ PENTEADO Camargo, A. “O trabalho com famílias em situações institucionais. Uma proposta de intervenção baseada na família”. In: *Famílias. Aspectos Conceituais e questões metodológicas em projetos*. Luiz A. Palma e Silva, Silvia Andrade Stanisci, Sinésio Bachetto (Orgs) Ministério da Previdência e Assistência Social, Secretaria de Ação Social. FUNDAP (Fundação do Desenvolvimento Administrativo), Brasília, São Paulo, 1998.

²¹ “A Psicoterapia Psicanalítica na rua realizada por meio de Grupo Operativo”. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*. Conselho Federal de Psicologia, ano 12, numero 2/92, Brasília.

²² A Supervisora da Clínica Social do Centro era a Psicanalista Marilucia Meirelles.

²³ BROIDE, J. e BRANDÃO Salles, I. *O Atendimento Psicanalítico a Famílias de Rua*.

²⁴ Durante um ano coordenei o grupo sozinho. Depois, tive a valiosa colaboração da colega psicóloga Verônica Mendes de Melo, também da equipe do Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental que co-coordenou junto comigo o grupo de rua durante o restante do tempo de trabalho (um ano e meio).

²⁵ BROIDE, J. Dissertação de Mestrado na PUCCAMP, 1993. *A Rua enquanto Instituição das Populações Marginalizadas: Uma Abordagem Psicanalítica por meio de Grupo Operativo*.

²⁶ Principal praça da cidade de Osasco.

eram engraxates, prostitutas, transeuntes, pequenos traficantes, enfim pessoas que obtinham sua subsistência da rua. A pesquisa teve dois objetivos: o primeiro que se refere ao instrumento utilizado foi o de investigar se o grupo operativo, tal como foi concebido por Enrique Pichon Rivière, aplicado na forma de psicoterapia analítica de grupo e na situação de rua, é um instrumento de investigação e transformação da realidade. Outro aspecto contido neste primeiro objetivo é o referente ao trabalhador de saúde mental em situações críticas de miséria. Esse aspecto foi investigado pela dinâmica da transferência e da contratransferência em um trabalho grupal nessas condições.

Um segundo objetivo da pesquisa foi o de investigar se a Psicanálise pode ser aplicada a qualquer situação social, o que engloba a investigação do “mundo da rua”, por meio de seus vínculos mais profundos tratando de entender o que constitui a rua para as populações marginalizadas que nela vivem ou dela sobrevivem, buscando subsídios para os programas de atendimento e a implantação de políticas sociais mais condizentes com a problemática. A pesquisa concluiu que a psicoterapia analítica de grupo na rua é um efetivo espaço de transformação e reflexão e que os mecanismos de exclusão social causam um intenso impacto no mundo interno dos sujeitos, gerando uma forte regressão, criando um vínculo simbiótico com a rua, fazendo com que essa se constitua enquanto instituição das populações marginalizadas. Foi possível entender também que a rua é um espaço de morte e um forte porta-voz do sinistro e do mal-estar de nossa cultura.

Outro aspecto a ser levantado é como se realiza o trabalho e quais os seus efeitos e contribuições diretas às pessoas em tal estado de miséria. O que se pode dizer é que, mesmo sem ter a menor notícia do que seja um psicólogo ou um psicanalista, o sujeito imediatamente percebe que o tipo de conversa que lhe é proposto é muito diferente daquilo que já conhece por

parte de outros atores sociais daquele espaço urbano, sejam eles pares, religiosos, policiais, traficantes, etc. Ele identifica que se trata de um outro registro — a escuta clínica — e expressa seu desejo e sua demanda na relação, trazendo abundante material sobre suas vidas.

O vínculo transferencial vai-se estabelecendo à medida que o sujeito começa a perceber que tal como dizemos, estaremos toda a semana no mesmo dia, hora e local para escutá-lo. Esse local pode ser a porta de um bar, uma praça, uma caixa de engraxar sapatos, etc. É com a regularidade da presença que vai surgindo a associação livre uma vez que ele percebe poder falar qualquer coisa do seu mundo interno ou externo. Assim, mesmo sem ter a expectativa de que essas pessoas saiam da rua, é dentro dessas condições que se vai estabelecendo um espaço de reflexão e elaboração de perdas tão significativas. Nosso papel é o de apontar e interpretar. O grupo e a relação terapêutica tornam-se um lugar de continência onde os fragmentos, fantasias e estilhaços começam a surgir na transferência, no sonho, na relação com os outros e vão-se transformando em palavras e pensamentos.

Geralmente é a primeira oportunidade que têm para uma conversa sobre seus afetos e sua história. Observamos, também, que o trabalho grupal diminui as atuações de violência e drogadição. À medida que vão introjetando a dinâmica do grupo, vão ampliando seu processo secundário, o que evita graves situações. Muitas vezes, emerge algum forte desejo de atuação e, com a elaboração grupal, mudam sua atitude, evitando graves rupturas familiares ou mesmo a morte. Eles pedem ao grupo que os contenha. Em outras ocasiões, observamos que tiveram uma segurança que não tinham antes para enfrentar as autoridades do setor público em momentos de lutas por seus direitos.

O Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental encerrou suas atividades no ano de 1999. O trabalho nas áreas sociais críticas, no entanto, seguiu. Em todas essas situações, o referencial foi sempre o clínico e a práxis no campo social viabilizou-se por meio do grupo operativo realizado em sua forma mais rigorosa, transformando o inconsciente em consciente, operando sobre os obstáculos à tarefa por meio do assinalamento e interpretação na transferência grupal. Assim, a somatória de trabalho como psicanalista em consultório particular, a prática nas mais variadas situações sociais, aliada à atividade docente como professor da obra de Freud e Pichon Rivière no Centro Latino-Americano e em outras instituições de formação psicanalítica, e o desenvolvimento desses fatores em instituições de alta complexidade constituíram minha formação até o advento do Doutorado. Concomitantemente ao início do Doutorado, somou-se à minha vida profissional a atividade como empresário.

1.4 A Economia e a Psicanálise: Um Momento de Síntese

Durante seis anos e meio, de 1999 a 2005, por motivos familiares, houve a necessidade de assumir a direção de uma indústria, mais precisamente uma indústria de tintas. Surge, assim, um fato inusitado que é dirigir uma empresa, de capital nacional e de porte pequeno/médio, a partir da formação de psicólogo, em Psicanálise e com um referencial materialista histórico e dialético. Ali foi possível observar em profundidade a relação entre a economia e a constituição da família e do sujeito, sendo, portanto, um ponto privilegiado de observação da dinâmica da subjetividade em função das relações sociais e de produção. Então, se antes havia a experiência com o sujeito em situação de miséria e exclusão, assim como com a população de

classe média e alta no consultório, nesta fase, deparei-me diretamente com os mecanismos econômicos que constituem uma e outra.

Este lugar me permitiu uma compreensão vez mais aprofundada do que é o capitalismo contemporâneo, assim como do processo de globalização e o lugar do trabalho na vida humana. É inegável que o contato direto com as relações de produção causaram um profundo impacto em minha práxis enquanto sujeito, psicanalista e pesquisador.

Junto à atividade de empresário nos últimos anos, tenho desenvolvido diferentes trabalhos institucionais entre os quais vale citar a supervisão a uma das maiores sociedades de formação de operadores de grupos do país, a equipe de técnicos da Secretaria do Bem Estar Social da Prefeitura de Paulínea; a coordenação de grupo de estudos com técnicos de distintos setores da Prefeitura de Campinas que trabalham diretamente em programas críticos tais como o Renda Mínima e crianças de rua.

Na cidade de Porto Alegre, foi possível realizar a capacitação de, aproximadamente, 120 monitores, técnicos e gerentes da Fundação de Assistência Social Comunitária (FASC) da Prefeitura, além de intervenções pontuais na Secretaria da Saúde desse mesmo município e, ainda, supervisão a um grupo que desenvolve um jornal com a população de rua de Porto Alegre no ano de 2003.²⁷ Ainda nesta cidade, fomos contratados pela prefeitura para darmos supervisão aos distintos programas de ação com crianças e adultos de rua, além de termos como tarefa contribuição para a constituição e ordenamento da rede de atendimento à população moradora de rua na cidade através da coordenação de um grupo intersecretarial²⁸ responsável pelas ações da prefeitura no campo.

²⁷ A partir de 2002 quase todos os trabalhos que desenvolvi foram realizados em parceria com Emilia Estivalet Broide.

²⁸ Fundação de Assistência Social Comunitária (FASC), Secretaria da Saúde, Secretaria da Habitação e Secretaria da Indústria e Comércio, Secretaria dos Direitos Humanos.

Na cidade de São Paulo, também realizei a supervisão da equipe de atendimento em saúde mental da Guarda Municipal Metropolitana. e, também, junto à Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas de Autogestão (ANTEAG). Essa última ação foi ligada ao governo federal, mais precisamente à Secretaria da Economia Solidária (SENAES) do Ministério do Trabalho. Trata-se do desenvolvimento do I e II Plano Nacional de Qualificação das cooperativas e empreendimentos de auto-gestão, coordenado pela ANTEAG²⁹. Esse projeto também tem a participação direta da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP. A parte que me coube coordenar em conjunto com a ANTEAG é justamente a que se refere à qualidade de produtos e serviços. No II PNQ fui o responsável pelo desenvolvimento da metodologia do trabalho desenvolvido através de oficinas de trabalhadores em diversas regiões do Brasil.

Na cidade de Guarulhos, no ano de 2004, fizemos uma intervenção grupal com aproximadamente 250 trabalhadores do Fundo Social de Solidariedade que é coordenado por Janete da Rocha Pietá, através da PUC-SP, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Psicologia da Educação. Essa experiência foi desenvolvida diretamente pelo Núcleo de Psicanálise e Sociedade e teve a Coordenação Geral na pessoa do Prof. Dr. Raul Pacheco Filho, a Coordenação Executiva foi realizada pela Profa. Dra. Isleide Fontenelle e a Coordenação Técnica ficou a meu encargo. A PUC-SP esteve representada também pela Profa. Dra. Mitsuko Antunes que, além de participar da articulação do trabalho, realizou a ponte entre a Prefeitura de Guarulhos e a Universidade. Foram três dias de trabalho utilizando a metodologia do grupo operativo tendo como referência a Experiência Rosário

²⁹ Os parceiros da ANTEAG neste projeto são: ABCRED, ADS/CUT, CARITAS, CONCRAB, FASE, IBASE, PACS, Rede Brasileira Socioeconômica Solidária, Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária, Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, UNITRABALHO.

desenvolvida por Enrique Pichon Rivière, na década de 50', na Argentina.³⁰ Essa intervenção tinha por tarefa elaborar aspectos contratransferenciais vividos pelos trabalhadores do Fundo Social, possibilitando um debate profundo sobre as dificuldades de sua ação cotidiana.

Ao longo do ano de 2005, realizamos um trabalho de consultoria à Secretaria da Saúde de Guarulhos, no programa da constituição de uma base de dados unificada sobre a violência em projeto, financiado pelo Ministério da Saúde. Aqui fizemos uma nova experiência que é tratar de mobilizar a segunda maior cidade de São Paulo e o oitavo PIB do país, realizando um seminário³¹ com uma equipe intersecretarial, e com ajuda de nossas alunas do grupo operativo, em que estavam presentes 1.200 pessoas entre crianças adolescentes, militares, agentes da polícia federal, polícia civil e militar, agentes de saúde, professores, assistentes sociais, etc. Durante o dia, na parte da manhã, foi feita uma mesa redonda sobre a questão da violência e, à tarde, foram realizados grupos operativos que se encerraram em um grande grupo de 800 pessoas. Além da presença do prefeito, estava também grande parte do secretariado.

Esse seminário trouxe algo novo e importante já que até então havia tido uma prática individual, grupal, nas instituições e nas ruas, mas essa foi a primeira vez que foi possível pensar e executar o trabalho grupal sobre o tema da violência, pensando e realizando a mobilização de uma cidade por seus diferentes atores.

Para encerrar, gostaria de realizar uma última reflexão: o que une os diferentes trabalhos realizados ao longo de minha vida profissional, e, também, qual a diferença entre eles? Existe algum fio condutor? O caminho é

³⁰ PICHON RIVIÈRE, E. Técnica dos grupos operativos. In: *O processo grupal*.

³¹ O Seminário Viva Construindo a Paz foi coordenado pela subsecretária da saúde e coordenadora do Fundo Social de Solidariedade de Guarulhos Janete Rocha Pietá, e por Emilia Estivalet Broide.

pensar qual é o produto de cada uma dessas diferentes inserções. No consultório, podemos pensar que o produto é a transformação do sintoma no percorrido do desejo por meio da palavra na transformação da vida. Na consultoria pública, o produto é o atendimento à população. Nas empresas de autogestão, é a obtenção do lucro e sua repartição entre os cooperados. Já na empresa privada, é o lucro do capitalista.

Em qualquer um desses casos, a confusão a cerca do produto inviabiliza o trabalho. Se, no consultório, o produto for o lucro e, na empresa, a descoberta do verdadeiro desejo, a tarefa não se realiza. A mesma coisa na consultoria, se o produto for somente o desejo da equipe ou o lucro político da instituição, a população ficará excluída.

Na verdade, é o produto que irá definir a tarefa e deverá liderar o processo. Assim, o fio condutor é o método psicanalítico que está presente nos diferentes trabalhos e lugares. Seu papel é desobstruir, pela palavra, os conflitos e resistências à tarefa os quais surgem como sintomas no paciente, na instituição e na comunidade.

Cabe relatar agora como cheguei ao campo e ao tema da pesquisa. Como é possível perceber a partir dessa introdução, o tema da juventude em situações sociais críticas perpassa toda a minha vida profissional. Dentre os trabalhos que desenvolvi no ano de 2002, houve um extraordinariamente rico pelo material clínico que gerou. Vínhamos³² trabalhando com uma ONG que desenvolve ações na área da violência, nas periferias da cidade de São Paulo, com recursos da UNICEF, quando dois jovens líderes comunitários ligados a um dos programas de formação contra a violência cometeram um assassinato.

Os jovens não foram presos e a instituição ficou diante de um sério dilema de como agir em tal situação. Houve, então, a idéia de realizar um

³² Emília Estivalet Broide, Stella Maris Chebli, psicólogas e psicanalistas.

grupo operativo do qual participassem os dois rapazes que haviam cometido o crime. Foram convidados também outros jovens da periferia afetados por graves situações de violência, alguns sobreviventes de chacinas, mais os membros da instituição responsáveis pelos programas e alguns intelectuais comprometidos com o tema. O objetivo do grupo, ou melhor, a tarefa era exatamente a elaboração do crime por parte dos jovens e da instituição. A diretoria da ONG convidou-me para coordenar o grupo e eu estendi o convite à psicóloga e psicanalista Emilia Estivalet Broide para co-coordenar o grupo. É esse o material clínico que será analisado na tese.

CAPÍTULO 2

2

Os Parâmetros da Pesquisa

2.1 A Delimitação do Problema da Pesquisa

Esta pesquisa tem por objetivo contribuir para a compreensão da violência que abate a juventude nas periferias das grandes cidades brasileiras, usando o material clínico de um grupo operativo. Assim, o eixo central desta tese constitui-se da psicanálise em situações sociais críticas, tendo como instrumento o grupo operativo, abordando o problema da violência e as possibilidades que a clínica enseja no sentido de trazer conhecimentos concretos para esse campo de trabalho.

A dificuldade da constituição de um projeto de país, em um momento em que o tecido social está mais deteriorado e fragmentado em função da pobreza, da miséria e dos processos de globalização, faz os jovens ficarem expostos a toda sorte de riscos, desde a morte aos graves ferimentos por crimes banais, além da adesão ao tráfico de drogas como única alternativa de vida.

A psicanálise tem que dizer a que veio nas situações sociais críticas, e também, entre elas, esse tema tão agudo. Para isso, não bastam abordagens genéricas. É necessário o aprofundamento clínico na busca de um saber que permita contribuir um pouco mais, e de maneira concreta, para o entendimento dos processos sociais de constituição do sujeito, na preservação de vidas, na construção de políticas sociais e dos programas de atendimento.

No que se refere ao trabalho grupal, pretende-se mostrar, com a maior clareza possível, a teoria e a técnica utilizada. Isso em razão de dois aspectos: o primeiro é permitir o acesso livre ao material clínico do grupo; o segundo é a tentativa de contribuir ao campo grupal dentro da psicanálise e do trabalho social.

2.2 O Campo Clínico da Pesquisa

No final do ano de 2002, fomos chamados por uma ONG que trabalha com jovens nas periferias da cidade de São Paulo para a realização de um grupo operativo que foi coordenado por Emília Estivalet Broide e por mim. A instituição havia sido surpreendida pelo seguinte fato: dois jovens cometeram um homicídio, com motivação aparentemente banal. O motivo foi um desentendimento em um baile, onde um jovem jogou uma latinha de cerveja em um dos rapazes vinculado à ONG. Após o desentendimento na festa, os rapazes conhecidos da instituição — vendo ou pensando que o grupo rival estivesse armado — foram até suas casas, buscaram armas (segundo eles, para poder conversar) e acabaram atirando em um dos rapazes do outro grupo. Esse ficou em coma durante alguns dias e morreu. Na mesma noite do homicídio, esses rapazes buscaram a ajuda da instituição. Imediatamente surgiram inúmeras questões para a equipe técnica procurada, entre elas: o que fazer com os rapazes? Como acolhê-los sem ser conivente com o homicídio, com a morte de outro jovem?

Diante da questão, a ONG propôs a constituição de um grupo de discussão sobre o ocorrido em que os envolvidos no homicídio participassem juntamente com outros jovens afetados por situações de violência, líderes comunitários, diretores e gerentes da ONG e alguns intelectuais ligados à

instituição. O caso era emblemático na medida em que trazia uma questão de fundo: por que uns jovens matam e outros não? Por que alguns se envolvem diretamente em situações de violência e ilegalidade e outros não? A expectativa era a de que o grupo deveria refletir sobre as situações de violência nas periferias vividas pelos jovens. Esse conhecimento, por sua vez, deveria subsidiar ações concretas para a instituição.

2.3 O Referencial Teórico

O referencial utilizado é, fundamentalmente, a obra de Sigmund Freud e a chamada Escola Argentina de Psicanálise, especialmente na teoria de Enrique Pichon Rivière e vários de seus seguidores, não excluindo, evidentemente, outros autores que possam contribuir com o tema aqui estudado.

Estarão presentes também as fundamentais contribuições de Marx e Engels para a economia política. Quanto à relação entre o materialismo histórico e dialético e a psicanálise, esses dois saberes ocupam lugares distintos. Dentre os vários autores que tratam da questão, são muito interessantes as colocações de Bleger no que se refere, principalmente, ao cuidado de se evitar “psicanalisar” os fenômenos sociais. Ele critica, de modo muito lúcido, os psicanalistas que tomam como fenômenos da mesma ordem, por exemplo, forças e conflitos psíquicos e forças e conflitos sociais. Isso, segundo ele, leva a uma “superafetação”¹ da Psicanálise.

¹ BLEGER retira o conceito de superafetação da obra de Lênin “Materialismo e Empirocriticismo” in *Psicanálise Materialista Dialectica*.

Outro autor presente neste trabalho é Sartre, uma vez que seu texto “Questões de Método” fundamenta inúmeros aspectos centrais da obra de Pichon Rivière, por exemplo, a questão da relação entre a filosofia, a psicanálise e o marxismo. Para Sartre, a filosofia não consegue operar diretamente no homem concreto. Para isso, são necessárias as mediações realizadas pela Psicanálise², que aborda o sujeito em sua verticalidade, sua história pessoal e familiar, e pela Sociologia que estuda o ser humano em suas relações horizontais, no meio em que esse sujeito está inserido e constituído³.

Exatamente, nesse sentido, é fundamental para esta pesquisa a compreensão da realidade brasileira, dos processos de globalização e das relações de produção do mundo atual. Para isso, serão de grande valia as contribuições de Octavio Ianni, Emir Sader e Francisco de Oliveira no campo da Sociologia, Milton Santos no âmbito da Geografia, além das obras de Zygmunt Baumann, Giorgio Agamben e Pierre Bourdieu que nos ajudam sobremaneira no entendimento do mundo contemporâneo.

2.4 Metodologia

Foi utilizado o método clínico da Psicanálise pautado pela escuta do inconsciente, da sexualidade infantil e da transferência, pela associação livre desenvolvida na dinâmica do grupo operativo, realizado dentro da concepção de Enrique Pichon-Rivière. É importante mostrar, também, o quanto foi útil ao processamento do material clínico as leituras realizadas sobre o método qualitativo de pesquisa, principalmente em relação às sucessivas elaborações

² SARTRE coloca que “A psicanálise, no interior de uma totalização dialética, reenvia, de um lado, às estruturas objetivas, às condições materiais e , de outro, à ação de nossa insuperável infância sobre nossa vida de adulto.” In: *A Questão de Método*.

³ SARTRE toma os conceitos de horizontalidade e verticalidade de LEFÈVRE.

que vão construindo categorias de análise daquilo que foi coletado em campo pelo método clínico no grupo operativo.

Ainda no que se refere ao trabalho grupal, é necessário ressaltar que, desde a metade do século passado, já se produzia teoria e prática de grupos. Dentre muitos autores, é importante citar Bion na Inglaterra, Lewin nos EUA, Anzieu, Kaës na França. Na Argentina, já desde a década de cinquenta, há o clássico livro de Marie Langer, David Grinberg e Emilio Rodrigué sobre o tema. Além disso, existem os trabalhos desenvolvidos na Asociación de Psicoterapia de Grupos por Berestein, Puget, Marcos Bernard e outros. Temos, ainda, o trabalho desenvolvido por Ana Maria Fernandez que faz uma excelente genealogia e síntese sobre o grupo e o trabalho grupal.

Em relação ao Brasil, a produção escrita sobre grupos tem sido mais esparsa e vem acontecendo principalmente por associações e instituições com a publicação de artigos em revistas e alguns livros. No entanto, se por um lado, é inegável uma fragilidade teórica, também é inquestionável que nosso país tem sido um dos maiores laboratórios mundiais no que se refere ao trabalho grupal. Aqui têm sido realizadas as mais diversas experiências em diferentes situações sociais tais como em hospitais, prisões, nas ruas, nos tribunais, nas escolas, em secretarias de estado, na empresa privada, etc.

Assim, quando digo que o trabalho desenvolvido está, rigorosamente, dentro da concepção de Pichon Rivière isso significa que a teoria está em um movimento dialético, dentro da história e de tantas experiências e leituras realizadas.

Ao longo do texto, serão apresentadas partes do material clínico, anexado, em sua totalidade, à pesquisa. O material grupal será abordado de acordo com os impactos transferenciais, assim como com as impressões contratransferenciais da dupla de coordenadores, esforçando-me por mostrar

todo o processo de construção da interpretação, do conhecimento e da comunicação do mesmo ao grupo pelo qual passei.

▪ **O Grupo Operativo — situando o momento histórico**

Enrique Pichon Rivière (1907-1977) nasceu na Suíça e veio ainda criança para a Argentina onde morou, inicialmente, na região do Chaco, transferindo-se depois para Buenos Aires, onde realizou seus estudos de Medicina. Já na década de 40, começou a formular os grupos operativos, inicialmente desenvolvidos no Hospital Psiquiátrico de Las Mercedes onde trabalhava. É nesse período que se junta ao grupo que funda a Asociación Psicoanalítica Argentina⁴ que terá um papel central na psicanálise latino americana e mundial.

O apogeu econômico e cultural da Argentina e a cultura cosmopolita de Buenos Aires atraíram inúmeros psicanalistas que necessitavam sair da Europa em função da segunda guerra. É o caso de Angel Garma, espanhol e republicano, de Marie Langer, judia, comunista e que havia lutado na Guerra Civil Espanhola e Heirich Racker, que também era judeu. Houve, nesse momento histórico, uma conjunção de fatores: uma forte classe média, riqueza econômica e profunda influência européia na formação do Estado Argentino. Este fomentou, enquanto política de desenvolvimento, desde o final do século XIX⁵ de maneira muito intensa, a vinda de imigrantes como forma de desenvolvimento nacional e ocupação do território. Foram

⁴ Os quatro fundadores da APA são Angel Garma, Celes Cárcamo, Arnaldo Rascoski e Enrique Pichon Rivière.

⁵ SARMIENTO, D.F. *Facundo*. Buenos Aires: Lousada, 10ª ed., 1994.

Taylor, S.J. y Bogdan. R. *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Editorial Paidós, Barcelona, 1996.

IDEM. *The discovery of grounded Theory: strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter A division of Walter de Gruyter, Inc. 1967, New York.

LINCOLN S. Y. and GUBA G. E. *Naturalistic Inquiry*. Sage Publications, 1985, Inc. Newbury Park

GONZÁLES, R. F. *La investigación cualitativa en psicología. Rumbos y desafíos*. EDUC, 1999, São Paulo.

essas condições que constituíram um espaço especialmente fértil para a psicanálise. Buenos Aires chegou a ser (talvez hoje ainda seja) a cidade com o maior número de analisantes do mundo. É dentro desse movimento que a APA assume um papel importante na Psicanálise do país e do continente.

Tal instituição forma grande quantidade de analistas argentinos e de outros países latino-americanos, inclusive muitos brasileiros. Com o passar do tempo e em função do processo histórico da Argentina, a situação vai-se tencionando com uma enorme efervescência política e sucessivos golpes militares, vão ocorrendo diversas divisões internas na APA. Algumas delas são claramente políticas como a cisão do Grupo Plataforma e do Grupo Documento, outras aparentemente mais teóricas em que os Kleinianos fundam a Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires filiada também a International Psychoanalytical Association. Com todas essas divisões, mesmo que no final da vida estivesse em uma posição distante, Pichon Rivière nunca saiu da APA.

Em todo esse processo, Pichon Rivière tem um papel fundamental. Já desde o início de sua prática clínica sempre esteve voltado para o consultório e para o hospital psiquiátrico. Teve inúmeros alunos desde a APA e, depois, na escola fundada por ele⁶. Iniciam uma prática social progressista por meio do trabalho grupal, institucional e no consultório particular. Assim, com forte influência de seu pensamento, foi-se desenvolvendo na Argentina um trabalho ousado e inovador nas mais diferentes esferas do cotidiano social⁷.

Com o golpe de 1976 que gerou 30.000 mortos e desaparecidos, os trabalhadores de saúde mental foram brutalmente perseguidos. Até hoje no

⁶ Primer Escuela Privada de Psicología Social, dirigida até hoje por Ana Quiroga sua companheira e mais próxima colaboradora no final de sua vida.

⁷ Entre seus principais discípulos de uma primeira geração podemos citar, José Bleger, David Liberman, César Ottalagano, Armando Bauleo, Fernando Ulhoa, Guillermo Vidal, Raquel Soifer, entre outros.

saguão central da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, existe uma enorme tarja preta com o nome de seus 70 alunos desaparecidos. O golpe fez com que houvesse um grande número de exilados pela América Latina e Europa. Eles espalharam a experiência Argentina e, desse modo, o pensamento de Pichon Rivière foi adquirindo uma repercussão cada vez maior.

É importante, no entanto, apontar alguns efeitos em todo esse movimento. Houve na Argentina uma grande expansão das escolas de Psicologia Social, que não exigiam de seus alunos uma formação universitária. Esses psicólogos sociais, em muitos casos, foram tendo uma formação teórica muito diluída e pouco consistente, o que é muito criticado atualmente no país, ao mesmo tempo em que iniciaram e desenvolveram interessantes trabalhos com grupos nas mais diversas situações.⁸ Muitos dos psicanalistas, por outro lado, tanto pelo medo causado pelo Processo Militar, quanto por seu posicionamento ideológico, negaram a importância de Pichon em sua própria formação e não reconheceram seu legado para a Psicanálise Argentina.

▪ **A Concepção do Grupo Operativo segundo Enrique Pichon Rivière.**

Inicialmente é importante enunciar que as formulações feitas sobre a teoria pichoniana, inevitavelmente, estão perpassadas por quase 30 anos de práxis. As formulações desta tese são provenientes do texto original, ao mesmo tempo em que perpassadas pela experiência vivida em um outro

⁸ Os psicólogos sociais lutam na Argentina para serem reconhecidos mesmo sem diploma universitário. Como exemplo dos trabalhos desenvolvidos por eles estão o atendimento às vítimas dos atentados a bomba ocorridos em Buenos Aires na Embaixada de Israel e na Asociación Mutual Israelita Argentina (AMIA), tanto na hora da explosão quanto o posterior atendimento aos familiares. Desenvolviam também no Interior do país um trabalho muito interessante com teatro popular (murgas), coordenado por Victo Reck, que percorriam as boates à noite para a campanha de prevenção contra AIDS.

momento histórico e agregam-se diferentes autores e situações. Seria impossível, e também inadequado, fazer uma leitura literal. Escrevo aqui, portanto, o Pichon que entendo no ano de 2005.

Os fundamentos teóricos de Pichon Rivière e, por conseguinte, do grupo operativo estão assentados, fundamentalmente, nas obras de Sigmund Freud e Melanie Klein no que tange à Psicanálise, além de incorporar o conhecimento interdisciplinar por meio da Filosofia, da Sociologia, entre outras, constituindo o que o autor denomina uma epistemologia convergente.

O Esquema Conceitual Referencial e Operativo de Pichon traz três conceitos muito úteis na clínica. São eles a policausalidade, a polidimensionalidade e a pluralidade fenomênica.

A *policausalidade* é o nome que Pichon dá às Séries Complementares formuladas por Freud para a compreensão da base etiológica das neuroses. Nessa concepção, a história do sujeito vai-se formando a partir de fatores que se relacionam entre si e com os acontecimentos da vida atual.

A primeira série de relações é a que forma o *fator constitucional*. Ela se refere à carga genética e à vida intra-uterina. Ambos os fatores são, intrinsecamente, relacionais. No caso da genética, já se estabelece desde o princípio uma relação com o meio ambiente, por exemplo, por maior ou menor resistência a fatos tão corriqueiros como a temperatura, em que, geralmente, os de pele branca preferem mais o frio e ficam incômodos com o calor e o sol, diferentemente daqueles que tem a pele negra. A cor da pele também define toda uma gama de relações sociais e econômicas pautadas pelo racismo, pela história do país (por exemplo, o caso da escravidão). Nos dias de hoje, ser branco no Iraque, ou de pele escura ou negra no Brasil, ou então, com traços mediterrâneos nos EUA e Europa em tempos da “guerra contra o terrorismo” faz muita diferença.

No caso da vida intra-uterina, sabemos que o feto é pautado por todas as relações do entorno da mãe. Estão presentes as relações do casal, de como este filho foi gerado, a possibilidade de atendimento e acompanhamento da gravidez pelo sistema de saúde pública ou privada, além do meio ambiente. Isso fica claro em tantos casos de contaminação de fetos que ocorriam anos atrás na cidade de Cubatão. A má formação fetal surge como um sintoma de um determinado modelo de indústria e da concepção de um pólo petroquímico e metalúrgico, ou seja, complexas relações econômicas. Outro bom exemplo é a contaminação de fetos pelo agente laranja que ocorre até hoje no Vietnã como consequência das ações da aviação norte-americana para o desfolhamento das florestas a fim de impedirem que ali se escondessem os seus oponentes.

A segunda série é a *vida infantil*, ou seja, a sexualidade infantil em que se constitui a trama edípica. É nesse momento histórico que se constituem os vínculos mais profundos e instauram-se a ética, a identidade sexual, os mecanismos de defesa e os conflitos não dialetizados que se apresentam como sintomas na compulsão à repetição, enfim a construção da estrutura psíquica do sujeito humano. É na relação do fator constitucional com a situação edípica de vida infantil que se forma o fator *disposicional* que irá interagir com o fator *atual ou desencadeante*. É aqui que temos o sujeito em sua verticalidade relacionando-se com o mundo atual, com os fatos desencadeadores de determinadas reações pautadas pelo histórico construído ao longo das duas séries anteriores.

Para Pichon Rivière, toda e qualquer abordagem terapêutica — na clínica individual, familiar, grupal, institucional — deve compreender diferentes dimensões, o que ele denomina de *polidimensionalidade*. A

primeira delas é a *psicossocial*, que são as relações estabelecidas pelo sujeito no seu mundo interno com a família e com o grupo que o circunda.

A segunda dimensão é a *sociodinâmica*, que são as relações que se dão entre todos os membros da família e do grupo. Ou seja, diferentemente da primeira, que são os vínculos de cada um na direção de todos, esses são os vínculos que aparecem entre todos os membros do grupo, seja ele qual for.

A terceira dimensão é a *institucional*. Aqui o que está em jogo são as relações que se dão nas instituições e nas comunidades, que são de diferente qualidade das anteriores.

Bleger separa as relações institucionais das comunitárias. Isso é muito útil porque se pode focar melhor os efeitos das relações sociais e das relações de produção no sujeito, no grupo e na instituição. Assim, será considerada aqui também a dimensão *comunitária*.

No *conceito de pluralidade fenomênica*, Pichon coloca que toda conduta humana expressa-se de uma forma concreta ao mesmo tempo na mente, no corpo e no mundo externo. Cada sujeito, por sua história pessoal, sempre prioriza mais uma do que outras manifestações, que estão sempre relacionadas entre si e apresentam-se enquanto sintomas, ações e vínculos.

Esses três conceitos permitem-nos observar a complexidade da transferência e estão presentes na clínica individual, grupal e institucional. Tratando agora especificamente do **grupo operativo**⁹, é importante observar que a policausalidade, a polidimensionalidade e a pluralidade fenomênica apresentam-se na dinâmica, muitas vezes, de forma condensada, confusa, e enquanto sintoma, ou seja, enquanto conteúdo latente, inconsciente e dramatizam-se nas mútuas transferências com o coordenador e entre os participantes.

⁹ O mesmo ocorre na clínica individual, familiar, institucional.

Assim, sempre que o sujeito enuncia algo no grupo, ele fala por si, ao mesmo tempo em que é porta-voz de algum movimento consciente ou inconsciente da dinâmica grupal. Da mesma forma como alguém que enuncia algo é porta-voz de um movimento consciente ou inconsciente no grupo, este — o grupo — é o porta-voz de situações sociais. O exemplo que esclarece bem esse movimento é, como diz Pichon Rivière, o teatro grego. Ali os atores são porta-vozes do coro com quem dialogam e de quem expressam os dramas e as tragédias. É na cena que emergem e dramatizam-se os sentimentos, conflitos e desejos que não podem ser expressos pelo coro. Essa é a razão pela qual o grupo operativo não é somente um espaço de elaboração de conflitos, mas também um potente instrumento de pesquisa social.

Cabe ao coordenador do grupo a leitura e explicitação daquilo que não pode ser dito, que é implícito ou inconsciente. O líder do grupo, no entanto, não é o coordenador, o analista e, sim, a tarefa a que o grupo propõe-se. A tarefa, por sua vez, pode ser a psicoterapia, a pesquisa, a resolução de questões institucionais. A intervenção do coordenador dirige-se sempre àquilo que impede a tarefa, tratando de desobstruir os obstáculos inconscientes, permitindo, com isso, o movimento criativo e dialético de elaboração e produção de conhecimento grupal.

O trabalho grupal parte do princípio de que o sujeito constitui-se e está implicado por inteiro naquilo que faz, em sua inserção concreta no mundo cotidiano que se dá por meio de uma história de vínculos individuais, grupais, institucionais e comunitários, expressos no aqui-agora, na tarefa. Assim, o estar em grupo mobiliza nosso mundo interno de forma intensa, por meio daquilo que já vivemos, do que desejamos, do que tememos. É esta mesma integralidade do homem-em-situação que traz ao processo grupal o que se denomina **pré-tarefa**. Estas são todos os sentimentos, pensamentos e

ações, conscientes ou não, implícitos ou explícitos na dinâmica grupal, que são obstáculos à tarefa.

Essas condutas estão ancoradas em dois sentimentos básicos: o medo da perda do já estabelecido e o medo do ataque diante da fragilidade e do desamparo em que se encontra o ser humano quando está diante do novo que é a tarefa. Essa nova situação, além de mobilizar um sem-número de ansiedades, exige uma ação concreta do grupo para sua consecução.

O trabalho operativo, nesse sentido, propõe-se explicitar e elaborar os medos básicos, que se expressam no grupo das mais variadas formas, por meio de conflitos, da rigidez dos papéis, dos problemas de liderança, da apatia, das desconfianças, da impossibilidade da expressão do potencial criativo, da fragmentação, etc. A elaboração desses conteúdos, geralmente negados, permite que o grupo e o sujeito constituam um novo **projeto** de ação para a realização da tarefa. A constituição do projeto, no entanto, passa pela produção grupal de uma **tática**, de uma **estratégia** e de uma **logística** para a ação.

Por conseguinte, o que diferencia o grupo operativo de um grupo de trabalho comum é o fato de que este último aborda somente o explícito, excluindo, aparentemente, da dinâmica os fatores afetivos e implícitos. Entretanto, esses fatores, independentes de serem abordados ou não, geram condutas concretas que não podem ser incorporadas ao grupo e, quando emergem, surgem de forma disruptiva sem nenhum espaço de elaboração em que possam ser transformados em direção à tarefa.

O grupo que não aborda o implícito, o latente, trabalha sempre com essa pressão extra, exigindo do ser humano que se divida, colocando seus sentimentos, pensamentos e ações mais ricos e profundos fora do processo criativo de trabalho, pela fragmentação entre o pensar, o sentir e o agir. A

função do coordenador ou facilitador — muitas vezes trabalha-se também com um observador ou em co-coordenação — é, por meio de assinalamentos e interpretações, explicitar o implícito quando o grupo está em pré-tarefa. Esta impede o pensar em grupo e o necessário processo de comunicação e aprendizagem da realidade que obstaculizam a realização da tarefa. É isso que justifica a utilização do grupo operativo em projetos de pesquisa, de intervenção institucional, além, evidentemente, da psicoterapia de grupo.

- **Algumas outras considerações sobre o trabalho grupal**

- O grupo como um sonho*

- Podemos ver o grupo como um sonho. São inúmeras as expressões das imagens pela palavra que se compõem de uma forma veloz. Tais imagens organizam-se a partir de elementos recentes, tal qual os restos diurnos, articulados como elaboração secundária, por meio de imagens, palavras carregadas de conteúdos que se deslocam e que se condensam.

- Ao ver o grupo como um sonho, tornamo-nos, ali, um organismo vivo que funciona como totalidade. Cada fala e cada sujeito é um elo na cadeia associativa das intrincadas facilitações entre as inúmeras marcas mnemônicas. As imagens, os emergentes e os sonhos surgem e vão sendo conduzidos pelas palavras na associação livre de todos. Assim, o nosso papel analítico é a interpretação, que, por sua vez, gera novas associações.

- Dizer que o grupo é como um sonho é dizer que, ali, tudo é tomado como sintoma, como conteúdo manifesto, encobrindo a fantasia inconsciente e o conflito não elaborado. As sensações giram, espalham-se e fragmentam-se no grupo. São representações-coisa (das ding) que perpassam as

transferências entrecruzadas na medida em que cada sujeito mobiliza todos os outros por sua história, seus desejos e suas fantasias.

Cabe ao trabalho grupal fazer esse dispositivo constituir-se como tessitura, espaço analítico continente ao desejo, à repressão, à coisa, ao fragmento, para que apareça a palavra e a alteridade. A construção desse espaço psíquico é o que permite a passagem do processo primário ao processo secundário.

Os emergentes grupais nascem desse caldeirão, como dizia Freud. Os porta-vozes aparecem no coletivo grupal, na transferência que se entrecruza, mobilizando a verticalidade dos sujeitos em suas séries complementares. O grupo é, também, fator desencadeante, portanto é espaço de compulsão à repetição.

A leitura do grupo como um todo naquilo que emerge enquanto entrecruzamento do vertical com o horizontal, da mesma forma que num sonho, traz também os símbolos da cultura. Além disso, exprime seus conflitos uma vez que o inconsciente ali expresso é oriundo da relação com o Outro, fala em nome do Outro, ao mesmo tempo em que busca seu próprio desejo.

A centralidade da tarefa

O grupo operativo organiza-se em torno da tarefa, que, por sua vez, sempre está conectada a um projeto. A centralidade da tarefa remete o grupo a uma práxis. É possível observar a relação estreita do pensamento de Pichon com o materialismo histórico e dialético. Vale citar duas das “Teses sobre Fuerbach”¹⁰. Na primeira, segundo Marx, ... a principal insuficiência de todo o materialismo até os nossos dias — o de Fuerbach incluído — é que as coisas, a realidade, o mundo sensível são tomadas apenas sob a forma de objeto ou da contemplação, mas não como atividade sensível humana, práxis, subjetivamente [...] ou ainda, na décima primeira tese [...] a filosofia tem

¹⁰ Teses sobre Feurbach. Marx & Engels. *Obras Escolhidas*. Lisboa: Edições Progresso, 1982.

apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.

Assim, Pichon, tomando Marx, propõe o que poderíamos ousar chamar de uma psicanálise da práxis já que o processo grupal, tendo ele a tarefa de realizar uma psicanálise ou não, está ancorado na relação com o mundo concreto. Dessa forma, seu conceito de saúde ou doença é a presença ou ausência do movimento de mútua transformação entre o sujeito e seu entorno. Cabe operar no grupo, portanto, na relação com a tarefa, ou seja, com o pólo aglutinador daquelas pessoas com o mundo, naquele momento. Assim, onde há movimento, há vida; onde há paralisia e compulsão à repetição, há morte que pode transformar-se em vida na medida em que o conflito paralisante é desvelado e dialetizado. Da mesma forma, onde há palavra, há movimento; onde não há nomeação, há compulsão à repetição e acting-out. A compulsão à repetição é sempre o medo diante do novo, expresso por dois sentimentos básicos: o medo do ataque e o medo da perda.

Os conceitos tão importantes de tarefa e pré-tarefa surgem da presença ou ausência da práxis que transforma o sujeito e o mundo pela tarefa. A pré-tarefa traz o inconsciente cindido, reprimido, fragmentado, sem palavras. É fundamentalmente aqui que se dá o trabalho do coordenador do grupo ou do psicanalista.

A centralidade da tarefa traz ainda outra questão a ser apontada. Com ela, muda-se o eixo das relações. Se o critério maior é a práxis que congrega o grupo, a ética que pauta a dinâmica não é mais uma hierarquia pré-estabelecida pela transferência com o analista ou com uma ordem institucional, mas sim a relação com a tarefa, ou seja, a transferência é também com o trabalho e com o projeto a que o grupo se propõe a partir da tarefa. Nessa relação, serão estabelecidas as transferências e a organização grupal. Isso se dá em constante movimento uma vez que os papéis do grupo

são intercambiáveis. O sujeito em um determinado momento pode ser o portavoz de algum aspecto transformador do grupo como, em outro, pode ser um momento pólo da resistência e da pré-tarefa.

O projeto

É nítida a influência do pensamento de Sartre em Pichon. No texto ‘Questões de método’, Sartre toma de Lefèbvre os conceitos de horizontalidade e verticalidade, além de tomar de Marx os conceitos de objetividade, subjetividade e práxis, formulando com eles sua visão de projeto. Algumas destas passagens que perpassam toda a obra de Pichon Rivière valem ser citadas aqui. Sartre nos diz:

*...a mais rudimentar das condutas é determinada pelas relações com os fatores reais e presentes que a condicionam e também nas relações com certo objeto que tem que chegar e que trata de fazer com que nasça. É o que chamamos o projeto. Definimos desta maneira uma dupla relação simultânea; na relação com o dado a práxis é negatividade; porém trata-se sempre da negação de uma negação; em relação ao objeto que se quer alcançar, é positividade, porém esta positividade desemboca no “não-existente”, **no que nunca ainda foi**. O projeto que é ao mesmo tempo fuga e salto à frente, negativa e realização mantém e mostra a realidade superada, negada pelo mesmo movimento que a supera; assim resulta que o conhecimento é um momento da práxis, mesmo que da mais rudimentar; porém este conhecimento não tem nada de um Saber absoluto: definida como está pela negação da realidade rejeitada em nome da realidade que tem que se produzir, fica cativa da ação que ela ilumina, e desaparece com ela. (p. 78).*

...a práxis, com efeito, é um passo do objetivo ao objetivo pela interiorização; o projeto como superação subjetiva da objetividade, entre as condições objetivas do meio e as estruturas objetivas do campo dos possíveis, representa em si mesmo a unidade movente entre a subjetividade e a objetividade, que são as determinações cardinais da atividade. O subjetivo aparece então como um momento necessário do processo objetivo. Para chegar a ser condições reais da práxis, as condições materiais que governam as relações humanas tem que ser vividas na particularidade das situações particulares.(p.81).

... sentir já é superar em direção a uma possibilidade de uma transformação objetiva; na prova do vivido, a subjetividade se volta contra ela mesma e se arranca da desesperação por meio da objetivação. Assim o subjetivo mantém

em si o objetivo, que nega e que supera em direção a uma nova objetividade; e esta nova objetividade com o seu título de objetivação exterioriza a interioridade do projeto como subjetividade objetivada. (p. 82).¹¹

Dentro dessa negatividade que vai do objetivo ao objetivo, atravessada pelo subjetivo, nasce o projeto. Ele irrompe na verticalidade e na horizontalidade grupal, elabora e dirige a ação no grupo em que surgem os conceitos de estratégia, de tática e de logística. Estas serão as ações necessárias para o novo, que é a negatividade, manifestando-se em uma luta dialética com o velho que se expressa no medo da perda e do ataque. Isso significa a pré-tarefa objetivada na compulsão à repetição em todas as demais defesas inconscientes.

O projeto, portanto, vai-se constituindo enquanto a possibilidade de o grupo enfrentar o não-saber interno e externo e a si mesmo, e manter-se no vazio. Esse vazio é sustentado pelo desejo, construindo, pela elaboração grupal, movimentos de longo prazo (estratégia), curto prazo (táticas), com os recursos possíveis (logística) na realização de algo novo.

O grupo como instituição

Para que a relação humana seja possível, o sujeito coloca no outro, por meio da identificação projetiva, suas partes cindidas e negadas. O bebê deposita o seu desamparo na mãe, que, por sua vez, deposita sua fusão com o recém-nascido naquele que exerce a função paterna e, assim, sucessivamente. É essa dialética constante entre o depositante, o depositário e o depositado que Pichon denomina de “teoria dos três Ds”.

Quanto maior e mais intensa a projeção, maior é a necessidade de controle do outro para que os conteúdos nele depositados não retornem ao depositante. Este se torna prisioneiro, pela simbiose, daquilo que depositou na

¹¹ *Crítica de la Razon Dialéctica. Cuestiones de Método.* Original em espanhol. A tradução é minha.

medida em que necessita controlar no depositário os conteúdos regressivos, transformando-se em aspectos fortemente persecutórios, já que podem irromper a qualquer hora e de maneira violenta, surpreendente, enlouquecedora, capaz de destruir o depositante.

O processo que ocorre nas instituições e nos grupos, segundo Bleger, ocorre da mesma forma. O primitivo, o desamparo, o desejo, o conflito dos sujeitos são depositados em um espaço comum que os contém e organiza-os. Quanto mais regressivos forem esses aspectos, maior será a necessidade de rigidez e controle para que os mesmos não venham à tona e desagreguem as relações. Por outro lado, é esta mútua deposição que permite a construção da tessitura, instituindo um espaço psíquico diferenciado em que o inconsciente pode emergir pelas transferências entrecruzadas. O que ali fica depositado certamente vem à tona enquanto fantasia inconsciente grupal que aparece do encontro da verticalidade com a horizontalidade.

O grupo e a família

Para Pichon Rivière, o modelo básico do funcionamento grupal é o funcionamento da família. É ali que os sujeitos constituem-se pela trama edípica, em seus diferentes papéis e funções, ordenados, ou não, pela presença ou ausência da função paterna, expressa por meio de uma lei. O estabelecimento do limite permite a cada um assumir seu papel na relação com o outro. O fato de existir uma lei ordenando as relações possibilita cada vez mais movimento e desenvolvimento, já que, diante da indiferenciação e do caos da sexualidade e dos papéis, resta somente a rigidez, a violência, a ausência da palavra. Talvez essa seja a razão pela qual Pichon diga que não há nada mais trágico na vida de uma família do que a queda do pai.

O trânsito entre diferentes papéis adquire, portanto, a maior importância. Desde o início, no brincar da criança, experimenta-se e fantasia-se em todos os lugares possíveis de seu desejo e identificação. É interessante observar que, na família, o movimento dos desejos e papéis acontece a partir da função paterna que está constituída no social e, por isso, ordena e liberta.

É também a possibilidade do movimento dos papéis dentro da família que permitirá um maior ou menor desenvolvimento da mesma. É a razão pela qual Pichon toma como critério de saúde grupal a circulação dos papéis. Quando ficam rígidos, é porque há uma deposição maciça dos conteúdos inconscientes, imobilizando o grupo familiar, o grupo operativo e a instituição.

O grupo enquanto palco dramático das relações sociais

A imagem que Pichon usa do teatro grego para exemplificar o grupo é forte e leva-nos a mais algumas considerações. Os atores expressam os sentimentos, contradições e fantasias inconscientes do coro, que se vê no palco, onde aparecem projetados seus desejos e conflitos. Assim, é muito comum que a simples existência de um grupo operativo em uma instituição já mobilize inúmeras outras situações que, aparentemente, não estão no grupo. Um bom exemplo é quando se realiza um grupo na rua, com alguns membros da população que vive e sobrevive numa praça. Enquanto o grupo acontece, todos os outros atores estão — mesmo que façam de conta que não, e até tenham um comportamento hostil — ligados na dinâmica. Esses podem até não saber o que se fala, mas conectam-se aos semblantes, nas entradas e saídas de pessoas, no aumento do volume da voz e, se algo muito marcante ocorre, podem inclusive entrar no grupo, falar alguma coisa e logo após se retirarem. O simples fato de um grupo ocorrer em uma instituição, seja ela

formal ou na instituição rua, já é em si um analisador porque expressa os sentimentos e fantasias daqueles que estão em seu entorno, que estão fora e próximos do grupo na medida em que estes são o coro. Assim, da mesma forma como se entende um emergente e uma fala como porta-voz de um grupo, deve entender-se também o grupo em si como emergente e porta-voz de seu entorno.

O fenômeno da transferência propicia, nos trabalhos individuais, e, no caso, grupais, serem desveladas as dinâmicas profundas das relações sociais. Se o grupo é um sonho, nele surgirão tanto os fatos recentes como a história dos sujeitos, de maneira desfigurada, deslocada e condensada. Além dos fatos recentes, existem os fatos históricos. Outro fator a ser apontado é que a transferência nos permite conhecer muito bem o território. Quando alguém indaga quem somos e realiza uma hipótese a nosso respeito, na verdade, ele está trazendo atores sociais de seu campo, e qual a relação que estabelece com ele. No caso de um grupo na rua, a fantasia inicial pode ser que sejamos policiais ou traficantes. Com isso, já sabemos como são e onde estão essas pessoas e, obviamente, qual a relação que o grupo estabelece com ele e, assim, sucessivamente.

CAPÍTULO 3

3

Situando o Campo e o Tempo Histórico da Pesquisa:

Algumas Considerações sobre a Economia Política e a Constituição do Sujeito no Mundo Contemporâneo

O intuito deste capítulo é trazer alguns aspectos fundamentais sobre a relação entre a economia política e a constituição do sujeito. Para isso, serão tomadas aqui, fundamentalmente, as contribuições de Marx, tendo como pano de fundo a obra de Freud e alguns psicanalistas contemporâneos e do final do século XX.

A expressão “pano de fundo” remete-me a uma imagem da Gestalt¹ em que aparecem em um só quadro a figura e o fundo, destacando-se ora um, ora outro, conforme o ângulo de visão, da luz, e mesmo da subjetividade do olhar. Assim sendo, essa é a relação que encontro entre a Psicanálise e o Materialismo Histórico e Dialético. Não se trata de colocá-los em pé de igualdade como já o fizeram os freudo-marxistas; tampouco em oposição como muitos psicanalistas e marxistas que se colocaram em campos opostos. Trata-se de dois conhecimentos com suas devidas especificidades, que se posicionam em distintos lugares, mas que se relacionam entre si nessa gestalt. Assim, para entender o sujeito do inconsciente, torna-se fundamental o conhecimento da economia política e das relações sociais. Da mesma forma, para entender como essas relações de produção se instalam no sujeito e configuram o concreto, torna-se necessário o conhecimento do inconsciente.

¹ VIDAL, G.; ALARCÓN, R.; LOLAS, F. *Enciclopédia IberoAmericana*, p. 404. Buenos Aires: Editorial Médica Panamericana, 1995.

Como a figura aqui é a obra de Marx, desejo inicialmente articular e explicitar alguns aspectos da metodologia marxista que permitem um olhar profundo e transformador à dinâmica da globalização. Tal processo transforma a vida por onde passa, exatamente pela mudança na produção e nas formas de comércio. Essa é a grande luta política da atualidade e é onde se jogam, no momento, as questões mais centrais da inclusão e exclusão de seres humanos, grupos, países e hemisférios. Interessa, sobretudo, como esse processo atinge e constitui o sujeito, pois é ali que se dramatizam as relações sociais pelos vínculos que constituem a subjetividade humana.

3.1 Algumas Considerações sobre o Método da Economia Política em Marx

Para Marx, o Homem se distingue do animal por sua capacidade de transformar a natureza na realização de suas necessidades vitais. Essa diferenciação ocorreu ao longo da história à medida que o sujeito humano foi adquirindo a capacidade do pensamento abstrato que está intimamente ligado à palavra. Esse processo, no entanto, não é fruto da obra divina ou da espontaneidade. Ele possui uma razão e uma lógica já que está ancorado nas relações concretas entre os homens de um tempo histórico, de uma classe social, de um modo de produção para a sobrevivência, que se expressa em relações sociais que constituem o sujeito.

Ao transformar a natureza para a satisfação de suas necessidades, o homem produz coisas que possuem valor de uso na medida em que são utilizadas para a sua sobrevivência. Os objetos com valor de uso, no entanto, não tem como satisfazer as necessidades mais abrangentes do Homem. Para tanto, ele necessita trocar uma parte do que produz para a satisfação de outras

necessidades. É nesta relação com o outro sujeito produtor que se estabelece o valor de troca, que é diferente do valor de uso.

O valor de troca pressupõe uma relação social com um outro produtor. Seu valor se dá em função do tempo de trabalho socialmente necessário, que é a soma de inúmeras forças de trabalho individual para a obtenção do objeto que é mercadoria. Isso, na verdade, não é o suficiente para a troca que possibilita a obtenção de outras mercadorias necessárias. Para tanto, é preciso que haja um critério propiciando o trânsito de diferentes mercadorias que possuem distintos valores de uso e de troca. Essa é a função do dinheiro que indica o valor de troca de cada mercadoria conforme a concentração de trabalho humano que essa possui. Assim, mais ou menos trabalho é o equivalente a mais ou menos dinheiro. É nesse processo que o dinheiro assume o papel de equivalente geral a todas as mercadorias, tornando possível a circulação de diferentes bens com distintos valores de troca dentro de um universo unificado.

Juntamente ao equivalente geral que é o dinheiro, Marx analisa o processo do fetichismo. Esse é o deslocamento que se dá da matéria humana para o equivalente geral ou para a mercadoria. Isso porque o processo produtivo constitui-se a partir da história de vida das pessoas, das famílias, dos saberes. É a intimidade da vida humana que está condensada e deslocada na mercadoria. Pela deposição dos aspectos mais centrais da vida humana dá-se um importante processo de cisão e inversão entre o homem e seu trabalho: os sujeitos passam a relacionar-se enquanto coisas, objetos, ao mesmo tempo que a mercadoria passa a relacionar-se como a substância humana. A mercadoria torna-se misteriosa porque encobre e oculta as relações sociais necessárias entre os homens para a sua produção. Assim, as relações sociais que constituem tanto a forma da mercadoria, como seu valor de uso e o valor de troca nada têm a ver com a natureza física do objeto em

questão. Em função desse processo de deslocamento, condensação, cisão e deposição da história humana nessa mercadoria, ela adquire o caráter de fetiche. A mercadoria assume vida própria, circulando pelo mundo, levando consigo o afeto e as histórias dos sujeitos.

Para Marx e Engels, o modo de produção constitui-se enquanto infra-estrutura. Tal infra-estrutura produz e relaciona-se dialeticamente com uma superestrutura que se expressa nas leis, na cultura, nos modos de relação de uma sociedade, gerando no sujeito a representação, o pensamento e a palavra. Vale a pena citar a definição de Ernest Mandel:

É necessário em primeiro lugar definir de forma mais rigorosa a essência das relações de produção capitalistas. Para Marx, as relações de produção incluem todas as relações fundamentais entre homens e mulheres na produção de sua vida material. É incorreto, portanto, reduzir estas relações a apenas um único aspecto das relações do capital, como por exemplo a subordinação do trabalho vivo ao trabalho morto, ou às relações dos produtores com seus meios de produção no interior de uma unidade de produção. A natureza específica das relações de produção capitalistas é a produção mercantil generalizada. Esta última determina a forma particular da separação entre os produtores e seus meios de produção que é diferente daquela que ocorreu na época do trabalho escravo; determina a forma particular da apropriação do sobreproduto, que é diferente daquela que ocorreu no feudalismo; determina a forma particular da reconstituição do trabalho social, da ligação entre as unidades de produção etc. A produção generalizada de mercadorias implica que a força de trabalho e os meios de trabalho se tornaram, eles próprios mercadorias. As relações capitalistas não podem, portanto, ser simplesmente derivadas da subordinação dos produtores aos “administradores” ou “acumuladores” que existem em toda a sociedade de classe. As relações capitalistas implicam a venda da mercadoria força de trabalho aos proprietários dos meios de produção; implica a separação desses proprietários em diferentes capitais em concorrência mútua que devem trocar por dinheiro as quantidades de valor das quais se apropriaram a fim de realizar a mais-valia aí contida e de continuar a produzir em escala ampliada; e implica a cumulação desse capital adicional em unidades separadas de um processo determinado pela pressão da concorrência².

² MANDEL, E. *O Capitalismo Tardio*, cap. 17. Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p. 393.

Assim, para o Materialismo Histórico e Dialético, em última instância, o modo de produção enquanto infra-estrutura constitui o sujeito e sua subjetividade na forma da superestrutura. Cada tempo histórico expressa-se de forma concreta de acordo com seu modo de produção, expressa-se enquanto determinada organização cultural, jurídica, ideológica, etc. Para Marx, é no desvelamento das relações de produção que encontraremos a substância da subjetividade.

3.2 O Modo de Produção na Modernidade e no Capitalismo

A modernidade inicia-se com a descoberta do Novo Mundo enquanto resultado do Mercantilismo que vai transformando todas as relações e o mapa mundi. O homem europeu lança-se ao desconhecido ancorado na acumulação de capital, tendo na mão a cruz e a espada. As navegações permitiram o intercâmbio das culturas que até então viviam isoladas. São os primeiros sinais da globalização. O Capitalismo em formação transforma-se em processo civilizatório.

Nesse processo de ascensão da burguesia, vai-se formando o Iluminismo. Vai surgindo a época da razão, a Revolução Francesa, que terá enorme influência em todo o mundo ocidental. Modifica-se a ética, modificam-se as relações, introduz-se o pensamento científico, os grandes filósofos, tais como Kant e Hegel, nas artes Shakespeare, Beethoven, Goethe e, na política, Maquiavel. A Modernidade vai despontando em vários lugares da Europa Ocidental e espalhando suas ondas pelo planeta. Na América Latina, ela surge na visão de Estado Nacional nos movimentos de independência. No Leste da Europa, Pedro o Grande constrói São Petersburgo, contratando os arquitetos franceses, instaurando a estética do

Oeste, tratando, como diz Marshall Berman³, de abrir uma janela para o ocidente na atrasada Rússia Feudal. Esse mesmo autor realiza um interessantíssimo estudo a respeito da construção dessa cidade. A Rússia, depois dela, não será mais a mesma, e é nesse espaço urbano que se darão importantes embates nas idas e vindas do czarismo com a modernidade. É ali que começam a surgir os movimentos que darão rumo à região e, por que não dizer, ao mundo, no século seguinte.

Também Casullo⁴ relata, de forma muito interessante, o processo que se dá na modernidade com a decadência do Império Austro-Húngaro. Essa queda, que se configura definitivamente em 1918, com o final da I Grande Guerra, faz Viena se transformar na cidade que recebe grande parte da intelectualidade da borda do império, tornando-se, dessa maneira, um grande centro cultural. É o caso dos escritores, como Canetti, Kafka, poetas como Rilke e, finalmente Freud, cuja família também é provinda da borda do Império. Essa mistura irá gerar o cosmopolitismo de Viena. É interessante, também, como o autor compara essa vinda de todos os lugares com a constituição de um centro de cultura na Bacia do Prata, em especial, a cidade de Buenos Aires, exatamente pelo processo imigratório que sofre a Argentina. Como sabemos, é nessa cidade que a Psicanálise mais se desenvolve na segunda metade do século passado, com uma grande penetração na classe média e na intelectualidade em geral.

Já o Capitalismo surge na Inglaterra com a Revolução Industrial, com a indústria têxtil transformando radicalmente a base produtiva e todos os vínculos até então estabelecidos. Esse processo é muito bem descrito por Karl Polanyi em seu livro *A grande Transformação — As Origens de Nossa*

³ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. (A aventura da modernidade). Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

⁴ CASULLO, N. *La remoción de lo moderno. Viena del 900*. Compilación y prólogo de Nicolas Casullo: Viena y Mitteleuropa: resplandores del ocaso. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1991.

Época.⁵ O autor relata-nos o início da economia de mercado na Inglaterra. Inicialmente descreve o processo de cercamento das terras para a criação de ovelhas, ou seja, da matéria-prima da indústria têxtil, a lã. Até este momento a terra era utilizada para a agricultura, alimentando as famílias que viviam na estrutura feudal. Com o início do mercantilismo e, mais tarde, da revolução industrial, foi necessário um outro modo de produção que pressupunha uma estrutura de mercado em que houvesse rápida troca e consumo de todos os bens. Assim, a terra cercada passa a valer muito mais, a agricultura perde valor, e é fundamental que o homem deixe de estar preso à terra. Agora, ele deve estar preso à produção que é realizada nas cidades, já que estas congregam uma multiplicidade de mão-de-obra e de matérias-primas trazidas pelo comércio e outras manufaturas.

As mudanças da infra-estrutura de produção, descritas por Polanyi, acarretam uma série de mudanças jurídicas na busca da legalidade desse novo estado social em que tudo é mercadoria. Regulamenta-se, enquanto mercadoria, o trabalho, o uso da terra, a moradia, as relações de formação profissional, as relações familiares. Isso faz com que vida concreta e cotidiana passe por grandes transformações. Altera-se, portanto, a relação entre as pessoas, o espaço físico, a arte e a cultura que expressam os sentimentos e as idéias de um determinado tempo, as representações de imagens e palavras. Todas essas alterações são introjetadas e reprojctadas pelo sujeito, passando a constituir e permear seus vínculos.

Marx e Engels trazem fundamentais contribuições para o entendimento dessa relação entre infra-estrutura e superestrutura. “O

⁵ POLANYI, K. *A Grande Transformação. As origens de nossa época*. Terceira Edição. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

Manifesto”⁶, escrito 150 anos atrás, mantém-se atual, uma vez que trata dos efeitos da Modernidade, do Capitalismo e da Globalização de maneira incrivelmente lúcida. Os autores abordam os efeitos dessas transformações do mundo nos vínculos humanos, no trabalho, nas relações familiares, no cotidiano mais concreto.

A Modernidade e o Capitalismo pressupõem, portanto, o movimento, a mudança das relações que somente se podem dar no urbano e na expansão do comércio mundial no processo civilizatório do Capitalismo, por meio da dominação burguesa. É esse mesmo processo que, por suas brutais contradições, dará a luz a outro, que é o socialismo, uma nova visão e projeto de justiça social. Marx e Engels há 150 anos, no Manifesto Comunista, definem a modernidade e, com uma extraordinária clarividência, o atual processo de globalização da seguinte maneira:

*Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal a seus superiores naturais ela os despedaçou sem piedade, para só deixar subsistir, do homem para o homem, o laço frio de interesse, as duras exigências do “pagamento a vista”. Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela **única** e implacável liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal.*

A burguesia rasgou o véu de sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias.

A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção e, com isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção constituía, pelo contrário, primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo

⁶ MARX, K.; ENGELS, F. “O Manifesto do Partido Comunista”. In: *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Trad. Florestan Fernandes, Viktor Von Ehrenreich, Flávio René Kothe, Régis Barbosa e Mário Curvello. Org. Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.

o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as anteriores. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificarem. Tudo o que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas.(7. p. 368)

Esse processo, por sua vez, acentua a alienação, transforma o homem em mercadoria, desarticula toda a organização por meio — como dizem os mesmos autores — da artilharia pesada dos preços baixos que a burguesia internacional espalha por todos os mercados. Domina, fragmenta, destrói, transforma em sucata o ser humano, em produtos de uso imediato e barato, a serem descartados na lata de lixo da sociedade, tal como vemos as enormes populações perambulando pelas ruas das cidades modernas, desumanizadas, empurradas para a morte, escada abaixo da escala biológica⁷. A contradição surge nas lutas nacionais e nos movimentos sociais. Como diz Ianni, citando a peça ‘Tempestade’, de Shakespeare, no diálogo entre Próspero e Caliban. O segundo diz ao primeiro: “*Que bom que você me ensinou sua língua, assim posso amaldiçoá-lo.*”

O Capitalismo leva a uma veloz alteração dos vínculos, que se fragmentam e transformam-se em algo desconhecido, na urbanização, na supremacia da cidade, que gera um processo de entropia trazendo a borda, ou seja, a beirada para o centro, gerando uma nova configuração cosmopolita. A aldeia não satisfaz mais, transforma-se em sucata da modernidade. Ela fica atravessada pelo desejo de ir além, ir ao centro do mundo, onde as coisas acontecem, que é o urbano. Essa entropia é uma força incomensurável,

⁷ SILVA Jr., I.(Coord.) *Estou no Mundo da Rua*. São Paulo, Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental, Mimeografado, São Paulo, 1990.

SILVA Jr., I.; BROIDE, J. Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental. In VIEIRA, C. M. A; BEZERRA, R.E.M; MAFFEI, R.C (org). *População Moradora de Rua*. São Paulo: Hucitec, 1992. (Secretaria do Bem Estar do Município de São Paulo).

irresistível. É o que ocorreu em São Petersburgo, em Varsóvia, Viena, Buenos Aires, São Paulo. Como diz Ianni, toda civilização tem a sua cidade como foco irradiador: o cristianismo e o judaísmo, Jerusalém; o islamismo, Meca; os gregos, Atenas; os romanos, Roma; e, assim, sucessivamente.⁸

O Homem-Aldeia transforma-se em Homem-Mundo. Mas como se dá isso? A aldeia acaba com uma estrada ou uma fábrica? Não. A pura razão diria que sim. Novamente na configuração do moderno surge a resposta. Na cidade de Viena, Freud, um burguês, mostra, por meio da razão, que o Homem não é racional, ele é dirigido pelo irracional, pelo Inconsciente organizado a partir da História, das relações externas, introjetadas pelos vínculos, que se constituem em objetos internos. São relações internalizadas e reprojctadas em uma dinâmica dialética com o outro e com o mundo, pela conduta e pela fantasia inconsciente. A aldeia permanece no Homem-Mundo, enquanto desejo e ação inconsciente no mundo da razão e da cidade, e, também, enquanto mundo destruído e despedaçado. Mistura-se a ele, compõe com ele, é pulsante, presente, atuante. O Homem-Mundo caminha pelas ruas da metrópole, com todos esses fragmentos desfeitos dentro de si e na relação com o outro. A fabulação, a conversa nas ruas da cidade, o “flaneur” de Baudelaire⁹, o olhar sem ser olhado dos cafés, dos teatros, do cinema passa pelo prisma do inconsciente. O passado, as relações que não se ossificaram, o sólido que se desmanchou no ar, agora são fantasmas concretos do presente, atuantes no futuro.

O Homem-Aldeia fantasmático tenta ler o mundo a partir de algo que já não é, se não no todo, pelo menos em uma parte substancial. Sua história já não é referência para o presente, seus instrumentos já não se

⁸ IANNI, O. *A Cidade e a Modernidade*. Revista do Serviço Social do Comércio, São Paulo, 1986.

⁹ BAUDELAIRE, Charles. *Obras Estéticas* (Filosofia da Imaginação Criadora). Trad. de Edison Darci Heldt, Petrópolis: Vozes, 1993.

aplicam. Há uma dificuldade de leitura. O reconhecimento do mundo, o pensamento, como diz Freud¹⁰, acontece a partir de um exame, de uma reflexão, do discernimento entre aquilo que surge do mundo externo e aquilo que está registrado no mundo interno. Faz-se uma comparação entre a experiência anterior e a atual para que o momento possa ser lido. O processo do pensamento, da constituição do novo e da aprendizagem se dá exatamente nessa diferença, que deve ser examinada por meio da nomeação das coisas, sejam essas experiências de dentro ou de fora. Ocorre, no entanto, que a distância, a diferença entre o que não se ossificou e o que se está desossificando, devido à velocidade dos fatos, é demasiado grande. Instala-se, assim, a confusão, a impossibilidade de nomear, de colocar palavras no vivido. O esforço para alcançar o homem mundo, que se dá inclusive na busca da sobrevivência é uma sobreadaptação¹¹ à realidade, ou então, é simplesmente inalcançável. É a experiência do fracasso. O esforço adaptativo, nessa situação, é demasiado forte. Dessa forma, a fragmentação dos vínculos e a dificuldade de leitura impedem uma ação eficaz e transformadora.

3.3 O Processo de Globalização e do Cotidiano

O processo de concentração do capital tem-se radicalizado nos últimos vinte anos. A crise do “Estado do Bem Estar Social” constituído no pós-guerra e o fim da União Soviética abriram passagem para as teorias de

¹⁰ FREUD, S. “Proyecto de Psicología”. *Obras Completas*. Vol I (1895) Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.

¹¹ LIBERMAN, D. et al. *Del cuerpo al simbolo: sobreadaptación y enfermedad psicossomática*. Buenos Aires: Kargieman, 1982.

Hayek¹², segundo as quais a crise do sistema capitalista acontece em função da força de trabalho organizada, obrigando o estado aos gastos sociais. De acordo com sua visão, a desigualdade é um fator necessário para o desenvolvimento. Com isso, propõe a retirada de qualquer regulação externa ao mercado. Este passa a ser absolutamente livre, em que, evidentemente, o grande capital sempre é hegemônico, ditando a vida em todas as modalidades no atual processo de globalização, comandado pelos países centrais, por meio de políticas econômicas de estado e de organismos internacionais, tais como: FMI, Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD), etc. Segundo Octávio Ianni¹³, os estados nacionais vão, cada vez mais, perdendo sua independência e as relações internacionais são realizadas, diretamente, pela força do capital transnacional. As decisões passam muito mais pelos escritórios dos grandes conglomerados empresariais do que pelos governos. Há, portanto, um forte declínio dos estados nacionais e a constituição de uma cultura e consumo uniformes nos setores de alto valor agregado dos mercados locais. Isso constitui uma fatia de território globalizado. Assim, sempre é possível reconhecer-se nessa fatia em qualquer cidade do mundo, em um shopping center ou em um Mc Donald's. São os mesmos pratos, os mesmos gostos, a mesma arquitetura.

Quanto a esse processo, é muito interessante o trabalho desenvolvido por Isleide Fontenelle¹⁴. Ela mostra-nos, a partir de um estudo muito detalhado da história e estrutura da empresa Mc Donald's, como o Capitalismo, neste momento histórico, deu um passo à frente no processo de dominação e concentração. Utilizando-se da análise marxista, da Escola de

¹² SADER, E.; GENTILI, P. (Orgs). *Pós-Neoliberalismo. As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

¹³ IANNI, O. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed., 1996.

¹⁴ FONTENELLE, A. I. *O Nome da Marca. McDonald's, Fetichismo e Cultura Descartável*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

Frankfurt, Freud, Lacan e Zizek, a autora mostra-nos como o fetichismo da mercadoria absorve cada vez uma quantidade maior de trabalho vivo, de substância humana, deixando o homem, contemporâneo e globalizado, esvaziado e com a insegurança do desconhecimento de si. Isso ocorre na medida em que o importante para o Capitalismo não é a real satisfação das necessidades e desejos humanos, e sim o lucro e a captura do sujeito na falsa necessidade, por conseguinte, na falsa satisfação. A marca, no caso o Mc Donalds, funciona como um aparente preenchimento desse vazio e uma realização de desejo ilusória, assim como um falso reconhecimento por parte do outro. Ela passa a ocupar a mesma função psíquica que a droga: um alívio imediato que não transforma e gera dependência.

O sujeito esvaziado busca reconhecer-se no outro e pelo outro no consumo de uma única marca, sempre igual, em um espaço arquitetônico igual, com o mesmo atendimento, o mesmo sorriso. Ele reconhece-se em qualquer lugar do mundo ao consumir um hambúrguer. Isso lhe dá uma identidade, um pertencer a um mundo. Assim, consumir um hambúrguer passa a ser a busca da realização de um desejo, a fuga do vazio, a busca do reconhecimento enquanto ser humano.

Portanto, no mundo globalizado, encontramos um salto qualitativo no avanço do Capitalismo. Sua hegemonia agora vai além do processo produtivo. A venda da marca é o consumo de um produto que faz o sujeito falsamente reconhecer-se como humano e como incluído no mundo. Uma visão ingênua pode pensar que, quando um adolescente mata para roubar um tênis Nike, é simplesmente a banalização da violência. Não é. Trata-se da busca do reconhecimento enquanto sujeito social no imaginário da marca.

Outro autor que traz uma importante contribuição à compreensão do processo de globalização é o geógrafo Milton Santos. Ele contrapõe uma

ordem global a uma ordem local. A ordem global é o neoliberalismo, a concentração financeira, da dominação por uma verticalidade que se origina de pontos em rede, ligados às regiões centrais da economia do planeta e que desterritorializa o cotidiano. Essa ordem global prima pela informação, pela velocidade, pela fluidez com que penetra e transforma a ordem local, gerando uma imensa massa de excluídos. Sua principal característica é a fragmentação do território, ocorrendo, também, pela velocidade da informação que não pode ser processada.¹⁵

Em contraposição à ordem global, há a ordem local. Esta se caracteriza pela horizontalidade, pela territorialidade, pela contigüidade, é o espaço banal, cotidiano. É onde se dá a intimidade, a solidariedade, a cooperação, a emoção, a afetividade, a comunicação. Para Milton Santos, cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente.

Essa inserção do capital internacional no território local dos países dependentes acontece por meio das políticas de juros altos, da hegemonia do sistema bancário sobre o setor produtivo, do pagamento de divisas pela dívida externa e, também, da perda nas trocas internacionais ocasionadas pela abertura indiscriminada do mercado aos produtos estrangeiros. Ainda como fatores desse processo econômico, agregam-se as políticas de desregulamentação do trabalho.

Nesse processo, há uma aparente plenitude democrática. Mas, na verdade, ele altera todos os vínculos e institui um autoritarismo e uma fragmentação mais fortes, mais velada, não menos pior que a que tínhamos na ditadura militar. O cidadão fica à mercê da economia mais pura de mercado,

¹⁵ SANTOS, M. "O Retorno do Território". In: *Território – Globalização e Fragmentação*. Orgs. Milton Santos, Maria Adélia A.de Souza e Maria Laura Silveira. Editora Hucitec. Anpur, São Paulo, 1996.

cuja ética é a ausência de lei e da supremacia absoluta e impune do mais forte. Assim, o poder que o superior hierárquico adquire sobre o seu subordinado é extraordinário, mais ainda o patrão. A perda do emprego trará um impacto enorme sobre a vida do sujeito e da família. Há que se submeter.

Todo esse processo econômico cria a descapacitação profissional pela introdução da alta tecnologia, a perda direta do emprego e a exclusão do mercado de trabalho para aqueles de mais de 40 anos, hoje considerados velhos. O mesmo ocorre com o jovem que está obrigado ao trabalho infantil e está impedido, tanto pela ausência direta de emprego, como pela exigência de alta capacitação, de penetrar no mercado de trabalho. A exclusão se dá então nas duas pontas geracionais da família.

O desemprego faz com que seja quase impossível uma família não se fragmentar quando o pai perde o trabalho e os filhos adolescentes não têm como entrar no mercado profissional. Em um grande número de casos agora é a mulher que sustenta a família. As crianças e jovens são empurrados para a violência e para o tráfico de drogas como única possibilidade de sobrevivência. Os pais, ao perderem o emprego, vão para o abismo do mercado informal, sem nenhuma garantia. Quando a mãe sai de casa pra trabalhar as crianças ficam abandonadas no bairro ou presas dentro de casa pois não há uma estrutura social de cuidado à criança como creches, escolas adequadas, que permita à mãe trabalhar.

O processo econômico produz, também, um forte impacto quando o sujeito percebe, aos 40 ou 50 anos de idade, que seu trabalho não vale mais no mercado globalizado. Há que se perguntar, entre outras tantas coisas, como fica essa figura paterna empurrada à submissão e à decadência dentro do âmbito da família. A que lei se submete o filho se esse homem agora é tão fraco? E a relação matrimonial? Enfim, todos esses temores e fantasias afetam

agora diretamente as relações de trabalho e as relações familiares. A fantasia da ruptura iminente permeia ambos os vínculos.

Como se vê, é muito difícil a compreensão do sujeito e de sua subjetividade sem uma análise das relações sociais nas quais ele está imerso e é emergente e porta-voz. Diante desse quadro, o trabalho psicanalítico perde a consistência quando não aborda um mundo concreto, construído por relações de produção constituintes do inconsciente e da subjetividade, na medida em que formam a vida humana.

3.4 O Desamparo: um dos Pilares do Capitalismo

Há um outro aspecto cada vez mais presente no momento atual do processo de globalização e que perpassa o sujeito através das relações de produção: o papel central do desamparo enquanto um dos pilares que sustentam o Capitalismo.

Já em 1895, no Projeto de Psicologia, Freud trata do início da constituição do ser humano a partir da situação de desamparo. É neste manuscrito, ainda em linguagem neurológica, que Freud estrutura os conceitos fundamentais que mais tarde surgirão na linguagem psicanalítica ao longo de toda sua obra. Ele descreve como o bebê recém-nascido vive entre a dor e o alívio em função da ação realizada por sua mãe ou pelo indivíduo auxiliador. As situações geradas pelas necessidades de alimentação e cuidado expressam-se como quantidades internas no bebê (fome, dor, etc), que somente podem ser resolvidas por uma ação específica realizada pelo outro no atendimento de sua necessidade. Isso propicia o alívio e resolve, momentaneamente, o desvalimento ou desamparo infantil e inicia e estrutura a história do sujeito.

Assim, o desamparo é o motor da relação com o outro. É a sensação das quantidades geradas pelos fatores internos e externos, na relação entre elas com o indivíduo auxiliador que representa o mundo externo pela presença ou ausência da ação específica, que as sensações podem ou não ser englobadas pelo símbolo, pela palavra e, conseqüentemente, pelo pensamento. A sensação de dor e de alívio, de prazer e desprazer formam-se em função do aumento ou diminuição das quantidades ou das tensões internas. Quanto maior a quantidade, maior a dor e maior a necessidade de defesa do sujeito, o que pressupõe e reprime a representação e a palavra, o mecanismo da negação e da cisão (spaltung). A descarga se efetiva por meio do sintoma.

Assim, o desamparo move o sujeito e estrutura a relação dele com o indivíduo que cuida, com a família, nas relações de produção, dentro de uma determinada cultura e lugar social, ou seja, com o Outro. É nessa relação que se constitui a representação de si, o desejo, o pensamento e a palavra. A forma como se estruturam e são internalizados e reprojitados esses vínculos é o que se vai formando enquanto modalidade da relação com o mundo, ou seja, a ética.

No atual momento histórico, passando do sujeito à indústria, percebe-se que a radicalização do processo de globalização exige a competitividade máxima, já que a concorrência econômica não se dá mais na fronteira do bairro, da cidade, do estado, do país. Uma empresa somente é viável se, de uma forma ou outra, for competitiva no mundo. Um produto qualquer produzido na China pode quebrar todo um segmento da indústria no Brasil. Da mesma forma, o consumo enorme de matérias primas na indústria chinesa altera os preços dos insumos utilizados aqui.

O modelo econômico exige de qualquer empreendimento, seja ele uma empresa de autogestão, uma cooperativa, uma indústria, ou a prestação

de serviços, a habilidade de encontrar qual o seu lugar no mercado através da máxima eficiência na produção. Toda e qualquer proteção social que até alguns anos atrás ainda eram exercidas pelo medo ao socialismo tal como o 'Welfare State', as políticas públicas, a garantia ao trabalho são agora obstáculos à competitividade da empresa, já que aumentam os custos da produção. Para sobreviver, é necessário baixar o custo produtivo, com a máxima eficiência. Caso isso não ocorra, a empresa, de fato, quebra e o sujeito (tanto o patrão quanto o empregado) volta a viver, como adulto, a situação de desamparo do bebê, só que agora não há quem realize a ação específica. A disjuntiva, nesse momento, torna-se clara: ou a mais-valia ou o desamparo.

Esse processo, no entanto, não é somente o da diminuição dos custos fixos e variáveis nas formas de gestão e das planilhas de cálculo. Para que haja a radicalização, é preciso o sujeito perceber que está verdadeiramente diante do abismo. Somente assim ele poderá colocar toda a sua vida para a criação da mais valia necessária. A competitividade, dessa forma, vai-se adensando cada vez mais, gerando ao mesmo tempo eficiência e desvalimento. Somente o sujeito desesperado consegue tanta eficácia.

Isso, no entanto, ainda não é o suficiente. Não basta somente a eficiência na produção, já que grande parte dos produtos são fabricados por muitos concorrentes (as chamadas commodities). Há um novo elemento que se torna cada vez mais forte como diferencial: são as relações que se estabelecem com e no mercado. Todo bom executivo sabe que está em uma guerra e não é à toa que os livros de Sun Tzu¹⁶ (A arte da guerra), assim como tantos outros sobre o tema são novamente best-sellers mundiais. Os negócios e as relações comerciais, as relações de trabalho e com os clientes e

¹⁶ TZU, S. *A Arte da Guerra*.

fornecedores não são, de maneira geral, com o outro, mas sim contra o outro. Somente, assim, chega-se ao preço adequado no mercado.

Surge aqui uma importante contradição: ao mesmo tempo em que é absolutamente necessário ser contra o outro nas micro e macrorrelações, é fundamental estabelecer um vínculo diferencial pautado na escuta já que eficiência competitiva somente se obtém na relação com o outro, isto é, entre o produto, o mercado e o cliente. É o que hoje se faz conhecido como “prestação de serviços”, “qualidade no atendimento”, etc Assim, diferentemente daquilo que antes ocorria, em que o vínculo era o encontro, o desencontro, o conflito com o outro, agora, nesse momento histórico, a relação é um sofisticado produto criador de uma verdadeira diferenciação competitiva.

Assim, a radicalização da competitividade empurra o sujeito ao desamparo que não é mais o motor do encontro com o outro para a mudança do mundo individual e do entorno social, gerando frustração e dor. Ao contrário, a sobrevivência diante do desamparo vivido pelo modelo competitivo é a aniquilação do outro. É a possibilidade real de ser aniquilado que move o sistema.

3.5 O Impacto dos Processos Econômicos e da Globalização sobre a Subjetividade — O Trabalho Psicanalítico no Campo Social

A Psicanálise nasceu no consultório porque essa era a prática de Freud, primeiro como neurologista e, depois, como psicanalista. Ela também nasceu em uma determinada classe social, que era a burguesia judaica de Viena, no final do século XIX e início do século XX. Isso, no entanto, não quer dizer que ela seja de uma determinada classe social e que somente possa

ser exercida em um consultório. A psicanálise é do mundo, de todos os lugares e classes sociais e está onde a vida pulsa. O que a define, antes de tudo, é o método clínico.

O que caracterizou a grande revolução no conhecimento, gerada pela Psicanálise, foi a escuta e o olhar de um outro lugar até então desconhecido. Esse novo olhar, ou essa nova posição no mundo diante do sujeito é formulado pela perspectiva do inconsciente, da sexualidade infantil e da transferência, por meio da teoria, do método e da técnica psicanalítica. Sabemos que a validação de uma ciência e a construção do conhecimento não se sustentam em quatro paredes, e sim, em uma relação dialética com o mundo concreto. Para que isso ocorra, é necessário, antes de tudo, que haja um método e uma teoria numa práxis constante com o cotidiano, desvelando a realidade, operando no mundo e transformando o sujeito.

Hoje em dia a Psicanálise pode ser utilizada nas mais distintas situações sociais e com grupos muito grandes em instituições. Isso pode e deve ser feito com todo o rigor clínico. A clínica, no entanto, não se aplica somente àquelas pessoas atendidas nas mais distintas situações. O conhecimento que dali provém pode e deve ser utilizado por toda a sociedade na medida em que os dados oriundos do campo permitem-nos generalizações para as políticas públicas, programas de atendimento, formação de pessoal, entre outros.

Para abordar o trabalho psicanalítico no campo social, é fundamental diferenciar a especificidade do olhar e da prática clínica. Assim, sem pretender esgotar todas as nuances, podemos levantar algumas questões que dirigem nossa ação de uma forma distinta de outros ramos do conhecimento.

A primeira delas é que o sujeito que diz alguma coisa sempre enuncia algo a partir de sua história, sendo porta-voz de uma trama inconsciente que emerge no vínculo comigo, com o grupo, com a instituição e com a comunidade no aqui-agora da transferência, pela associação livre, que se entrecruza com a também associação livre do analista.

A segunda diferença é que o sintoma não é entendido como um fato isolado, mas como o emergente de uma situação conflitiva. Isso sabendo, como diz Freud na *Interpretação dos Sonhos*, que um sintoma, ou imagem onírica é um desejo em conflito, é uma condensação de conteúdos deslocados, que são figurados a partir da elaboração secundária dos restos diurnos.

Uma terceira é que uma criança que possui ou não uma família vai expressar suas relações sociais e econômicas. Tais relações são dramatizadas na família por meio dos vínculos e da sexualidade infantil cujo sujeito está diante de nós e é o porta-voz dessas relações.

Essas manifestações, evidentemente, não dependem de uma sala ou de um determinado espaço para ocorrerem. Elas existem e são captadas e desveladas pelo método clínico e apresentam-se diante de nós de maneira concreta.

O trabalho clínico desenvolvido ao longo dos anos com a população que vive abaixo da linha de pobreza¹⁷ admite apontar algumas características decorrentes do impacto da miséria na constituição do sujeito. Inicialmente pode-se dizer que a carência material, a ausência das redes sociais e dos benefícios da cultura, ou, como diz Bourdieu¹⁸ (1999), da exclusão do

¹⁷ Utiliza-se aqui o conceito de pobreza humana tal como é definido pelo Informe de Desenvolvimento Humano de 1997, publicado pelo Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD). Esse índice é mais completo do que o de renda per capita que estabelece a linha de pobreza na América Latina na renda diária menor do que dois dólares. O conceito de pobreza humana agrega ao índice de renda per capita a privação de anos de vida, moradia, conhecimentos, participação, segurança pessoal e meio ambiente.

¹⁸ BOURDIEU, P. (Coord.). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

mercado dos bens lingüísticos e simbólicos no interior da família, tem graves conseqüências. A miséria causa inundações do psiquismo, que se constituem enquanto marcas mnêmicas a princípio inabordáveis, representação-coisa, dor sem palavras, que levam a atuações no processo primário, a atuação motora, a uma dificuldade maior na simbolização e na construção de um projeto de vida. Isso se dá em função da intensidade da privação gerada pelas condições materiais de vida (saúde, educação, emprego, moradia, etc) e ocorre uma vez que é necessário um grande investimento psíquico defensivo contra a dor da privação. O sujeito tem maior dificuldade de representar o conflito, já que o mesmo o conecta com suas intensas perdas e rupturas.

O esforço adaptativo para sobreviver na miséria muitas vezes é por demais intenso. O sujeito é levado ao concreto absoluto, e sua única alternativa é o alívio imediato da pressão interna e externa. A conseqüência é a droga, o álcool, o individualismo, o prazer instantâneo, o desconhecimento do outro que se realiza na incapacidade de amar. Tudo isso é introjetado pela criança na vida familiar. Pode-se dizer, então, que o leite, passando do seio ao bebê, no contato físico com a mãe, é pleno de relações sociais. O bebê mama fragmentos, mama fantasmas, violência, transporte urbano, mama o medo e a impossibilidade de pensar, mama o desemprego. A mãe, diante de tanta pressão e urgência, já não pode olhar o filho, ver e significar o que ele sente e o que necessita, pois foi expulsa do mundo para dentro dela mesma. No leite, estão todos os fantasmas, agora já da criança, que os vive em seu corpo enquanto terror e abandono sem palavras.

Assim, adoecer é estar diante da morte, o conflito é estar diante da violência física e da fragmentação da família. As rupturas, muitas vezes, significam a vida nas ruas e a rua é a morte pela AIDS, pela violência, drogadição e prostituição.

Diferentemente das famílias em situações sociais limites, nas famílias de classe média e alta, a inserção econômica funciona como uma base importante na coesão familiar e nas possibilidades de futuro. O desenvolvimento do processo secundário está fortemente ancorado na base material na medida em que o ser humano tem a possibilidade de usufruir das redes sociais e culturais. O fato de existir uma sustentação nas relações econômicas no que se refere à saúde, educação, moradia, lazer e cultura faz o sujeito ter segurança, impedindo-o de ficar todo o tempo no limite entre a vida e a morte, em constante experiência de desamparo. Essa inserção social propicia o desenvolvimento do mundo interno e da subjetividade já que o sujeito não está exposto às grandes quantidades de estímulo direto, proporcionando, de maneira geral, maior capacidade de simbolização sobre si e sobre o outro, tornando possível uma adaptação ativa à realidade.

Essa rede de proteção acontece também por meio daquilo que Bourdieu chama de capital social¹⁹, em que uma família ou pessoa em crise possui relações e vínculos importantes como recurso nas situações limites ou de emergência. Na classe média ou alta, sempre há um amigo ou conhecido para conseguir trabalho, a casa de alguém para morar em situação de ruptura familiar, uma bolsa de estudos, um financiamento no banco ou o empréstimo de um amigo, até mesmo um atendimento médico ou psicoterápico facilitado ou conveniado. Ou seja, a inserção social na classe média e alta traz a possibilidade de que as situações críticas não se coloquem de forma imediata e definitiva. Existem alternativas muito mais variadas para a solução de conflitos, o que impede em grande parte as rupturas familiares e as situações traumáticas e definitivas. As situações de violência têm espaços intermediários simbólicos e concretos. Isso, muitas vezes, impede a agressão

¹⁹ ORTIZ, R. “A Procura de uma Sociologia da Prática”. In: Pierre BOURDIEU, *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Organizador Renato Ortiz. Coordenador Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.

física e, quando se dá a ruptura, não leva o sujeito diretamente ao vazio, como é o caso da rua.

Por outro lado, quando alguém vai para a rua é porque perdeu tudo o que tinha: a casa, o trabalho, a escola, as relações. Os afetos que estavam vinculados a essas diferentes instituições são agora depositados na rua, no mesmo tempo e no mesmo lugar, de maneira condensada. Há uma quebra e uma indiscriminação do espaço territorial. Nesse espaço, tenta-se sobreviver e refazer os vínculos fraturados. Tudo isso acontece em um só lugar, em um só momento, como o bebê com sua mãe. Há, portanto, uma deposição maciça dos vínculos, produzindo uma relação simbiótica com a rua. A diferença é que agora se trata de uma criança, de um adolescente, de um adulto, de uma família que sofreu perdas sucessivas.

Nesse sentido, a rua deve ser entendida: como uma instituição das populações marginalizadas. A instituição, como nos diz Bleger, diferentemente das organizações, é uma estrutura que recebe deposição dos conteúdos inconscientes e, quanto maior for a deposição, maior será a dependência do sujeito a essa estrutura. Por isso, é possível dizer que a instituição rua é regressiva. Nesse espaço, não há nenhum controle para a violência e, na maior parte das vezes, é impossível sair dessa situação. O sujeito torna-se prisioneiro do vínculo simbiótico estabelecido com a rua, necessário para sobreviver. A droga é uma necessidade. Não é possível sobreviver na rua sem se drogar já que o contato com a dor física e psíquica, com a morte, com as perdas intermináveis, com a humilhação não possibilita outra situação a não ser a drogadição contínua.

Na instituição rua, há um outro tempo. Na situação de trabalho clínico direto com essa população, dizem-nos um dia: “saí de minha casa há seis meses”. A mesma pessoa nos diz outro dia: “saí há dois anos”. O tempo

se perde nas relações regressivas da rua no tudo/aqui/agora/neste local, nessa condensação e deslocamento. O que marca agora o tempo da vida é a perda e a exclusão e não mais o tempo cronológico. A marcação do tempo agora é: “quando minha mãe morreu”, “quando meu pai foi embora”, “quando saí de casa”, “quando adoeci”, “quando minha mulher me abandonou”, e agora, cada vez mais “quando fiquei desempregado”.

A única situação possível de sobrevivência para a população que está na rua é o abandono das pulsões de meta inibida — pela sexualidade e pela violência. Exatamente na contenção da sexualidade e da violência, segundo Freud, ocorre a construção da civilização. Na rua, é necessária a ação direta da sexualidade, seja pela prostituição, seja pelos poucos momentos de alívio imediato ao encontro de outro sujeito/corpo. Também é necessária a violência para sobreviver pelo roubo, pelo tráfico de drogas, na luta contra a polícia e pelos locais de sobrevivência. Dessa maneira, a população da rua fica alienada, excluída da cultura, na concepção que nos traz Freud no Mal Estar da Civilização.

Podemos visualizar uma sessão de grupo terapêutico, realizado em uma república, organizada por uma ONG para homens que estão saindo da rua. O emergente grupal é o trabalho de catar latinhas, a prostituição, a doença e o alcoolismo. Um deles traz o tema da perda da “neguinha maloqueira”. Era uma cachorrinha que os acompanhava durante a noite para a busca de latinhas no lixo e, um dia, sumiu. Nesse momento, o grupo verdadeiramente se emociona. A essa cena, associo um relato de um operador social que descreve um homem de rua que, ao dormir, amarrou sua cachorrinha e, quando acordou, ela havia sido roubada. Esse colega conta que o homem gritava desesperado: “roubaram um pedaço de mim!” Sigo associando e chego ao

livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos²⁰. A miséria era tanta que o ser mais humano da família de retirantes da seca nordestina era a cachorrinha Baleia. Mais uma associação. No Centro Latino-Americano, atendíamos famílias que viviam em banheiros localizados em uma praça no Alto da Lapa²¹. Um dos banheiros estava sempre fechado quando íamos lá. Encontrávamos somente um cachorro de guarda na porta do banheiro que já era, na verdade, a soleira da porta da casa da família, guardada pelo cão que não permitia a nossa aproximação.

O que pensar dessas cenas? Como operar com elas? Cabe destacar que minhas associações são o primeiro ponto da construção da intervenção clínica. A contratransferência é o meu radar. Acontece, porém, que as cenas descritas são bastante fortes, e a nossa tendência é nos defendermos da dor e do horror. De cenas fragmentadas, o método clínico leva-nos diretamente ao campo da formação profissional. A necessidade do trabalho de supervisão e a capacitação dos trabalhadores sociais encontram-se, às vezes, em situações difícilísimas, tendo de usar toda a sua força psíquica para defender-se do sinistro, ficando incapacitados de uma ação mais congruente.

Outro aspecto a ser levantado é que a miséria desumaniza. A vida na rua é o último degrau de perdas sucessivas. O sentimento de ternura é algo traumático, remete a todas as perdas. Ele desloca-se, então, para a “neguinha maloqueira”, para a cachorrinha amarrada, para Baleia²². A dignidade e obtenção de uma casa, mesmo que seja um banheiro público, é simbolizada pelo cachorro na soleira da porta. Operar aqui é trazer o lado humano que está na cachorrinha maloqueira, pela interpretação, pela elaboração das perdas, por colocar palavras no despedaçamento, por transformar, na ação terapêutica, o

²⁰ RAMOS, G. *Vidas Secas*.

²¹ BROIDE, J. e BRANDÃO Sales, M. I. Atendimento psicanalítico a famílias que vivem na rua. *Anais do XII Congresso Latinoamericano de Psicoterapia Analítica de Grupo*. Federación Latinoamericana de Psicoterapia Analítica de Grupo (FLAPAG). Buenos Aires, 1996.

²² Baleia, a cachorrinha personagem de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

sinistro em belo, como diria Pichon Rivière. É trabalhar para que o homem seja homem e a cachorrinha seja cachorrinha, sua companheira. Da mesma forma, operar é possibilitar, por meio da clínica, que essa casa seja apropriada a seus moradores em função de sua luta e de seu trabalho. Enfim, que o cachorro seja o animal doméstico e não aquele que signifique a casa.

O fato de a miséria nos desumanizar remete ao impacto das relações sociais e econômicas no sujeito. A Psicanálise propicia o diálogo, de igual para igual, entre a clínica rigorosa e os economistas e formuladores de políticas públicas. O impacto do sinistro na clínica e nos técnicos possibilita à Psicanálise ter muito a contribuir na formação dos quadros dos programas de atendimento.

CAPÍTULO 4

4

O Grupo Operativo

4.1 A Dinâmica Grupal

Neste capítulo, será apresentado o material clínico do grupo realizado. O trabalho de elaboração da dinâmica grupal teve por objetivo levantar os emergentes significativos de cada encontro. Com isso, pretendo trazer da forma mais próxima possível todo o processo grupal.

Será apresentada a síntese das primeiras sete sessões. A oitava e última sessão será transcrita integralmente para que o leitor possa ter uma visão mais detalhada do processo grupal. Ao final de cada síntese, são levantados os principais emergentes e realizados comentários sobre o encontro. Todos os nomes dos participantes do grupo foram alterados, assim como o nome da instituição que passei a denominar de Centro Vida.

Os dois jovens envolvidos no homicídio serão apresentados aqui como eram chamados no grupo e na instituição: os “meninos”. Seus nomes foram alterados para João e Pedro.

- **Enquadramento — As regras do grupo.**

Foram realizados oito encontros de duas horas cada um, sempre no mesmo dia da semana e na mesma hora. Todas as sessões foram gravadas e transcritas. O grupo era aberto, ou seja, os participantes vinham quando podiam, sendo que alguns freqüentaram todas as sessões e outros não.

Mantinha-se, contudo, o acordo de aviso em caso de ausência. No total, circularam pelo grupo cerca de 20 pessoas. Essa porosidade serviu como um fator de inclusão, de tal forma que, se eles faltassem uma, duas, ou mais sessões, não estariam fora do grupo. Sabiam que podiam estar ali quando pudessem. Sua pertença estava garantida. Houve casos de uma única e rica participação.

Cabia aos coordenadores abordar os aspectos inconscientes que emergiam na dinâmica grupal por meio das fantasias, da transferência, das situações traumáticas, sempre que estivessem relacionadas à tarefa do grupo, ou seja, debater da forma mais aprofundada possível as situações de violência vividas pelos jovens da periferia. Tomando o homicídio cometido pelos dois rapazes como um fato paradigmático, foi analisado, também, por que determinados jovens cometem atos violentos e crimes e outros não, uma vez que estão envolvidos na mesma situação social.

PRIMEIRO GRUPO

O grupo inicia com a Diretora do Centro Vida relatando como a ONG foi-se aproximando de seu público alvo: os jovens envolvidos com a violência. Explica que o objetivo do grupo é o de discutir qual o posicionamento do Centro Vida diante dessas questões da violência direta e avançar na indagação sobre o que faz um jovem se envolver diretamente com o crime ou com o tráfico e outro não. A seguir, apresenta os membros do grupo:

- a diretoria do Centro Vida;
- os membros do Centro Vida que trabalham e gerenciam os projetos institucionais;
- os jovens da comunidade atendidos pelos projetos;

- os jovens da comunidade que trabalham em projetos da ONG e que já estiveram envolvidos em graves situações de violência;
- o autor de um livro sobre o massacre do Carandiru;
- as pessoas que trabalham com o tema da violência fora da instituição;
- os coordenadores do grupo (Emília e Jorge).

Os coordenadores apresentam-se e falam sobre o gravador e sobre a importância do registro para a elaboração do material do grupo e seu aproveitamento em outras situações. Explicam que todos terão acesso à gravação e que o material gravado será utilizado em função da tarefa do grupo: a produção de conhecimento sobre as situações de violência. Mostram a importância da circulação desse material para a sociedade enquanto conhecimento preparado de maneira que possa ser generalizado a outras situações e utilizado como instrumento na melhoria das situações de vida por meio não só de políticas e programas sociais mas também de produção científica. A coordenação compromete-se em relação ao sigilo, ou seja, o tratamento dos dados e da gravação será feito de forma que a segurança de todos seja rigorosamente preservada.

Logo após são colocadas as regras do grupo (enquadre): horário e número de sessões, o compromisso de cada membro de avisar caso não possa comparecer. A seguir, é explicado o que é a associação livre (falarem tudo que lhes passa pela cabeça) e a importância da mesma para o funcionamento grupal.

A coordenação propõe que as apresentações já se dêem em associação livre. As pessoas colocam, inicialmente, suas expectativas em relação ao grupo, ou seja, aprofundar a questão da violência ao mesmo tempo em que contam sua origem, formação, etc. Os jovens começam a descrever a vida na periferia. Relatam o esforço em implementar ações culturais como o

rap, o cinema e o esporte, em contraposição à presença da violência, a hegemonia que as marcas da moda vão adquirindo sobre a juventude e a distância do centro da cidade. Esse é um emergente importante e surge por meio de distintos relatos da sensação vivida com a violência e com a exclusão. Um dos membros do grupo conta como perdeu a possibilidade de estudar ao ir morar em um bairro distante da Zona Leste e como, quanto mais longe morava, mais distante ficava a construção de seu projeto de vida.

Os membros do Centro Vida verbalizam sobre sua vida e as dificuldades do trabalho que desenvolvem, expressando os sentimentos contratransferenciais que permeiam os técnicos, ao mesmo tempo que começam a surgir as diferenças de classe, os diferentes mundos e espaços sociais presentes no grupo.

Outro emergente grupal é a questão da confiança e do respeito. Os jovens dizem que, com uma pessoa desconhecida, é possível o respeito, mas não a confiança. O ato violento surge quando se perdem os dois: o respeito e a confiança, e, com isso, a possibilidade da palavra. A violência desencadeia-se no momento em que ela não pode ser expressa. A coordenação aponta para o grupo como aquilo que é trazido enquanto situação externa também se refere às mútuas relações transferenciais presentes no aqui-agora grupal (se haverá, ou não, confiança e respeito entre os membros do grupo, entre as diferentes classes sociais e entre todos: a coordenação e a instituição). Isso, possivelmente, permite que o diálogo se aprofunde. Nessa hora, surge, pela primeira vez, na fala dos autores, o crime cometido. Eles relatam o ocorrido ainda de forma bastante genérica.

No encontro inicial do grupo, a primeira questão que se apresenta é a do enquadre. É quando a Diretora da instituição explica a todos a razão da constituição do grupo. Ao mesmo tempo, os coordenadores colocam as regras

do grupo, ou seja, a associação livre, o dia e a hora das sessões, o número de sessões, o porquê de elas serem gravadas e o compromisso de sigilo.

É a colocação do enquadre que permite o funcionamento do grupo como tal, fazendo com que, como dizem Bleger¹ e Bernard², o conteúdo sincrético, que é a parte mais regredida do sujeito, possa ser depositado naquilo que é combinado entre todos. Na medida em que existem regras claras, é possível surgir aquilo que não é organizado, nem racional, de origem inconsciente. Para esses autores, é necessário encontrar um nível de deposição dos conteúdos mais regredidos do grupo que permita tanto a constituição do mesmo, quanto o movimento dinâmico. Isso porque, quando os conteúdos sincréticos são depositados de forma maciça no enquadre, o que o grupo vive é uma situação de paralisia diante do medo que este retorne ao grupo na forma de caos e de loucura.

É o enquadre, também, que delimita o espaço, o tempo e os mútuos compromissos. Isso permite que a transferência se constitua de uma forma livre e interpretável. À medida que os papéis vão ficando claros é que se torna possível ver e entender o que neles é depositado enquanto fantasias, idéias, desejos, etc.

No primeiro grupo, já surge uma questão que perpassou todo o tempo a dinâmica: as diferenças de vida entre aqueles que vivem no centro e na periferia, ou dito de outra maneira, as diferenças entre as classes sociais presente no espaço grupal. Essa diferença surge por meio de relatos sobre as dificuldades cotidianas da vida na periferia, das impossibilidades culturais e da violência. É interessante notar que estão presentes no grupo pessoas bem

¹ BLEGER, J. O grupo como instituição e o grupo nas instituições. In: *Temas de Psicologia Entrevista e Grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

IDEM. *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1975.

² BERNARD, M. Los grupos burocratizados. In: *Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo*. Tomo X. Número 1. Buenos Aires, 1987.

sucedidas como diretores de uma instituição muito conhecida em todo o país, gerentes de projetos sociais em ascensão profissional, um escritor, além dos coordenadores apresentados ao grupo como pessoas muito respeitadas.

Nesse momento, emerge a questão da confiança e respeito por parte dos jovens. Quando esse emergente é interpretado pela coordenação na relação transferencial no aqui-agora grupal, de estar referido ao gravador, surge uma pergunta que os jovens fazem a si mesmo, à instituição, aos demais participantes do grupo, à coordenação e mesmo à outra classe social ali presente: será possível estabelecer no espaço grupal uma relação de confiança e respeito para que assim se possa verdadeiramente tratar do tema a que o grupo se propõe?

Outro aspecto interessante nesse sentido é como já surge a questão da marca comercial do tênis enquanto objeto de desejo e de falsa sensação de inclusão social. A marca, como colocava Fontenelle³, adquire um poder que se constitui pelo fetiche da mercadoria. Nela estão depositadas relações e fantasias que servem inclusive como um aparente sedativo diante da falta e da dor. O intenso desejo de usar um tênis, como sabemos, expressa o desejo de entrar em um mundo de relações e oportunidades. Assim, não podemos jamais pensar que, quando um jovem da periferia mata ou assalta alguém para tomar-lhe o tênis, seja disso que verdadeiramente se trate. Na verdade, esse tênis é, no imaginário do jovem, o passaporte para um outro mundo. São essas interpretações que, provavelmente, permitem aos ‘meninos’ abordar o homicídio, ao final do grupo, mesmo que ainda de forma bastante genérica.

³ FONTENELLE, A. I. *O Nome da Marca. McDonald's, Fetichismo e Cultura Descartável*. São Paulo: Boitempo, 2002.

Principais emergentes:

- o enquadre;
- a distância do centro e na periferia;
- as tentativas de vida cultural e suas dificuldades diante da pobreza e da violência;
- a importância da marca comercial para os jovens da periferia;
- as experiências de violência e exclusão;
- os sentimentos contratransferenciais dos técnicos e diretores da instituição;
- as diferenças de classe social no grupo;
- o papel da confiança e do respeito;
- a violência e a ausência da palavra.

SEGUNDO GRUPO

O grupo inicia com vários membros ausentes, em outra reunião no mesmo local, onde parte da equipe conversava com os meninos sobre seu destino na instituição. É relatado que a primeira orientação do Centro Vida havia sido a de que eles participassem em um trabalho desenvolvido pela instituição na Zona Sul. Depois, em uma outra reunião, que havia durado várias horas, a equipe havia mudado de idéia, já que essa proposta, de certa maneira, faria com que o Centro Vida fosse conivente com os jovens que haviam cometido o crime.

A primeira intervenção da coordenação é que seria importante não somente o relato no grupo do que ocorrera na outra reunião, mas também a inclusão de todos os que estavam na mesma no grupo assim que esta acabasse. Depois de alguns minutos, chegam todos. Eles sentam de uma forma na sala que alguns membros não podem ver nem serem vistos por

todos. A divisão do grupo é apontada e todos se ajeitam para que possam se ver e escutar.

Os rapazes da periferia começam a colocar que o fato vivido pelos dois jovens poderia acontecer com qualquer um deles e contam a perda de vários amigos, e como uma situação inesperada de violência pode ocorrer a qualquer momento.

Os que cometeram o homicídio falam disso como algo inevitável. O confronto entre os dois grupos havia sido criado na festa, gerando uma situação de matar ou morrer já que ambos haviam ido buscar armas para conversar. Os rapazes da periferia começam a relatar suas experiências com armas.

Surge o emergente do medo por meio de um ato falho. Um dos meninos envolvido com o crime, ao dizer que não queria ver sua mãe chorar, fala “não queria que minha mãe me visse chorar”. O outro envolvido com o crime relata que havia feito 13 cursos profissionalizantes e que, no instante em que matou, os perdeu todos.

Os jovens relatam casos e casos de violência em que haviam estado envolvidos. Os técnicos os escutam paralisados. A coordenação aponta outro emergente relacionado com o medo que surge no grupo. É o temor do vínculo no aqui-agora-grupal. Forma-se um pacto inconsciente em que os jovens da periferia contam casos muito “pesados” ou “escabrosos” (com isso não quero dizer que não sejam verdadeiros) e os membros da Diretoria, gerentes e intelectuais, os escutam quase que hipnotizados. A defesa contra uma verdadeira escuta se dá na transferência grupal pelo fascínio que um subgrupo exerce sobre o outro. Com isso, reproduz-se a ausência de verdadeiro contato entre as diferentes classes sociais. Esse jogo transferencial ocorre por meio da

mútua sedução. Cria-se, assim, com muita facilidade, um aparente movimento de comunicação, encobrindo a dificuldade do verdadeiro diálogo.

Os Diretores do Centro Vida falam a respeito da dificuldade de uma inserção orgânica no trabalho. Expressam também os preconceitos que eles vivem por sua inserção de classe, além da forma como são vistos na periferia, onde são os “de Pinheiros”. Por outro lado, em seu meio social, são aqueles que “fazem caridade” ou um “trabalho legal”. Surge, no grupo, porém, o desconhecimento da instituição sobre o seu campo de trabalho na medida em que se pensou sobre a possibilidade de os “meninos” voltarem para a Zona Sul. Todos da periferia no grupo eram unânimes em dizer que eles seriam mortos por vingança.

Isso permite que os jovens expressem com toda a clareza como os dois ‘meninos’ são seus autênticos porta-vozes e possibilita à coordenação entender e explicitar como atualmente a arma substitui a palavra a partir do relato do crime cometido e das outras relações vividas na periferia. A coordenação aponta também a diferença entre o espaço cotidiano e o espaço grupal ao colocar que ali, no grupo, todos podem dizer o que lhes passa pela cabeça, experimentando o novo por meio da expressão do que pensam e do que sentem. Aquilo que é dito não se transforma em fatos concretos, ou melhor dizendo, passagens ao ato.

É importante ressaltar a importância de estimular constantemente a associação livre. Dessa forma,, o grupo vai-se fortalecendo à medida que seus membros percebem que, independente das classes sociais ali presentes, todos têm fantasias, temores e são fortemente mobilizados pela fala de cada um em função das mútuas transferências entrecruzadas na dinâmica.

É assim que vão emergindo temas como a arma e a violência no lugar do medo de morrer e de ser humilhado. É como surge o ato falho que

aparece no grupo em relação à mãe de um dos ‘meninos’. É possível entender como aparece mais um passo na passagem ao ato: o medo. Toda vez que uma interpretação como essa é feita no grupo, dá-se um novo passo na cadeia associativa dos significantes que vão surgindo. Um dos ‘meninos’ fala da quantidade de perdas que teve em função do ato que cometeu. É assim que a coordenação pode apontar algo que estava latente: ao matar, ele sente que morreu.

Pode-se dizer aqui que o emergente principal da sessão foi o medo. Aparece o medo que se vive no cotidiano da periferia e como, diante dele, vai-se ao ato. Quando surge o medo de morrer, mata-se.

Principais emergentes:

- a dificuldade da instituição lidar com o crime sem ser conivente;
- os “meninos” como porta-vozes dos outros jovens na medida em eles sentem que poderia ocorrer o mesmo com qualquer um deles;
- as armas e a inevitabilidade do crime na periferia. A substituição da palavra pela arma;
- o medo;
- aquele que mata também morre já que perde todo o seu mundo;
- o pacto inconsciente do grupo por meio da mútua sedução e da fascinação pelo sinistro;
- a dificuldade da inserção orgânica da ONG na periferia;
- o pouco conhecimento por parte da ONG de seu campo de trabalho.

TERCEIRO GRUPO

O emergente inicial do grupo é o estranhamento frente à diferença social e o impacto de estar diante do crime e do criminoso. Com isso, abandona-se o pacto inconsciente de uma aparente comunicação. A fala da equipe técnica vai-se aprofundando nessa direção quando chegam os jovens. A ausência dos “meninos” no grupo é vivida com apreensão e culpa. A equipe da instituição expressa o temor que eles não mais retornem em função da atitude de não incluí-los em outros trabalhos, inclusive na função de monitores remunerados.

A coordenação trata de criar cada vez mais espaço para as associações livres do grupo, apontando as necessidades e dificuldades que surgem diante da complexidade do fato (o crime) e como este gera intensos sentimentos contraditórios e de perplexidade. Aponta também como ali se dramatiza a dificuldade de comunicação entre as diferentes classes sociais. Esses obstáculos surgem naquele momento por meio de clichês de um em relação ao outro e das formas pré-determinadas de abordagem de conflitos. Para que o novo apareça, é importante que o espaço grupal seja continente para a intensidade das contradições, para a expressão das fantasias e dos verdadeiros sentimentos no aqui-agora-grupal.

Aqui surge a questão da alteridade e da tentativa de estabelecimento de vínculos a partir do desconhecimento do mundo do outro, que era o portavoiz do desconhecido. A interpretação da defesa grupal permitiu claramente que, agora, na terceira sessão, todos se colocassem de outra maneira. Foi ficando claro que a tarefa do grupo não era simplesmente ouvir os jovens, mas, sim, escutar a todos em um diálogo sobre o desconhecido, na tentativa de encontrar um conhecimento compartilhado e útil pelas experiências ali presentes.

Os membros da instituição questionam-se sobre suas atitudes e procedimentos. Isso pressupõe o diálogo entre os dois subgrupos. Aparecem, assim, as dificuldades de todos. No caso do Centro Vida, é importante dar limites e entender situações como estas que constituíram o grupo, ou seja, o homicídio cometido pelos ‘meninos’. O crime ocorrido colocou em cheque estruturalmente a instituição e seus técnicos. É interessante observar que, ao mesmo tempo em que é colocado um claro limite aos rapazes, é aberto o espaço institucional do grupo em que tudo pode ser dito, inclusive o questionamento da própria instituição.

A coordenação aponta a seguir que o falar tanto dos “meninos” quanto do grupo da semana anterior apresenta-se como uma nova defesa na dinâmica grupal: o “falar de fora”. O dentro é a enorme confusão que os ‘meninos’ geraram (sentimentos de culpa, horror, desejo, o questionamento radical da instituição). Com essa interpretação, o grupo pode apropriar-se de seu material e aparece novamente o impacto causado pela força da arma e pela ausência da palavra. Isso faz com que os jovens relatem vários casos de violência, não mais de uma forma exibicionista, mas, sim, trazendo a banalidade da morte em seu cotidiano. Falam também do alívio que sentem ao poder falar com liberdade naquele espaço, e isso é algo muito novo em suas vidas.

Surge a quebra dos discursos pré-concebidos da equipe, além do medo e da culpa pela atitude que tiveram com os ‘meninos’. A cena do crime também coloca em jogo os jovens da periferia. Eles sentem os dois rapazes como seus legítimos porta-vozes. Não se percebem capazes de uma atitude diferente da deles diante de uma cena semelhante.

No que se refere à dinâmica grupal, os participantes comprometem-se com a tarefa à proporção que, cada vez menos, projetam seus conteúdos

naqueles que cometeram o crime. Passam a se envolver na tarefa ao trazerem, com muita honestidade, aquilo que o grupo mobilizou em suas éticas, seu trabalho e suas histórias de vida.

Assim, a questão da diferença de classes permeou todo o trabalho. O papel da coordenação foi o de sempre: apontar as fantasias, temores, preconceitos que existiam de um subgrupo em relação ao outro. À medida que eram percebidos os obstáculos de comunicação a partir das diferenças sócio-econômicas, foi sendo dramatizado no grupo a relação social no mundo de classes e das distintas inserções sociais. Nesse sentido, o trabalho grupal gerou um espaço para uma formidável experiência de diálogo entre mundos tão organicamente distintos, mesmo que a instituição tivesse por tarefa agir na questão da violência.

Vale a pena abordar, também, a questão de como se apresentam as defesas nos grupos. Elas se mostram com toda a sutileza da clínica, já que a fala, ao mesmo tempo em que traz o implícito e permite o novo, encobre e nega o conflito quando se transforma em sintoma ou compulsão à repetição que se manifesta na dinâmica grupal. Isso ocorre no momento em que há um estancamento no processo criativo e pode aparecer de distintas formas, por exemplo, por meio de conflitos, da criação de um bode expiatório, dos temores transferenciais em relação a qualquer membro do grupo, em relação à coordenação, à instituição ou à tarefa. No campo grupal, tal situação pode surgir enquanto fala de um membro do grupo, de um subgrupo ou de vários. Assim, quando se coloca intensamente a ausência dos meninos e os temores que isso acarreta, é uma importante reflexão institucional, pois, ao ficar preso a essa representação, o grupo não avança no fato mais novo de todos que é ver-se diante da diferença de classes e da alteridade de cada um. Fixar-se em um tema para não falar de um outro que esteja ligado à tarefa é a pré-tarefa.

No entanto, é exatamente nessa relação dialética, que a pré-tarefa irá nos possibilitar desvelar as defesas diante da tarefa.

Assim a coordenação, ao mesmo tempo em que estimulava sempre a associação livre e mostrava como os conteúdos que iam surgindo no grupo estavam construindo uma tessitura de confiança e continência, nunca deixava de apontar as defesas, sempre presentes, geradas pelos conteúdos ameaçadores uma vez que traziam o desconhecido e o novo.

Principais emergentes:

- o estranhamento diante do outro;
- a ausência dos ‘meninos’ no grupo;
- o impacto de estar diante de alguém que matou;
- a culpa da instituição e do grupo por colocar limites. O medo de colocar limites e perder o trabalho;
- a dificuldade de comunicação entre as classes sociais;
- o medo dos sentimentos gerados pela dinâmica grupal;
- a banalidade da morte;
- o alívio da possibilidade da palavra e do espaço grupal;
- o sentimento de impossibilidade por parte dos outros jovens de se diferenciarem dos “meninos”.

QUARTO GRUPO

Após a última sessão, o grupo se mobiliza fazendo com que venham alguns dos membros que haviam faltado, assim como novos jovens.

A primeira colocação é de uma técnica, questionando os objetivos do grupo. Para ela, a função dos técnicos é muito mais escutar aqueles que são atendidos pela instituição do que falar. A coordenação aponta um movimento

no grupo. Em tal movimento as pessoas deixam de ser expectadoras umas das outras, as classes sociais misturam-se e ensaiam um diálogo cujas dificuldades e conflitos são colocados sem temores, preconceitos, etc.

Outro aspecto levantado pela coordenação e que permeia os vínculos na dinâmica grupal foi o fato de o Centro Vida ter dado um limite claro aos “meninos”, além de ter realizado um forte movimento de inclusão (a própria constituição desse grupo). Esse movimento arrojado gera, também, temores e dúvidas entre os técnicos e diretores da instituição.

A fala agora gira em torno da pesquisa: quem faz investigação na periferia e quem fica com os resultados, como se bloqueia o campo ou se abre à periferia para o conhecimento externo. A coordenação interpreta, na transferência grupal, como, por meio da pesquisa e do produto do conhecimento, estão sendo abordadas as relações de produção e a relação entre classes no aqui-agora grupal, ou seja, com quem ficarão os produtos do grupo?

Surge um porta-voz trazendo algo que vem se delineando no grupo: a transformação que o trabalho social e o próprio processo grupal vão fazendo nas pessoas que dirigem o Centro Vida e gerenciam seus projetos. Ele traz à tona o quanto essa transformação é surpreendente e altera os vínculos consigo mesmo e com o mundo externo.

Os jovens da periferia começam a explicitar com muita clareza as experiências de conflito social na FEBEM, nas relações com os técnicos e monitores e o que ocorre nas rebeliões. Relatam também as situações limites nas favelas, o ódio que sentem e a dificuldade na construção de um projeto de vida. A coordenação aponta como, ao relatarem tantas situações, vai ficando clara a dificuldade da instauração da palavra, como o ato de violência é quase automático e natural e como a situação de vida pela carência material, pela

ausência de rede social, pela ausência de trabalho, pelo preconceito, pela ‘mais-valia’ faz com que o sujeito aperte o gatilho. Isso gera fortes sentimentos de ambivalência no grupo porque, nessas condições, a morte ou o crime, de alguma forma, naturaliza-se.

Emerge, então, uma outra situação de violência vivida por um dos técnicos no final de semana anterior: casualmente estava em uma pensão turística onde se dera uma disputa de terra resolvida por meio de um crime por dois matadores. Os assassinos, que haviam estado a serviço do dono do hotel e com os quais o técnico do Centro Vida havia convivido durante todo o final de semana, eram também garimpeiros. Além disso, haviam estudado em uma das três universidades estaduais públicas paulistas e trabalhado em um instituto de pesquisa de uma delas. A violência aparece no grupo como algo que provém de todas as classes sociais.

O grupo se encerra com o relato de um dos rapazes da periferia que traz a experiência de quase ter sido morto em um fuzilamento no qual foi atingido por cinco tiros quando estava em uma festa em seu bairro.

É interessante observar como o grupo vai tendo uma continuidade orgânica a partir de sua experiência. O primeiro material que surge é exatamente o retorno do questionamento do lugar do técnico na relação com os jovens do grupo. Esse questionamento é claramente defensivo ao mesmo tempo que é investigativo. Os membros do Centro Vida começam a relatar no grupo o impacto que este está causando na instituição e na forma como eles estão mudando a maneira de entender o seu trabalho, não só na compreensão do campo, como também na mudança da relação com a população atendida. A experiência grupal faz com que deixem de ter medos, atitudes estereotipadas e demagógicas com os jovens em campo.

Ao surgir a questão sobre os produtos do grupo e como os jovens sentem as equipes de pesquisadores que chegam à periferia, novamente emerge na transferência entrecruzada com os membros do grupo, com os coordenadores, com a instituição e com a tarefa a experiência do conflito de classes vivido pelos jovens. Eles tratam de como sentem que sua vida é vasculhada e que os produtos nunca lhe pertencem. É evidente que estão se referindo ao grupo. Com essa interpretação, abre-se mais um espaço para a fala das diferenças, de quem se apropria do que e como isso vai ocorrer em relação aos produtos desse grupo.

Dessa forma, mais uma vez, alarga-se o espaço e a tessitura grupal, permitindo contarem ali experiências de violência vividas tanto por técnicos da ONG em sua própria classe social, quanto o relato de chacinas e violências vividas e cometidas por outros membros do grupo. A situação de violência agora não está mais circunscrita e depositada nos ‘meninos’ e nos outros jovens. O mesmo ocorre em relação aos impasses da vida. Todos têm conflitos e, nesse sentido, todos vão-se apresentando enquanto sujeitos e não mais uns como objetos observáveis dos outros. Assim surgem situações e relatos de vários membros do grupo, independente de sua classe social.

A coordenação mostra como este é um espaço de liberdade e de uso da palavra, e como os membros do grupo vão-se apresentando ao desconhecido e à contradição à medida que vai surgindo um diálogo entre as classes sociais. Nesse espaço, cada vez mais, um pode ver o outro como um desconhecido que interessa e assusta, como algo que é estranho e instigante, ou seja, ambos os subgrupos vão percebendo, gradativamente, a diferença entre pensamento e ação, entre a palavra e o ato, o que, sem dúvida, é uma experiência transformadora.

Principais emergentes:

- os técnicos começam a questionar qual é o seu lugar;
- o diálogo entre as classes sociais;
- o procedimento institucional de dar limites e a relação com a palavra;
- o medo dos jovens de que a instituição se aproprie do conhecimento gerado por eles;
- a transformação vivida pelos membros da instituição pela experiência grupal;
- a naturalização da violência na periferia;
- a presença da violência nas diferentes classes sociais.

QUINTO GRUPO

O grupo tem início com a fala dos “meninos” sobre as dificuldades de participação. Eles contam que foram tentar a vida em Minas Gerais. Nada conseguiram e retornaram. Alugaram um barraco na Grande São Paulo. Para chegar ao local do grupo, demoram três horas e meia e tomam três conduções. Estão sem dinheiro.

A temática gira em torno das dificuldades, renúncias e preconceitos que todos vivem: classe e meio social e o local onde estão. Os membros do Centro Vida relatam como, muitas vezes, quando estão na periferia, são pouco autênticos. Sentem-se obrigados a aceitar tudo e a gostar de todos porque estes são os pobres e a população que atendem. Os jovens, por sua vez, relatam como são invejados e atacados pelos pares quando conseguem iniciar e desenvolver um projeto de vida.

Assim, vai emergindo a questão da experiência daqueles que vivem na periferia e vão-se inserindo no mundo da inclusão social e do trabalho. Ao mesmo tempo, os técnicos e dirigentes do Centro Vida vão também relatando

sua experiência de entrada na periferia. A coordenação interpreta esses emergentes na transferência, ou seja, como estas falas referem-se ao próprio grupo, lugar concreto e vivenciado da interpenetração de mundos tão diferentes. Para que seja possível tal interpenetração, é necessário que cada um atravesse seus modelos já estabelecidos. A comunicação só é possível no lugar do novo.

Com isso, um dos “meninos” conta que sempre estudou. Terminou o secundário e já havia realizado treze cursos que haviam sido oferecidos pelo governo e ONGs na periferia. Foi assim que conheceu o Centro Vida. Quando cometeu o homicídio, perdeu todos os cursos em um só instante. O outro “menino” relata a importância de ter esse espaço grupal, onde está podendo falar com clareza o que aconteceu com sua vida depois do crime e que estava se sentindo o pior dos seres humanos por ter matado uma pessoa. No início, ele pensava que os coordenadores pudessem ser da polícia por causa da gravação das falas. Diz ainda que o fato de ter sido acolhido pelo Centro Vida pelo grupo foi decisivo para não aceitar o convite para trabalhar no tráfico de drogas.

Na medida em que a interpretação da coordenação abriu a possibilidade da troca de experiência, o grupo passa a experimentar o novo, mostrando o sentido da presença de cada um e a possibilidade do diálogo transformador a partir da alteridade. A barreira da classe social e da diferença cultural passa a ser cada vez mais abordada propiciando surgir no grupo o sujeito com sua história de vida e seus desejos.

Segue o movimento de interpenetração dos mundos quando os membros da instituição já falam sem inibição das dificuldades e falhas de seu trabalho. Nesse clima grupal, os ‘meninos’ reaparecem. É possível pensar que, depois da ausência, eles sentem como o grupo avançou. Podem, então,

retomar o assassinato já não mais de uma forma defensiva, mas percebendo, cada vez mais, o impacto que tal fato teve em suas vidas. O sentimento de desenraizamento ao não encontrarem a possibilidade de sobrevivência em outro estado, e de estarem foragidos muito longe de suas casas, em condições de vida muito precária, leva-os a uma depressão e, ao mesmo tempo, a uma visão muito mais integrada de suas vidas.

Aqui ocorrem dois “insights” importantes. O primeiro deles é a possibilidade de pensarem no grupo como, ao matar, de alguma forma, morreram. Morreram sem perder a vida, mas tudo o que haviam ganhado na vida. O segundo é o reconhecimento explícito da importância do espaço grupal, possibilitando-lhes, por meio da continência, do pensamento, da solidariedade e da palavra, contraporem-se à fácil solução apresentada pelo tráfico de drogas. Podem expressar, também, o luto e a culpa por aquele que mataram. Isso significa poder começar e ver o outro e a si mesmos, pensar em sua história e seus desejos, assim como daqueles que estão no grupo e daquele que morreu. Com isso, emerge a questão da Ética e da Justiça.

Nesse sentido, a dinâmica vai gerando um movimento surpreendente: vai-se insinuando um verdadeiro julgamento que não se dá pelo Poder Judiciário, mas, sim, pela palavra e pelo impacto do fato na vida de cada um e do grupo. Quando um técnico pode dizer a um jovem a verdadeira experiência de horror e repulsa que lhe causa estar diante dele que é um assassino, quando os outros membros da instituição questionam se agiram bem ou mal com eles, dando-lhes limites que acarretam perdas e uma continência sóbria, rigorosa, discutindo seus próprios equívocos, e, com isso, tratando de não serem coniventes com o crime, quando os outros jovens expressam que poderia ter ocorrido o mesmo com eles, mas eram amigos também do que morreu, estabelece-se um diálogo que permite aos ‘meninos’ e ao grupo como um todo uma verdadeira elaboração no espaço grupal.

Principais emergentes:

- a dificuldade de sobrevivência dos “meninos” a partir do desenraizamento causado pelo crime;
- o ir e vir dos ‘meninos’;
- as renúncias e preconceitos pelos quais todos os membros do grupo para estarem naquele espaço. Como a comunicação só é possível em um lugar novo, desconhecido;
- como ao matar se perdeu a vida;
- a culpa pelo crime;
- a importância da palavra e do grupo na contraposição ao tráfico de drogas.

SEXTO GRUPO

O grupo inicia debatendo sobre o destino do material produzido, ou seja, se o que estava sendo realizado ali poderia ser aproveitado em outras situações por seus membros, ou em outros projetos. Logo após, o tema gira em torno da mudança que os membros do Centro Vida vão sentindo no grupo e como essa experiência está transformando a forma de relacionamento com os jovens da periferia.

Um dos rapazes traz a notícia de que a mãe de um dos “meninos” mudou do bairro em função do crime. A seguir, comenta-se que os “meninos” não podem voltar ao bairro, porque inevitavelmente serão mortos. Os jovens explicam que não é possível falar na região sobre o ocorrido (os que matam e os que morrem), mesmo em grupos mais fechados, pois qualquer palavra pode ser entendida como ameaça, levando a uma ação direta de vingança.

Surgem inúmeros relatos de violência sobre o funcionamento da lei da periferia: se alguém mata, será morto (se o assassino não for encontrado, a vingança pode ser efetivada sobre algum familiar); se alguém desrespeita

qualquer regra, também será morto; o terror em relação aos estupradores (pessoas que trabalham e têm família saem à noite em gangues para matar esses estupradores com requintes de crueldade). Qualquer suspeita sobre alguém facilmente torna-se certeza e a violência é desencadeada. A relação com a polícia também se dá exatamente no mesmo código.

Aqui aparece um emergente que se vem delineando no grupo: a função da palavra no território do desamparo, da fragmentação e da ausência do Estado. A força das relações cotidianas no território faz com que a palavra se transforme em ato. Qualquer um que diga que fulano é estuprador adquire o poder de vida e morte sobre o acusado que será perseguido e assassinado por pais de família, traficantes e jovens. O mesmo ocorre quando alguém é morto e fulano ou beltrano é acusado. Independente de sua culpa, a vingança recairá sobre ele ou sobre sua família. O olhar de um preso na cadeia sobre a mulher de outro significa que um dos dois morrerá. A provocação de um sobre a namorada do outro empurra-o para o homicídio.

Manifesta-se a diferença que há na palavra de acordo com a situação social. Dois dos membros do grupo produziram um livro em que um intelectual relata a vida do outro membro do grupo, sobrevivente de uma grande chacina praticada pela polícia. Este último tem sido perseguido pela polícia que o espanca e ameaça-o. Além disso, rasgam o livro e roubam o dinheiro da venda. O escritor intelectual sabe que isso não ocorrerá com outros livros que já tenha escrito ou venha a escrever. Ele relata que tinha muita esperança de que o livro produzido poderia trazer uma transformação de fato na vida do co-autor sobrevivente. Fala sobre a diferença existente entre a sua palavra enquanto intelectual e escritor e a de seu colega quando este relatava desesperado como era espancado pela polícia ao vender o livro que os dois haviam produzido.

A coordenação assinala que o espaço grupal pode contribuir para que a palavra ocupe o lugar da comunicação e do pensamento com afeto e propiciando uma ação refletida. O que se coloca em termos de grupo é como estabelecer espaços na situação geográfica e social vividos pelos jovens, permitindo que a palavra adquira seu potencial de elaboração e transformação.

É interessante observar, como já diziam Sartre⁴, Pichon⁵, Ana Maria Fernandez⁶ e Ana Quiroga⁷, que o grupo se constitui enquanto um espaço onde se dramatizam problemas da ordem do institucional e das relações sociais. O espaço grupal, inicialmente dividido em classes sociais, permeado pelo preconceito, vai permitindo, cada vez mais, aos técnicos e Diretores do Centro Vida falarem de sua experiência na situação de violência. A diferença de classe social emerge enquanto diferença do efeito da palavra. É possível perceber o contraste entre a tessitura criada no grupo e o território em que predomina o desamparo e a violência,. No primeiro caso, a fala exerce sua função enquanto expressão do sentimento e da reflexão, do processo secundário, do simbólico. No último, sem a tessitura construída pela possibilidade de reconhecimento do outro, a palavra facilmente perde o sentido do humano para transformar-se em passagem ao ato.

⁴ SARTRE, J.P. “Cuestiones de Método”. In: *Crítica de la Razón Dialéctica*. Buenos Aires: Losada, 1995.

⁵ PICHON RIVIÈRE, E. *Del psicoanálisis a la psicología social*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1983.

⁶ FERNÁNDEZ, A. M. *El campo grupal. Notas para una genealogía*. Buenos Aires: Editorial Nueva Visión, 2002.

⁷ QUIROGA, A. P. *Proceso de constitución Del mundo interno*. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1985.

Principais emergentes:

- o grupo vai-se apropriando de sua produção à medida que sentem o quanto a experiência grupal é transformadora;
- as regras da violência;
- a diferença da condição da palavra segundo a situação social;
- a palavra no grupo;
- o lugar da palavra.

SÉTIMO GRUPO

Este é o penúltimo encontro. Os integrantes falam novamente da ausência dos “meninos”. As pessoas do Centro Vida se autocriticam por não terem sido capazes de serem continentes para os dois. A coordenação destaca que, mesmo ausentes, os “meninos” seguem dando a linha temática e de elaboração ao grupo. Tal grupo tem por tarefa o exercício de uma reflexão profunda da situação de violência que se abate sobre os jovens da periferia, e não necessariamente salvá-los. Não sabemos se o grupo poderá cumprir esta função ou não. É interessante notar que, em um dos encontros, eles relataram a seguinte situação: ao se aproximarem de um carro, a dona fechou o vidro e isso gerou neles um grande ódio, mas nada fizeram com a mulher porque estavam vindo para o grupo.

O primeiro emergente dessa sessão é a diferença entre o tempo no grupo e o tempo na periferia. O primeiro é o tempo de elaboração e do pensamento. O segundo é impulso-ação. O contraste entre o grupo enquanto espaço de elaboração das experiências vividas e do espaço da periferia, onde tudo é veloz, tudo é ato, e a vida pode mudar completamente em instantes tal como ocorreu com os ‘meninos’.

Surgem também os produtos desse grupo. Um deles é como o Centro Vida pode, agora, entender mais profundamente o que está ocorrendo com a juventude nas periferias, e constata que as situações são ainda mais limites do que se imaginava. Com isso, surge a necessidade de o Centro Vida ousar mais realizando, inclusive, grupos como este diretamente nos bairros.

Foi-se configurando a imagem de que a vida na periferia é uma corrida de obstáculos devido à quantidade de situações limites a que o sujeito precisa responder. Ele pode passar por um, dois, três, cair no quarto, levantar-se, ou então, quebrar as pernas. Nesse sentido, a pergunta inicial do grupo (por que uns cometem ações violentas e outros não?) mostra-se uma falsa questão, já que o cotidiano da periferia, enquanto situação de enorme desgaste, pode levar à violência a qualquer instante. Isso muda bastante a compreensão que se vai obtendo sobre a questão da violência e do envolvimento da juventude em situações de ruptura. Torna-se claro por que os ‘meninos’ expressam tão bem a vida de todos os jovens presentes. A “corrida de obstáculos” leva a uma superexcitação e exaustão em função da necessidade de respostas imediatas constantes de situações de perigo. O sinistro pode apresentar-se de forma súbita, é necessário uma atenção redobrada a todo instante.

Emerge um outro fator importante. O que faz com que aquele que está na “corrida” tenha mais ou menos chance de não cair? O grupo produz, então, duas questões bem interessantes. A primeira é o quanto ser desejado pelo outro possibilita àquele que está em risco agüentar a frustração e a dor. Saber-se desejado pela mulher, pela mãe, pelo pai faz com que se sustentem situações muito duras. Com isso e, a partir dos relatos e diálogos no grupo, foi possível entender a enorme importância dos modelos identificatórios na sobrevivência ou não à “corrida de obstáculos”.

Por outro lado, o grupo aborda também quais são os recursos psíquicos necessários para não se envolver. Aparecem aqui importantes cenas familiares: o olhar da mãe de preocupação e espera faz o sujeito agüentar as situações limites; o fato de um deles ter visitado o pai durante 16 anos na cadeia deixa muito claro que não desejava o mesmo futuro.

Outro aspecto importante levantado pelo grupo é a contraposição à corrida de obstáculos como construção da rede social nos bairros. Elas possibilitam alternativas à passagem ao ato. A rede social gera um encontro de outra ordem entre as pessoas, esse sim, perpassado pela palavra que surge no vínculo com o outro, na música, no esporte, etc. Ou seja, quando o encontro é permeado pelos ganhos da cultura, ele proporciona o simbólico. Assim, quando o espaço e o tempo na periferia estão ancorados na rede social, diminui a diferença da vivência entre o espaço grupal e o território urbano.

Principais emergentes:

- a diferença do tempo grupal e do cotidiano da periferia;
- como a instituição pode aprofundar sua compreensão no campo por meio do processo grupal;
- a vida enquanto corrida de obstáculos na periferia. A violência pode acontecer a qualquer instante;
- quais os recursos psíquicos que dão melhor possibilidade de sobrevivência nessa corrida;
- a importância da rede social.

OITAVO GRUPO

09/12/2002

Encontro final – Oitavo grupo

(...)

Jorge : Último grupo... Vamos começar?

— Eu só queria falar uma coisa antes de começar, que eu hoje vou ter que sair um pouquinho mais cedo, umas 10 para as sete...

Jorge : Tá bom... Hoje é um dia super importante, porque é o ... hoje é o ...

— O último dia...

Jorge : ... o último dia... e é interessante também que, no último dia, a gente está vendo algumas produções legais aqui... o Mosquito mostrando o projeto dele, super interessante... o Plínio também mostrando um projeto super interessante, né, Plínio, um trabalho que estão fazendo com as idéias...

Osmar: É um projeto da periferia, né, mais preciso, ela que pediu esse projeto pra gente, a gente veio por intermédio da (alemã?) né, a gente teve o privilégio e a oportunidade de trazer, mostrar para a sociedade, né, porque sempre quando a gente faz... pelo menos cinco projetos... os quatro últimos projetos igual o Plínio falou, a realidade era diferente, ainda ele tem 10% do (?) pra investir aqui a gente tem 10% do nosso pagamento, 10% do nosso rateio, sei lá, a gente não tem, entendeu, a gente tenta de qualquer jeito, pra amenizar um pouco a tensão lá no base “A”, né, eu lembro que a gente tava lá no CIC lá, trocando uma idéia, a respeito do projeto, tava colocando os panfletos, aí como no CIC é uma loucura, tem polícia dentro do CIC...

Jorge.: O que que é o CIC?

Osmar: Centro de Integração da Cidadania... aí tem polícia dentro do CIC e tal, aí a hora que eu tava colocando assim... o policial veio eu já... bateu o olho... já nem olhei, tal... tava lendo lá... ele é... esse é um... e puta e foi a minha besteira foi que ontem, a gente ia fazer só o logo, só fazer uma ilustração no cartaz e ia falar... só falar do projeto, não ia colocar nem dia, nem (?), nem hora, nem nada, aí em cima da hora a gente, eu e o Mosquito debatendo, pô, coloca (?)

— Quem começou foi o Gildo...

Osmar: É, aí ontem, mais ainda, tem que colocar o local, aí colocamos de canetão, aí não sei o que que deu na cabeça dos cara, os cara tava meio revoltado porque o Corinthians perdeu, eles começaram a botar local CIC Sul e uma frasinha no final... local CIC Sul e uma frasinha no final... aí era força, não sei quê, não sei quê... e teve uma que colocaram “chapou”; e eu coloquei lá dentro do CIC não tinha percebido que era essa (?) aí... CIC Sul chapou? Por quê? Por que CIC Sul chapou? [A polícia?] é... Aí na hora que eu ia falar... puta, e agora... aí chegou um pai de família correndo, descalço, no CIC, sem camiseta, puta, acabaram de roubar meu carro ali... acabaram de roubar meu carro... aí os cara pegou e saiu correndo, os policiais já saiu correndo com o cara também, e foi atrás do carro do cara, [salvo pelo gongo] salvo pelo gongo, mas eu fiquei triste pelo cara, pô, na favela o cara foi roubado, o cara tava limpando o carro na frente do prédio lá da Cohab lá, e... acho que de repente foi buscar um sabão na casa dele lá no prédio lá... e levaram o carro do cara... o cara chorou, meu, deu dó, meu, ver o cara chorando assim, a filha dele desesperada, a filha dele botava a mão no coração, o peito chegava a estufar... ai pai, e agora, pai... o cara devia tá pagando o carro dele... Então acho que esse projeto vem amenizar essa tensão aí desse pai de família, dessa menininha aí que tinha um carro como um meio de lazer, né, um meio de transporte, agora, não tem nada... (?) a molecada senta lá na frente... tipo... eles fizeram o prédio, mas não fizeram as grandes, eles fizeram o muro, mas não fizeram as grades, né, aí fica uns 20, 30 moleque sentados no muro, (?) pra ver quem cuida do carro que vai chegar o próximo carro, porque como é bastante carro que frequênta lá, a molecada não se agüenta, ela tem que ficar ali quando chegar um carro...pessoal já põe o cinto já... esse é meu, esse é meu...

Plínio: É como a gente fala, né meu, é a lei da zorra, né... então se o cara tá ali, olhando o carro, ele deixou o carro passar na vez dele, todo mundo vai passar na frente, é que nem se o cara... se o moleque mora na rua, tem um jornal, e deixar eu dormir no jornal dele hoje, amanhã eu tenho que jogar ele pra fora do jornal... então já tem que me espancar... se eu tentar dormir no jornal dele já me espanca... quer dizer, eu tenho que ser mais forte do que ele, então infelizmente, essa é a realidade mais nua e crua, né, quando a gente... dentro do projeto mesmo, nessa oficina lá, você vê vários moleques que vai chegar lá porque... eu fumo mesmo... eu roubo mesmo... (?) até aí tudo é um processo, quando a gente fala que o processo é lento, porque é lento... porque muitas vezes o moleque chega com essa ideologia, que... não, se eu não roubar... se eu não der um soco no cara... o cara vai dar em mim... até você falar pra ele que é mais fácil ele contar até cinco... aqui na rua você tem que contar até um... aí ele fala assim: ah, se eu contar até cinco, o cara já me deu cinco murro no meio da cara... aí

quando ele tem uma oportunidade de chegar num ambiente aonde que ele vai ser respeitado e TEM que respeitar... ele vai conquistar você, seja no grafite, seja no dj, seja no (?) seja no break, né, ou seja no axé, que tem muitas menina que fala, ah, mas nós não gosta de hip hop, vai pra capoeira... e cadê esse espaço?

Mosquito: Plínio, você falou de axé... (?) você falou de um jeito engraçado, tá ligado, porque tem uma discriminação contra o axé ... eu particularmente não ficaria regulando essa de axé, tá ligado, eu sou de princípio muito machista, muito das antiga e (?) minha cara, mas meu, engraçado lá na favela lá, tem um grupo de Axé, e tem a rapaziada assim que nem eu, que dançam Axé, tá ligado, e eles vão participar da arte dos excluídos... porque a gente tem de incluir eles, expor o trabalho deles, pô, os moleques são profissionais, eles dançam o Axé, tem as mina, né, que salva, graças a Deus, só cueca, tá louco meu, mas é engraçado e... eu troco uma idéia, eu curto o Rap (?) e tal, com a rapaziada (?) mas eu... evito tipo qualquer sentido crítico assim referente aos cara, eu dou minha opinião, falo oh, não é minha cara, sabe meu, mas eu mantenho o meu respeito...

Osmar: É legal quando você pode respeitar todos os gêneros... outro dia nós fizemos um evento lá na Vila Fundão, dentro da favela, aí o que aconteceu? Tinha axé, tinha samba, tinha forró, tinha rap, porque que o movimento hip hop é marginalizado? É porque os cara... não é que os cara não respeita, é que o cara pra afinar uma guitarra é meia hora... tem um grupo de rap que surgiu lá e o cara tava lá... o cara cantando o rap e o cara batendo na bateria... aí o cara falou meu: se você não parar com isso daí eu vou quebrar a bateria na sua cabeça... na hora o cara falou: puta meu... e parou... aí quando os cara falou assim ah, os cara que canta rap tem cara de mau, não é... porque...

— Rap é ladrão...

Plínio: É ladrão, né... aí subiu as mina lá pra dançar, todo mundo ê... lindo, maravilhoso... falei e aí... aí você vê lá os irmão rebolando, mas você tem que respeitar, entendeu... porque é a ideologia deles...entendeu... aí os cara fala: não vai dar certo... aí os cara vem reclamando, não vai dar certo... como que não vai dar certo? Se todo mundo tá aqui no mesmo objetivo, que é trabalhar pela comunidade, como que não vai dar certo? É só você respeitar o espaço e o direito de ir e vir, né, aí fizemos a festa tá ligado, acabou a festa, todo mundo se cumprimentou, tá ligado, no final da festa o cara fez um barato da hora, meu, já que somos todo mundo irmãos, tudo a mesma raça, vamos dar a mão aí, um tiozinho aí lá do candomblé, cara, aí o tio Pastor, o Pastor foi lá olhou, tá ligado, aí os cara já falou pô esse cara já vai ficar falando de... de... religião aí... aí o cara era lá da umbanda,

candomblé, chegou pra mim: é... você não tem a sua religião? Por que você não pode respeitar a do próximo? A palavra de Deus, ela existe, cara, e Deus, ele existe, ele não tem nome, Deus, né, o tal de anjo não tem sexo, nesse momento Ele está presente, aí o cara se aproximou, aí essas foram as palavras que usaram lá na Bíblia, que muitos não acredita, né... então isso é importante, você mostrar para o adolescente que independente de cor, raça ou religião, ele tá ali, ele é um conteúdo, ele é um componente, entendeu, então quando a gente vai ali na favela, a expectativa é maior... outro dia eu fui fazer uma palestra lá em São Bernardo do Campo, cara, pra... acho que 2.500 pessoas, numa faculdade. Aí os moleque do 1º, 2º e 3º colegial, né, aí os moleque da 5ª, da 6ª série, tudo queria ver, né, porque eles viu na televisão, viu no Jornal, tá ligado, aí saiu um professor (?) de dentro da classe, (?) não suporto esses moleque, é tudo peste... aí nós fomo lá trocar idéia com os moleque. Aí falei pros moleque: aí, vamos fazer uma dinâmica, cara, vamos sentar todo mundo no chão... — ah, mas por quê? — vamos sentar... aí nós sentamos no chão, falei, agora vocês coloca um caderno nas costas um do outro e vamos escrever... quantas horas vocês ficam... agüentam ficar escrevendo um nas costas do outro? Vocês têm que ficar 4 horas dentro da escola, né, falei ó, lá na Vila Fundão, no Capão Redondo, na Favela de onde vem o Angola, na Favela do (?), os moleque não tem uma cadeira para sentar, os moleque não tem uma carteira... eles têm que sentar e colocar o caderno nas costas um do outro pra escrever... imagine se você não tivesse a carteira... hoje você tem a cadeira, a carteira e não dá valor... — é mesmo, tio? — É pra você ver, né, você quer ver a cena? Tem foto aqui, olha os moleque lá. Só que o Núcleo Jovem é do lado lá... a gente tem dois guri lá, tá ligado, o cara da cor, que tá na porta, os moleque lá da favela não pode entrar...

— Uma bosta isso aí né...

— Aí tinha uma mina do Núcleo Jovem falou assim pra mim: como é que é o Angola, eu vi a cena... eu vi o cara lá... o cara não deixou a molecada da favela entrar, né, então aí eu falei pros moleque: tá vendo, hoje seu pai trabalha pra você ter um caderno, né, pra você ter um lápis, uma caneta da hora... banhada de ouro... você vem pra escola e fala que o professor é chato... que a professora é sem (futuro?)... e aquele moleque que tá lá no meio da favela que não tem? Não tem nem sequer a professora! A professora chata... [mas tem vontade], mas tem vontade, né, meu. Aí a menininha falou assim: — ô tio, mas eles ficam assim mesmo? Falei, imagine se você tiver na sua casa um brinquedo e trazer pra escola pra doar para aquele moleque que não tem? Ou um caderno que você rabisca ali... entendeu, sua mãe compra dois, três caderno, porque ela tem condições, mas hoje

ela tem condições, e a história dela? Aí a diretora falou assim: pô, meu, mas é assim mesmo, cara? É só você ir lá, se você entrar dentro da favela, você vai ver... que o moleque está ali sofrendo, mas ele está querendo aprender alguma coisa.

— E ele é mais feliz ainda, né...

— Ele é feliz! Outro dia nós fomos num debate, aí tem um mano que é até do hip hop, o Claudinho. O cara me escreveu uma música que fala: o povo da periferia não tem outra opção a não ser roubar... aí nós tava no debate eu falei pra ele, meu, na favela tem cara feliz também, eu já morei dentro da favela, essa ideologia é furada, né, não é verdade? Então é bonito o cara colocar lá, o povo da favela a única opção é roubar... por que a única opção é roubar?

— (?) tem uma questão e agora eu estou lembrando do começo de nossas conversas aqui... que toda... eu não concordo com isso, não acho que a única opção é roubar, pelo contrário, só que várias vezes nessas conversas que a gente teve aqui, o que foi trazido aqui, era que por falta de opção, as pessoas estão fora da escola, que elas não têm emprego, que elas não têm dinheiro, e que por isso elas roubam...

— Leva a isso... é a causa e o efeito...

— Então... mas o (?) é que está falando pra gente, que não isso. Que não é a única opção roubar.

— Não é... mas como você vai trabalhar isso? Veja bem... aí você...

— Você concorda que tem duas coisas juntas (?) os discursos estão em conflito, porque de um lado tem... porque eu não concordo com isso também, eu não gosto desse discurso que vitimiza... o tempo todo é coitado, ele não tem opção... bã, rã, rã...

Plínio: Não existe coitado na periferia... existe o cara que tem que trabalhar, tem que trabalhar, porque, veja bem, se o cara não tem uma estrutura, certo, você vê vários talentos dentro da periferia... eu tenho acesso dentro de uma gravadora, entendeu, tem várias pessoas lá, tem mais de oitocentas pessoas pra ficar ouvindo cd, tá ligado? Meu, nós fizemos um festival de rap, cara, vários talentos, só que chega lá os cara pum, você vê aí os cara... hoje em dia qualquer um canta, os cara chega lá e edita a voz do cara, põe uma batida, tá ligado, e o cara canta no play back... entendeu, a cena é a mesma, só que muda de lugar, entendeu, porque dentro da favela, o menino tá ali, cara, ele faz o som na parede, no barraco dele, certo, o cara faz um (pit?box) na boca, que é o instrumental, tá ligado? Só que você tem que trabalhar

isso, como que você vai descobrir ele lá? Aí os cara fala assim: a única opção é roubar...

Jorge : Vamos circular aqui... vamos...

— Vou falar um pouco desse negócio de opção... (?) tem várias opções só que alguns seguem a roubar, outro vai vender sorvete, outro vai vender coxinha, tem várias opções...

— Vai vender farinha... cocaína...

— (?) falar aqui a opção é roubar... porque a mídia está chegando lá e está falando que é só roubar... não vai mostrar o moleque que está vendendo sorvete lá desde... cinco anos... não vai mostrar isso, vai mostrar o cara que tá roubando... e tipo... que nem os outro fala que... a opção é roubar lá... eu acho que a opção não é roubar, se eu tivesse as opções e entre essas opções...

— Sobre essa parada de opções, cara, é um complexo total, porque cada caso é um caso, entendeu, tem caso que a pessoa não tem outra opção, porque de repente a pessoa é de psicológico fraco, já nasceu ali em toda aquela miséria, em todo aquele contexto, e a mesma, e de repente a mesma pessoa, na mesma família, que viveu naquela miséria, que viveu naquele contexto, transformou tudo isso em força para lutar por um amanhã digno, entendeu, e aquele outro já falou, caraco, eu vou roubar, já é uma visão mais revoltada, mais então, as opções estão aí entendeu, só que é o seguinte, não funciona, cada pessoa é diferente, entendeu?

Plínio: Como a gente fala, que a hipocrisia que vicia e alicia, tá ligado? Eu fui pro crime, tá ligado, com 12 anos eu era um moleque de rua, eu roubava muito, eu tinha que roubar pra mim comer, eu tinha que usar droga pra não sentir fome, tá ligado, tinha hora que eu roubava uma bolsa de uma tiazinha e entregava pro policial, falava assim ó, tó, eu não sabia o que tinha dentro da bolsa, os cara me dava um saco de cola, tá ligado? Então, o cara vai pro crime dessa forma, não justifica, tá ligado, não justifica...

Jorge : Eu queria fazer uma observação...

Emilia : Que são as duas coisas, não tem uma linha reta. Ninguém começa de um jeito e vai até o fim da vida numa linha reta. Acho que são opções, mas também são opções... às vezes tem as opções para os dois lados de uma mesma vida...

Plínio: Quando eu era adolescente, eu tinha um ídolo, todo mundo aqui não tem um... pra mim, tá ligado, eu tinha um cara lá na quebrada lá que

(?) os adolescentes, tá ligado, o cara era o CARA, o cara tinha as melhores mulheres, os melhores carros, as melhores motos, tá ligado, só que é o seguinte, o cara era o CARA, (?) qual foi minha decepção, cheguei dentro do pavilhão 9, o cara tava vestido de... de mulher! Tá ligado, e aí? Eu, por respeito ao cara, tá ligado, pelo nome que o cara tinha no crime, eu queria ser criminoso, falo puta, mano, eu quero ser um ladrão também, eu quero ser (?) também... mas eu já tava... quando eu não usava droga, o cara chegou em mim e falou assim, ô meu, (?) dá um tiro aí, tá ligado? Depois que eu me viciiei, o cara falava (?): só que é o seguinte, aí, metade é meu, tudo o que você roubar, metade é meu... então eu não aceitava que me falassem que o crime, tá ligado, que o crime é maravilhoso...tem as suas conseqüências, tá ligado...

Jorge : Deixa eu colocar uma coisa... que é o seguinte: estão me chamando a atenção algumas coisas que eu queria... a primeira coisa é que vocês vejam que essa questão, está voltando a questão da opção como no primeiro dia do grupo, não é, e na verdade eu acho que essa conversa vem, como a do primeiro dia do grupo, o grupo elaborou muito isso aqui, a gente trabalhou muito isso aqui no grupo, que era que existe opção, mas não existe opção, na verdade são as duas coisas, né, que existe, mas não existe, mas antes do que isso, me chama a atenção uma outra coisa, que nós estamos trabalhando hoje, como se, não fosse o último dia do grupo. Então, parece que o grupo está fazendo uma negação que essa é a nossa despedida aqui, pelo menos nesse espaço aqui, e vocês vejam, parece que tem uma negação disso, a gente está fazendo de conta, parece assim, que estamos fazendo de conta que não é o último dia, que é um grupo normal como todos os outros sete que a gente fez, ou quantos a gente fez. Parece que tem uma coisa que está latente aqui no grupo, que é a dor, talvez da separação... é a dor de poder falar... o que que esse grupo significou... é como se a gente não pudesse ainda falar disso, não é, o que significou a gente se encontrar... o que que significa, coisas do tipo que hoje o Plínio traz as fotos, do trabalho dele... o Mosquito traz todo esse projeto, né, coisas muito distantes que tinham no primeiro grupo, né, então o que não tinha... é essa confiança inclusive de trazer, não tinha essa intimidade de mostrar quem se é e o que que estava querendo se fazer, não é, então me chamou a atenção isso, como se a gente faz de conta que hoje não é o último grupo. E a gente até para fazer de conta que hoje não é o último grupo, mais ou menos conversa como no primeiro grupo, né, ah, é opção, não é opção... é isso, é aquilo... a gente já viu isso, a gente já aprofundou MUITO profundamente isso, tem cenas aqui que a gente trabalhou que são da maior densidade, como a cena dos teus diplomas, como a cena do segundo em que a tua vida mudou, como a cena do teu chuveiro, como a cena... enfim, da tua namorada, da tua companheira, enfim, de

tudo... da polícia... quer dizer, a gente trabalhou essas cenas com muita profundidade e parece que agora como é o último dia, e a gente mexeu tão fundo dentro de nós mesmos e a gente faz de conta que não, eu não sei o que vocês acham disso...

Emília: Eu queria colocar uma outra coisa aqui, que por um lado eu acho que é isso que tu está falando, por outro, eu acho que como é um grupo, e a gente sempre falou de ter um produto concreto, os produtos concretos apareceram neste grupo... quer dizer, o Plínio trouxe as fotos do trabalho dele, o Mosquito estava explicando como é que vai ser a Semana lá da Mobilização, então eu acho que também tem uma preparação para a gente pensar um produto concreto...

Jorge.: Estou de acordo...

Emília: Dentro de uma alegação de começar a falar, como no primeiro dia, mas tem por outro lado... pô vieram produtos como se oh, se a aqui a gente pode fazer a partir desse grupo... dá para tocar... como é que a gente agrega essa discussão aqui com o que já está acontecendo, porque as coisas estão acontecendo... o Plínio faz o trabalho dele, a tua vida continua, o Centro Vida continua, o Mosquito... quer dizer, tudo... a vida segue, né, então como é que a gente pode agregar essas experiências daqui com as coisas que já estão rolando...

Mosquito: Posso falar uma coisa, sabe o que me deixa puto, indignado, é ter programinha pra boi dormir, tá ligado, na mídia, tá ligado, essa mídia é uma filha da... entendeu, porque é uma bosta, cara, eu estou realmente revoltado, desculpe aí se tem algum boy aqui... (?) trabalho, mas que eu to invocado com certos tipo de boy, tem boy que você troca uma idéia, tem um que você vê uma mente periférica, apesar de ter dinheiro ou não... Mas tem, meu, a maioria desses boy da mídia, dá licença, tá ligado, cara, pô...porque não mostra o projeto do Plinio lá, a cara do gueto pro gueto, tá ligado, por que meu? Porque que não mostra o bagulho... eu pararia pra assistir cara, eu pararia pra assistir... ficam colocando o Sandy e Júnior, o Sandy e Júnior tá montada no dinheiro, o trabalho deles desde criança eu acompanhei quando na minha fase de moleque, tá ligado, mas não quero mais ver a cara deles pompozinho, cheirosinho... tá vendendo aquela imagem do menino forte, tá ligado, e aí meu, eu quero ver o gueto na... (?) pro gueto, tá ligado, o pessoal tá aí... vivendo hipocrisia, meu...

— Deixa eu falar uma coisa... tava falando lá, e eu acho que rolou uma mudança no grupo, esse grupo ele foi sendo...então acho que algumas pessoas que foram chegando e que puderam acompanhar aos poucos então acho que até essa cara de limpinho, tá uma cara meio que... tem gente que tá chegando e tá mudando, e como assim...e o Rafael hoje

mesmo a gente conversou, poxa, tá chegando ao final, é...como é que é, como vai ser, pô, foi muito legal... quer dizer, acho que ao mesmo tempo tem esse processo mesmo de... puxa, seria legal... é legal estar... mas acho que também para algumas pessoas esse final não está com cara também porque foi chegando, foi chegando, sem saber quando era a nossa data final, enfim...

Emília: Ele chegou hoje, né? Como é teu nome?

— Meu nome é Zé...

Pedro: Ele estava com nós também no dia lá do... do homicídio... tava eu, ele, o (?), tinha mais outro colega nosso que não tá com nós... foi pra outro lugar lá, que ele... foi o que começou a confusão e foi o primeiro na verdade que deixou falando nós... que nós acabou fazendo esse homicídio para defender esse colega nosso e esse colega nosso acabou pulando fora... aí já começou todo aquele processo de mudar a vida, você não poder ir mais na quebrada você cresceu, porque se você for lá tem vinte, trinta caras querendo o seu pescoço...

Osmar: Muitas pessoas chegou a falar isso pra mim, você não vai virar a cabeça, né, eu falei assim não, não vou virar a cabeça por causa que aconteceu esse negócio, porque muitas pessoas, se acontece alguma coisa errada já quer virar a cabeça ou até correr para o lado errado mas só que... o negócio é... levantar a cabeça, não é porque aconteceu isso que também eu vou sair fora de onde que eu morava, eu vou lá sim, se os cara me pegar (?) que vai pela idéia, né, mano, porque eles lá pensa que nós tava tudo errado, entendeu, sendo que eles mesmo tava errado, e eles não sabem qual é a verdade, mas só que eu não vou... ficar também... muito corrido assim por causa do pessoal que não tem nada a ver. Mas só que eu to em outro lugar, to sossegado, esquecer isso daí... seguir em frente, né, meu, dá um toque pros cara até do que rolou no dia, né, no penúltimo dia... deu uma enchente lá em casa, eu comprei uns material pra dá uma arrumada antes do Natal e tal, aí no dia, então quer dizer, no antipenúltimo dia que eu saí daqui, na hora que eu cheguei em casa, na hora que eu cheguei na quebrada, eu descii um ponto antes da minha casa, que eu precisava agilizar umas coisas do projeto, precisava passar na casa de outro irmãozinho nosso que corre com a gente e tal, na hora que eu descii... eu tava (?) eu escutei uma pá de tiro, aí eu fiquei na minha... aí passou um camarada meu de moto, falou: Osmar você não quer ir embora não, mano, tá cruel a favela, mano, vamos lá que eu te deixo lá e saio fora... falei que, mano, não, tô sossegado, acabei de chegar vou ficar por aqui mesmo. - Não, é melhor você ir porque o (barraco?) vai ficar louco. Aí eu falei, mas o que foi, meu? – Mataram um maluco ali, não sei se você está sabendo... mataram o Alex... falei: O ALEX? puta, aí eu pensei (?)

também, já fiquei pensando nisso (???) [por causa dele também que começou a briga...] aí vai vendo, aí... eu subi na moto e falei, então vamos embora, eu subi na moto com ele, na hora que a gente tamo no meio do caminho, ele parou um outro cara, pra falar a mesma coisa, — mataram o Alex, mataram o Alex, puta mano, mataram o Alex? Eu acho que já sei quem foi... aí ele olhou pro cara... que tava comigo, aí ele... deu um toque pra ele falou assim... é, pode crer... deve ter sido os cara memo, aí tipo, deu uma de João sem braço... lógico, né, estamos continuando aí, falei é mano? O maluco tinha tetra? Tinha treta com o Pedro, o João, o Zé, o João Paulo, não sei o que... eu falei pô, mas será que foi os cara, mano? — foi os cara, foi os cara...(muitas falas juntas)

Pedro: (?) A confusão começou por causa dele, ele que tacou a latinha de cerveja na cara do João Paulo e o outro foi querer cobrir as bronca, ameaçando nós, só que... eu mesmo pensei assim na hora, eu não vou morrer... porque eles tava em dez cara, meu, (?) se o cara for me matar (?) a mãe dele que vai chorar primeiro... eu falei pra ele...

— Mas esse Alex, era um dos dez, é isso?

— Era um dos dez, e tipo...nós foi e matou esse primeiro aí ... firmeza, mano, nós fomo lá, tô participou até da comissão do hip hop de lá também no interior de São Paulo, e nisso foi rolando, e aí não sei o que esse Alex fez por aí... tá ligado... arrumou alguma (?)

— Não, mas só que também, esses cara aí... o irmão do moleque que nós matamo também queria pegar esse Alex aí porque foi por causa dele que arrumou a briga, e na hora ele correu, aí os cara, os primo do cara que morreu primeiro, os amigos do cara que morreu primeiro, ficou tudo contra esse Alex, porque esse Alex, o amigo dele morreu, em vez dele ir lá dar uma força pra família, né, aí não, ele comprou motinha nova, começou a andar na dele, entendeu, e todo mundo foi se injuriando... entendeu?

Osmar: E nisso, como nós tinha treta, as primeira pessoa que eles pensaram foi quem? Tipo o tempo inteiro assim, que eu tive na rua que... tipo assim...e pior, uma coisa, ultimamente, a gente vem reparando na periferia, que todo... sempre quando morre um cara, os (?) chega e joga dentro do carro, porque antigamente não era assim, antigamente deixavam, agora não, agora os cara tão já levando embora... só que não, ele ficou, e virou a madrugada na rua, então fica a madrugada inteira, neguinho na rua olhando, até tirar o corpo entendeu, então imagine o tanto de boato que não surgiu...

— E nisso foi polícia na casa do Zé, foi... polícia na casa dele porque falaram que foi ele... Puta, depois... o primeiro boato que tava rolando na minha rua é que foi assalto, que levaram a moto dele, que foi assalto. Aí acharam a moto dele no parque... não sei que lugar do parque... então disparou o alarme... depois, no outro dia eu fui no São Luis, eu fui lá de manhã, passei lá na rua que ele morreu, vi as faixa amarela... aquele negócio cinza do rabeção lá...

Pedro: No outro dia... nós fomos lá, aí um cara do (?) já falou: — você é louco, o que você está fazendo aqui, meu? Mataram os cara aí tá todo mundo atrás de vocês, pensando que foi vocês... eu fiquei até de noite e fui na casa do irmão do moleque que nós matamos, trocar idéia com ele, falei porque que aconteceu, troquei idéia com ele ... aí falei que a treta tinha sido por causa do Alex... troquei a maior idéia com ele...

Jorge : Como é que ele te recebeu?

Pedro: Não ele tipo... de primeiro, assim, ele ficou assustado, pensando que eu queria alguma maldade com ele... só que não, eu queria...

Antes disso ele já queria falar comigo, mas só que eu fiquei meio cabreiro, né... de ir lá... trocar uma idéia com ele assim, e ele fazer alguma coisa comigo... falei assim ... ah não, se for pra acontecer, vai acontecer...

Fim lado A da fita

(...) qual a fita, pra ver se ele vai ficar jogando (?) pra nós, ou então pra ver se ele vai resolver logo sair com os primo dele também... aí fui lá, troquei idéia com ele, chamei ele, marquei um encontro com ele, pra mim não ir na casa dele, porque ficava, meio chato, né, aí ele chegou e falou assim pode colar aí, aí eu fui lá, troquei idéia com ele primeiro, aí depois de um pouquinho e ele foi...

— E também ninguém sabia da história direito... porque a história que chegou lá, foi...

— Do que tinha acontecido?

— É, da confusão, que nós tacou a latinha...

— Porque esse Alex aí que morreu, ele chegou e falou pro irmão do moleque que morreu, falou que... jogou culpa tudo em nós, entendeu, aí por isso que ele queria trocar idéia comigo, pra saber se era verdade, tudo isso que estava se passando, entendeu, porque ele só ouviu a voz dele, ele não tinha ouvido a nossa voz ainda, entendeu, aí ele... logicamente que ele ia jogar os negócio só pra nós só...

— Aí depois que vocês conversaram, ficou uma coisa de que... agora pelo menos o irmão do que morreu...

Pedro: Tanto que quando eu fui lá, a primeira pessoa que eu chamei pra ir comigo, tanto que eu nunca tinha assim parado pra conversar, foi meu pai, nunca parei pra conversar com o meu pai...

Emilia: Como é que foi essa conversa?

Pedro: Com o velho? Com o meu pai? Tipo meu pai... ele tava bem assim querendo mandar eu ir pra Minas, só que se eu for em Minas lá, o pessoal já... passa fome, e aí é uma boca a mais é muita treta, né, aí eu fui lá, tipo... ele já ficou olhando pra mim assim... ele já perguntou: você é louco, o que você está fazendo aqui? Aí eu falei não, eu só... quero ir que eu vou conversar com a mãe do João a mãe dele tava passando mal por causa desse Alex que tinha morrido, porque falaram pra mãe do João que foi o João, sendo que o João estava em Buguaçu e ele tava doente...

— E outras pessoas falaram que foi ele...

Pedro: É... falaram que foi ele, aí eu ia lá primeiro se explicar com a mãe do João, aí meu pai foi, tipo... meu pai num gosta assim muito de mim assim, nunca... foi assim de parar pra trocar idéia comigo... ele só falou vamo lá, eu vou com você, não falava nada comigo, só falava pra mim ir embora, não, você vai embora, não sei que... que os cara vai te matar... falei não, não devo... vou ficar aqui, e ano que vem vou (?) moleque do São Luis aqui... aí eu fui na casa da D. Vera, ela tava tipo de cama, tava 3 dias sem comer, já, por causa que tava passando mal, com essa história aí... aí eu conversei com ela, ela melhorou um pouquinho, aí ela tomou remédio, almoçou, aí falei agora eu vou na casa desse moleque, o Zé já tinha conversado com ele, eu falei agora eu vou dar a minha versão da história, que foi o que aconteceu. Aí eu fui lá, ele já ficou assustadão, aí eu chamei ele, aí ele ficou até meio assim de vir, pensando que eu ia querer alguma maldade com ele... aí ele veio, ele falou tipo... aí eu peguei e expliquei a história pra ele, aí ele falou assim, ele contou a história que o Alex, que o finado Alex tinha falado pra ele, que era uma história totalmente diferente, que a treta não tinha começado com uma latinha, tinha começado por causa de um samba, não sei da onde, do Capão, não sei se é do Capão... (?) aí falou que tinha começado daí... aí eu conversando com ele, ele contou a história que o Alex tinha falado e o Alex tinha tipo... pra tirar o corpo fora, que foi ele que armou a treta, falou que foi o João Paulo que armou a treta, e que na hora que o (Ivan?) tava indo embora, nós chegou por trás e... sapecamo ele...

— Pra você ver como o irmão dele estava injuriado, porque (?) os amigo dele (?) que tava junto com ele, pegaram... que eles tava em dois carro, né, pegaram o carro dele na (?), pegou o carro dele e começou a ir para o salão, nem se preocupou com ele lá, entendeu, por isso que o irmão dele tava já injuriado com os amigo dele...

— E ele na UTI, tipo... acho que tinha ficado duas semanas na UTI, e nenhum dos amigo dele foi lá...

— O primeiro que nós matamo... foi o primeiro e o último... (risos) porque eu falo o primeiro, aí vai pensar não, tem o segundo, tem o terceiro... foi o primeiro e foi o último que nós matamos. E tipo... aí desse fato aí começou a surgir várias fofocas, zé povinho sabe como que é, né, aí mataram esse aí, como ele tava na treta, quem foi? Foi os moleque... (muitas falas)

— Sendo que nesse dia eu tava lá em Buguaçu, né... aí... se eu (?) se os parceiro dele não vem lá, aí também é nós...

— Nesse dia foi meu pai, minha mãe, a mãe do João de carro...

Pedro: ... eles tinha ido no centro de Buguaçu, porque lá onde nós mora não tem mercado, pra você comprar um arroz e feijão, você tem que camelar, tipo... uns quarenta minutos, tá ligado, aí eles foi comprar um arroz, aí eu tô vendo um cadete vermelho vindo, tava sentando o pau (?) falei... eu conheço aquele carro meu, aí dá um cavalinho de pau, quando eu olho pra dentro meu pai, minha mãe, a mãe do João... aí eu...o que vocês querem aqui, que vocês tá fazendo aqui, vocês é louco — Não, é que mataram o Zé e o João... Mataram o Zé e o João.. eu falei putz, e agora... entrei dentro do carro, fui procurar esses moleque, os moleque tava no centro do Embu, o pessoal tava falando (?) que tinham matado os moleque...

— (?) sei lá, conversaram com o irmão do cara, (?) não queria voltar pra lá?

— Ah, eu estou pensando em voltar o ano que vem já...

— Ah, se eu fosse você não fazia isso não...

Emilia: Eu estou pensando uma coisa aqui... uma das... retomando a idéia de que hoje é o último dia, uma das propostas que eu acho que surgiram aqui em outras vezes que a gente se encontrou, foi usar este formato deste grupo em outros lugares, em outras circunstâncias, né, você acha que teria clima para fazer um tipo de discussão assim lá onde aconteceu o crime?

— Convidar as pessoas?

— É, convidar! O irmão do Alex... esses caras, os dez... não sei quem é...

(muitas falas juntas)

— O irmão do que morreu... eu até arrisco convidar ele, o Arnaldo... mas dos dez... eu não quero chegar nem perto... dos oito que sobrou... (?) a vontade é grande... desses cara...

Plínio: É tipo assim, dá até pra ter uma discussão mas não com vocês, porque infelizmente, tá ligado, o crime, cara, (?) pra você ver a preocupação, eu me preocupo quando eu vejo essas idéia, né, porque... ah tudo isso eu já passei, tá ligado, vários parceiros meus passaram, tá ligado... você vê... você tira a vida por causa de uma lata... Teve uma cena uma vez, fui eu e o Mario, nós tava dentro da detenção, fazendo um trabalho com um grupo e tal, os cara assassinaram três pessoas, né, mas depois de vário tempo eu falei... troquei uma idéia com... eu falei pô, Mário, aquele dia que nós tava lá, lembra (?) [é, mas eu não vi nada] ele não viu... (riso) ele não viu, né, porque a visita é uma (?respona) dentro da cadeia, né, e os cara tinha... [eles se esconderam de mim, né...] os cara tinha que morrer, tá ligado, não podia passar daquele dia, tá ligado, aí os cara vem, dentro do setor, fala ó, fica aí que vai cair três, tá ligado... antes (?) ... depois de vários dias eu falei... ó mano, aquele dia que nós tava lá e tal... aconteceu isso e isso, ele não viu, é a mesma coisa, aí você volta nessa cena deles aqui, né, você fala pô o cara, o cara jogou uma lata não sei em quem... (?) vê como que é a vida, né, no crime... não tem valor, né, como que a vida no crime não tem valor... isso vai repercutir...

— Ao mesmo tempo tem, né... não, não, ao mesmo tempo tem porque eles (?) ele mudou de lugar onde está morando porque...

(muitas falas)

Plínio: Então, mas aí que vem aquela... a causa e o efeito, né... o irmão, quem perdeu um ente querido, cara, nunca vai se conformar, tá ligado, por quê? Você pode ir lá e dar a maior idéia no cara, meu, quando a gente fala que o silêncio fala mais alto... é isso, cara, é a lei da favela... infelizmente, cara, no crime, os cara vai perseguir vocês... tá ligado... eu falo isso pra vocês, tá ligado, de coração, porque eu passei por isso, tá ligado, aqui fora eu matei uns cara, mas chegou dentro da cadeia, eu trombei com o irmão do cara que tive que matar, tá ligado, eu fui acusado de um crime que eu não cometi, cheguei dentro da cadeia, eu trombei com os cara que mataram meu tio... tá ligado, quando os cara chegou dentro da cadeia os cara falou meu, dois cara que matou lá seu tio tá lá... o cara só falou isso... você entendeu, aí

nós tivemos que ir lá fazer a cena, então é uma bola de neve, cara, eu aconselho a vocês, tá ligado, não volta, não volta, porque o bagulho é mais louco do que a gente pensa, tá ligado...

Jorge: Isso... olha uma coisa é importante... vejam bem, agora retomando todo o caminho do grupo, né, porque agora sim a gente está retomando o caminho do grupo, na verdade, eles estão vindo aqui hoje, pedir uma ajuda para a gente, mas o que que eles querem, na verdade eu acho que isso que você está dizendo, inclusive, tem a ver com isso, da ajuda que eles estão pedindo, principalmente para o grupo, que é assim, olha, a gente fez o que dava para fazer, me disseram, estamos trazendo esse caso aqui para o grupo, para o grupo pensar junto com eles e ajudar porque eles estão... o que ele está dizendo é que ele está com muita, muita vontade de voltar, é isso que ele está dizendo.

Pedro: E eu estou ciente também das conseqüências, do que vai acontecer se eu voltar... sei quem é os cara (?) então, tipo assim, se for pra mim morrer assim... eu queria morrer na minha quebrada, né, que eu cresci lá, eu sei que se eu ficar fora de lá eu vou viver, só que não sei até quando, porque se eles sai atrás, os cara vai e... se falar que eu tô lá no... lá na divisa do Brasil com o Paraguai os cara vai atrás, eu sei que vai.

Plínio: Mas aí é tipo assim, não é necessário você morrer, tá ligado, porque se não fosse necessário tirar vidas, cara, eu não tinha tirado, tá ligado, então eu acho tipo assim, o crime é mais duro, é uma realidade mais dura e crua então, por exemplo, se você tem uma oportunidade, tá ligado, de não ser conivente com isso, não causar a sua própria morte...

— Acho que o outro irmão aí tá... tá (?) compreendendo a caminhada...

Jorge: Não, mas talvez ele esteja dizendo o seguinte: estou pensando, deixa eu colocar uma coisa, talvez ele esteja dizendo o seguinte, Plínio, vamos pensar... vê se tem razão o que eu estou falando, talvez ele esteja dizendo pra nós que ele não está agüentando mais... talvez ele esteja dizendo isso, que ele não está agüentando mais o isolamento, que ele não está agüentando mais a culpa, que ele não está agüentando mais ser um assassino... nesse sentido, que ele não está agüentando mais a perseguição...

— A dor da família, também...

Jorge: A dor da família, você vê, talvez eles estejam dizendo isso pra nós, e o fato de dizer, então eu volto e acabo logo com isso, porque não estou agüentando mais tudo isso, não estou agüentando mais o que a minha

vida se tornou, não estou agüentando mais o que aconteceu comigo, eu não estou agüentando mais a minha solidão, não estou agüentando mais a minha culpa, não estou agüentando mais o meu medo, não estou agüentando mais nada disso, então volto pra morrer na quebrada que eu nasci e foda-se, e acaba com essa história de uma vez. Eu fico pensando se vocês não estão dizendo isso, de alguma maneira...

— Também né, e tem tipo mais motivos...

Pedro: Com certeza, com certeza é isso, só que tem outro motivo... eu não vou ficar onde eu tô, e passar fome do jeito que eu estou passando... e outra... o que eu ia falar... estou passando fome, eu não tenho para onde ir, o único lugar que eu tenho pra onde ir, é o São Luís, é o meu único refúgio, se eu for pra Minas, eu vou passar fome, não tem como eu ir pra lá, não tem como eu ir para outro canto, o único lugar que tem pra você ir é o São Luís e é justo lá que está o foco da treta... então acho que... tipo se eu ficar lá vou passar fome, não tenho um trampo lá onde eu tô, é interior, só mato, o que eu vou fazer no meio do mato, vou caçar? Catar um estilingue e ficar o dia todo pra catar um passarinho pra mim comer? (?) a pessoa (?) ficar ali na quebrada... correr o risco e arrumar um trampo e ficar sossegado (?)

Jorge: Que trampo você acha que você consegue?

Pedro: Ah... tipo... com a minha ficha assim, acho impossível um trampo que não seja registrado...

— Ô João... você tem consciência que os cara vai te matar se você for lá... pode passar dois, três mês, mas os cara vai cobrar... que o sangue é pago com sangue... você tá ligado, é complicado...

— Não, mas ter conversado com o irmão do cara...

— Isso não existe, isso não leva a nada...

(muitas falas juntas)

Plínio: Às vezes, eu sou até meio frio ta ligado, porque... meu... no crime, tá ligado, não estou fazendo uma apologia ao crime, é mais fácil eu falar a realidade, tá ligado, do que eu chegar aqui... porque os manos conhece a cena... não adianta, se o cara matar o meu irmão, na primeira oportunidade eu vou arrancar o pescoço dele... Eu já passei por isso... Eu fui pra cadeia num homicídio que eu não cometi, mas outros eu cometi... tá ligado, o meu irmão de sangue, ta ligado, me caguetou pra polícia porque não agüentou o pau, chegou dentro da cadeia ele correu contra mim, eu dei 18 facadas nele, porque o crime é assim... tem dia que o cara fala assim pô, mas... é violento? É... não

adianta você chegar lá falar meu... matei seu irmão, o cara tava errado... o cara fala não, tudo bem, tava errado, vamos colocar uma pedra em cima, tá ligado, então eu tô falando pra ele, é a realidade do (?) a gravidade, não adianta a gente juntar aqui, cada um tem a sua realidade diferente, tá ligado, os mano ali sabe como que é a cena, tá ligado, o cara volta pra favela, o cara pode não matar ele hoje, amanhã, certo, mas um momento os cara vai pegar, entendeu, os cara pega, cara...

— Então, é isso que eu estou tentando dizer, não adianta eu chegar lá e conversar com o irmão dele, porque eu sei que se eu ficar uma semana lá, primeira oportunidade que o irmão dele tiver... sei, mas eu sei que a primeira oportunidade que ele tiver, ele vai me derrubar.

Jorge: Mas você não está querendo voltar, você está querendo morrer...

Plínio: Não, foi uma coisa que a gente falou, né, a vida é..., o cara ficou silencioso... (?) entendeu, então quer dizer, se ele fala, eu tô desarmado, eu não sei como que ele tá, se eu vou já armando, não interessa o que foi você matou o meu irmão, sabotagem lá na frente, ele não ia conseguir te matar de pancada, porque nem forte ele é, você não ia morrer de pancada, mas... ele ia ficar em silêncio... e esperar a melhor oportunidade... tipo assim... tem coisas que... dão pra abafar... eu sei que não vai abafar e não vai amenizar a treta... tem que saber como é que é essa fita... tô ligado que ele vai correr atrás de mim, aonde eu estiver ele vai me derrubar... agora você vê a ação, tá ligado, a preocupação, o cara tá passando necessidade num lugar, é um motivo de desespero, porque o cara fala assim pô, meu, eu tô passando fome cara, tô passando necessidade, eu não quero saber de mais nada... foi o que agora a pouco ele falou, eu quero voltar pra minha quebrada, pra eu morrer. Não é necessário, cara, não é necessário o cara morrer, tá ligado, na quebrada dele. Agora, o que fazer, tá ligado, o que fazer com isso? É complicado, eu tenho a minha realidade, tá ligado, eu tenho a minha realidade, o outro tem a dele, você tem a sua, totalmente diferente quando acaba essa reunião aqui, nós vai voltar pra nossa realidade, tá ligado, eu falo isso porque muitas vezes eu não tô justificando o crime não, quando eu sai foragido, cara, eu fiquei três, quatro dias na praia, tá ligado, eu fiquei dois anos foragido usando o nome de outra pessoa... quando eu entrei dentro da cadeia os cara falou meu, você tem que fazer a cena, falar que é assim, assim, assim... né, o primeiro cara que eu matei dentro da cadeia, o cara tinha quase dois metros de altura, simplesmente porque a minha coroa levou um pacote de bolacha, um sabonete e uma pasta, (?) eu tava lá na rede, deitou na minha rede e falou: ó, o bagulho aqui é nosso... tá com medo, se não for dessa forma o cara vai fazer isso e isso com você... e aí, então você imagina, você imagina um cara

desse... pegando pesado... essa é a realidade, você chega dentro da cadeia com um cara desse, tá ligado, você matou o cara por causa de uma lata, por causa de uma discussão... nós louco pra sair do bagulho, o crime é assim... tá ligado, infelizmente é assim, mas tipo assim, não foi mais por causa de uma lata, foi mais porque tipo assim (?)

— Não, eu tô falando, tipo assim, dentro do crime, cara, dentro do sistema, o tribunal dos cara é diferente, então, por exemplo, a lei do silêncio fala mais alto... Se você chegar lá, você conversou com o cara... com o irmão, com isso, com aquilo... só que num momento os cara tem (?) então você tem que procurar algum lugar em que você é ajudado para que você não venha regredir nisso aí... A sua vida vale muito mais...

Emília: É que é assim, ó, crime tem uma perspectiva, quer dizer, o cara quer ser o bacanão, o forte, e tem que manter isso... Tá aqui o Osmar, o Mosquito, tal, tem uma perspectiva que tu está dizendo é que tu está sem perspectiva...

— Não... eu tenho sim, eu tenho os meus objetivos...

Emília: Tá, mas como é que tu vai fazer lá no meio do mato?

Pedro: Não tem como... essa é a minha preocupação... eu tô correndo atrás... mesmo no meio do mato, porque lá no meio do mato eu sempre corri com os mano aqui pelo hip hop o Mosquito tá ligado, o Osmar, no meio do mato ninguém conseguia achar dois grupo de rap, então eu tô cantando... durante três mês que eu tô no meio do mato, eu tô formando um grupo, eu to fazendo parte da comissão lá em Buguaçu do rap, já tenho já uns contatos com o salão de lá, com o Centro Cultural, já tô fazendo o maior (?) para montar o rap dali, porque o interior sabe como que é, é excluído como o Mosquito fala. [excluído, mesmo]. Então e agora tipo tô correndo, enquanto eu tô lá eu tô correndo pelo hip hop, só que não dá pra correr pelo hip hop de barriga vazia... não tem como, porque... vou tá ... tipo... enganando o que eu tô querendo na real que é no fundo, que nem eu tinha feito os curso lá, tinha treze diploma, o (?) morreu eu tive que matar esse cara... porque ele falou que ia me matar e eu tô ligado que o cara falou e ia fazer, porque eu conhecia ele era de pivete, e ele era... tá ligado, eu sabia que o cara ia me matar (?) especificamente...

— Não, eu tô falando... eu coloquei a (?) devido o direito...

João: Então aí tipo...pra defender a minha vida, eu fiz isso, eu tinha duas escolhas, ou eu morria, ou matava... Aí a minha escolha qual foi, eu não vou deixar a minha mãe chorar... não quero ver a minha mãe chorar...

— E você corria também, né...

— Não, mas eu vou correr para onde? Não tem pra onde eu correr...

(Muitas falas juntas)

Emília: O que tu faz, Mosquito, tu disseste uma outra alternativa, que era correr... que tu pensaste quanto tu disseste isso pra ele?

Mosquito: É, eu falei ou corria, tipo, porque isso também não funciona... funciona em casos diferentes, separados, entendeu, conforme a vivência, conforme a índole, a diferença da pessoa, o que funciona pra um, não funciona pra outro... tá ligado, e tem mais, é complicado, tipo aconteceu um fato com um amigo meu, ele tava falando, esse meu amigo simplesmente ele estava vendendo uma arma para uns caras, pegou a arma dos cara, perdeu a arma dos cara, chegou e falou ó, vou pagar, era uma arma de valor, ele deixou uma arma de valor menor e passou um tempo essa dívida... É tudo ali da quebrada, né, ele falou que ele ia pagar, só que até então, aí aconteceu uma fita lá que roubaram o toca fita do maluquinho lá, e o maluquinho chegou nesses cara que é um puta de um puta de um (?) pau de um justiceiro, um Zé Mané do caralho, porque é o seguinte, esse negócio de ficar no seguro dos outros... ficar... vou falar com fulano porque ele vai resolver isso... não, ou eu resolvo a situação ou sou um merda mesmo e admito que sou um cuzão, eu acho que é mais homem falar não, eu sou um cuzão, não vou correr atrás, do que chegar e falar como o maluco, resolve aí aquela fita prá mim aí, qual é que é, né... e foi isso aí que aconteceu o cara foi falar com esses caras e falou que foi esse meu amigo que tinha roubado o toca fita, como esse meu amigo já devia essa arma, então se riscaram com ele, matar ele, só que quando não tem que ser não é, o cara engatilhou uma pt na cara dele que engasgou, o cara apertou duas vezes e a arma engasgou bem na cara dele, ele pegou e saiu correndo... só que é o seguinte, ele não tinha como cobrar os cara, se ele pudesse matar o cara, ele tinha matado, como ele não tinha como, que ali também era uma organização maior, então... ele espirrou... nunca mais foi pra lá...

Emília: Nunca mais voltou?

— É, isso é uma situação (?), se o cara tiver para onde ir, ele corre... se não tiver pra onde ir... você acha que eu ia matar um cara sendo que eu tenho para onde ir? Eu vou catar as minhas coisas (?) minha família, a família dele, e a família do (?) três famílias... sem ter para onde ir, vai se ajuntar, não, vou morar ali, tem uma ponte ali... nós coloca tipo umas cortinha ali, uns lençol e vou morar embaixo da ponte...

— E tipo hoje, aconteceu uma coisa engraçada também, quando eu tava vindo, eu vi uns cara fazendo (?) no beco que eu aprendi, daí eu passei lá no beco, né, aí tinha um troco no beco, um camarada meu também correu da quebrada, nós tava na pista de skate lá, direto, aí um dia tipo... ele ficava sempre no gol, né, (?) e tem um morro lá em cima, e os cara lá do morro, é meio cabrera com nós, com o pessoal que (?) na pista, né, aí o mais visado era ele porque ele era o grandão, o cabeleira, né, o doidão... então a hora que os cara desceu, os cara já viram ele e foram cobrar uma fita dele. Só que aí em vez dele se safar, que os cara vieram com uma desculpa, pra ele se safa, ele nem sabia da história e botou culpa em outros cara... aí os cara não mataram ele mas espalharam lá ó... nós já sabe quem é, é fulano, cicrano e beltrano... (?) pro (?)... porque é uma treta muito louca... um skatista zouu o outro... que é o cara que anda de patins... e o olho é lá do morro que ficava vigiando a pista, então os cara do morro veio por causa do (?), catou o Sá, o Sá dedou o (?), e teve que sair fora porque o Sá ia matar ele e o (?) também ia matar ele depois daquela fita e ele foi embora... e até aí ele era o bam bam bam, ele era o articulado do grupo tal, e foi embora... hoje eu trombei o cara aqui no beco, falei e aí Sá, tá morando aonde? — Ah, to morando lá na norte, o cara falou que norte, tá morando na oeste, não tô morando na norte, porque ele não queria me falar onde que ele estava morando porque sabia que eu ia dar o troco pra ele, né... — não, tô morando na oeste, aí o cara... que mano, e onde é a Freguesia do Ó? É zona norte... é zona oeste, cara, até aí eu não quero nem saber onde que é a Freguesia do Ó... aí o cara... tipo, não tem o que fazer irmão, deixa o cara entrar com você... eu disse não, vou fazer o que, sou o maior cuzão mesmo, todo mundo me zoa, sou o maior cuzão, o cara ali... entendeu, o cara tá em outra realidade, ele saiu da quebrada, ele era articulado... saiu porque deu uma mancada, correu e agora tá querendo tirar umas outras bandas por aí...entendeu, a personalidade dele pô, caiu, mano, que ele saiu corrido e agora está sujeito a qualquer coisa...

Jorge: Mas esse medo de... esse temor, esse medo de ser humilhado como ele está sendo, parece que isso, isso é coisa de... isso é fato de vida ou morte, né, esse temor de ser humilhado desse jeito, que nem a história que você falava, que o cara aparece vestido de mulher na cadeia... aí parece que não tem essa questão da honra ali é...

— A moral e a dignidade, né, meu... eu coloquei a lata... como assim, né, meu, se você for falar assim a questão, pô, uma lata, mas é a palavra, meu... o cara falou uma palavra que denegriu a tua imagem... já era...

— (?) maior tempestade... E assim, além dele não ter matado e ter corrido pra Freguesia do Ó, tem como correr para um lugar mais... da cidade, mais no meio do campo, é da cidade mesmo, ele tá passando o

maior veneno, porque a família dele ficou lá e ele teve que vim, e ele está passando o maior veneno, a gente viu ele tava com um tênis lá no pé... ih, mano, que chulé do caramba! — É... vou fazer o quê, só tenho esse, né, e nem é meu, tô com três dias com o tênis do meu irmão, ele deve estar louco atrás de mim já, por causa do tênis... Mas os cara falou, só tem um tênis pra usar? Não, só tenho um chinelo lá, tá quebrando, deixei lá, catei o tênis e saí fora...

— Então quer dizer, pro irmão não ter visto ele três dias, então tem três dias ele tá fora de casa, entendeu, e era diferente, ele morava do lado da pista... ele era o cara... porque se você tá morando do lado de uma pista de skate, você é o cara... chegava uma menininha quer usar o banheiro, ah, vai na casa do Sá... ah, quero tomar uma água gelada... ah, menina, vamo lá na casa do Sá... entendeu (risos) ele era o Sá, meu, agora não, agora o Sá...

— Há quanto tempo aconteceu isso?

— Isso aconteceu lá na quebrada desde o começo do ano só que... o cara que bateu no (Rui?) frequenta a pista ainda, o cara que agrediu o (?), o cara que começou tudo, tá lá na pista, lá na quebrada, na comunidade (?), e o cara que não tinha NADA a ver com a história... inclusive o fato de abrir a boca, falar mais que a boca, porque que nem o irmão dele, se ele agüenta o coro, ele poderia ter ficado... não ter ido preso, e se os cara agüenta o coro, ele ia falar a verdade, não sei de nada, não vi nada, mano, daí o cara automático já foi bater, e falou, ah, você não gosta de bater em (bolha?) seu safado, então tome! (?) (mudando a voz) *ah, mas não fui eu, foi o Serra...* ah, foi o Serra...era só isso que a gente queria saber, cadê o Serra? — *Não sei... aonde ele mora, não sei.. perto da Irmandade, perto da Irmandade...* aí já foi dando a ficha toda do cara, perto da irmandade não precisou nem falar onde que era, a irmandade é conhecida pra caramba na zona sul, quem sabe onde que é a irmandade, é só fica ali esperando o cara passar, meu.. não tem essa, entendeu... e o cara (?) dificuldade, meu...

— São coisas complicadas... esses dia eu cheguei em casa, a minha coroa tava lá, apavorada, tá ligado, apavorada, que nem louca, eu chegando do trabalho cansado, um trabalho stressante... porque você trabalhar e não ter uma confiança, sabe, você já leva com uma carga discriminada, então nessa reunião vocês me viram aqui arrumadinho, com o cabelo tipo cortadinho, social, e por mais que você transforme a sua imagem visual, ninguém tá nem aí, você é um favelado, você é um porra, tá ligado, no seu esforço, que você estuda pra você chegar num objetivo, por mais que você se desenvolva, por mais que você fale eu sou capaz, as pessoas não dão credibilidade, e isso é um contexto que acontece na minha vida quase que diariamente, né, meu,

eu sossegado, (?) e aí depois de todo trabalho pesado, tudo isso, chego em casa minha mãe apavorada, começa a gritar comigo, falar um monte pra mim, — *é, é...daqui a pouco vai vir uns traficante ali vai matar todo mundo aqui, daqui... em casa, que eu ouvi falar que você tá vendendo droga aqui... eu não sei porque que seus amigo cola aí, que pá, pá, pá, que não sei quê, e tal...* o que é que está acontecendo, mãe... — *não, que já me falaram, já me falaram, que a vizinha aí falou que você tá cheirando que não sei o que... que não sei o que lá...* (?) vai o pessoal prá discutir sobre projeto pra acertar as coisas, né, meu, pra gente conversar... às vezes, a gente fica lá bebendo mesmo, ouvindo um som, conversando, né, meu, porra, mas não... é tipo já contorce toda uma história... cheguei e falei mãe, conheço todo mundo da favela, conheço os cara do movimento, tenho o maior respeito, não sou de ficar de papo furado, (?) que vendendo droga? — *Não, que eu sei...* Então, quer dizer, você chega já de um dia... lascado, chega na sua casa a tua mãe tá toda apavorada pensando que vai neguinho lá acertar o pau

— É a preocupação de mãe, né...

— É fogo, e os boatos também são uma das principais causas de morte na periferia...

Jorge: Claro... os boatos, ver que aquilo que você estava contando bem, quando falava de opção e não opção... estava voltando na conversa superficial, na verdade era quase que um afastamento do grupo, agora a gente tá conversando, da densidade que o grupo tem e da gente estar vendo que não é uma questão de opção, né, na verdade tem tantas coisas que empurram que a pessoa não entrar é um enorme esforço e pode dar certo e pode dar errado, quer dizer, é uma coisa muito... pode acontecer, pode não acontecer, tem muito do acaso nisso, dentro de uma situação tão complicada, não é, e eu estou com uma preocupação, aqui, agora, neste momento, estou com duas preocupações aliás, né, uma preocupação que seria... o quê que nós podemos dizer para eles... eu acho que eles estão buscando essa ajuda do grupo, e o grupo de alguma maneira, deve muito a vocês, de alguma forma, e é importante que vocês saibam disso... porque esse grupo...

— Posso fazer uma observação só... eu queria... (muito ruído) ele falou a gente vai embora e volta para a nossa realidade e tal... mas é importante dizer que a gente também não é que vai embora e saiu daqui...

Fim da Fita

— (...) formal, então isso que o Jorge tá falando, como que a gente vai ajudar, porque a gente vai sair daqui, não é que eu vou deixar de pensar nisso, também não é fácil pra ninguém sair daqui (?) eu quero voltar (?) pra mim, beleza, eu vou sentar na frente do meu computador e vou continuar trabalhando como se... não é problema meu...

Jorge: Tá ótimo... é... então veja, agora nós temos aqui um problema gravíssimo, né, que é um problema o seguinte, nós não podemos fazer aquilo que a gente não pode fazer, aquilo que a gente não tem como fazer... não podemos inventar coisas que não somos, nem que não podemos fazer, porque é uma situação que vocês vejam, que a própria situação do Centro Vida, com vocês, foi de acolher vocês, mas tendo que colocar determinados limites, foi isso? e isso é muito importante, também, então tem uma questão que eu queria dizer, eu acho que o grupo deve muito a vocês, no sentido em que este grupo se constituiu em função desse fato que aconteceu, que foi esse homicídio, né, o grupo surgiu, a idéia do grupo surgiu a partir daí e durante todo o percurso do grupo vocês estando ou não estando aqui, na verdade a questão desse homicídio perpassou toda a dinâmica do grupo, e é um reconhecimento que eu acho fundamental de fazer, se cada um aqui... eu não sei se dá para vocês se salvarem, não se salvarem, isso ou aquilo, mas é importante que cada um se aproprie daquilo que faz, da mesma forma como o Mosquito traz aqui uma coisa que ele fez, que é um projeto dele e o Plínio em conjunto, o Plínio traz, as outras pessoas trazem, o grupo também produziu muito em função daquilo que vocês trouxeram, produziu conhecimento, produziu possibilidade de muitas coisas, então é importante vocês saberem isso. E você vai me dizer: — tá legal, e aí catso, o que eu faço... o que eu faço com a minha fome, o que eu faço com o meu medo de morrer e o meu desejo de morrer? E aí eu acharia interessante, se a gente pudesse... não fazer nenhum milagre, mas que a gente pudesse falar sinceramente, né, da experiência de cada um, o que a gente pode estar trazendo pra eles? Porque talvez o que a gente possa ajudar vocês mais do que qualquer coisa, e eu sinto que o que eu posso ajudar mais do que qualquer coisa, e aqui também muita gente, talvez seja a palavra, a palavra... tipo você pensar alguma coisa que possa dar uma saída para isso, né, então isso é uma coisa que eu queria estar trazendo, porque são seis e meia, e eu acho também importante marcar o tempo, então isso eu acho uma coisa importante o grupo estar atento a (?) os dois nisso, e a outra coisa que eu acho importante, é hoje a gente também poder falar um pouco da experiência de cada um aqui, como é que foi, e a gente sabe, né, a nossa idéia é que evidentemente este grupo enquanto tal, ele tenha um começo, meio e fim, que é hoje, mas a nossa idéia é que isso que a gente possa ter... é legal o Felipe falar também, né, por

parte do Centro Vida, aí falar institucionalmente até também. Então eu queria fazer esse pedido para vocês...

Emília: Eu queria fazer uma outra colocação, que hoje como último também a gente volta à primeira e ... no primeiro grupo a gente conversou sobre a questão da... confiança e respeito, não é, não sei se tu lembra, e aí tu disseste assim: não, eu respeito, eu disse que fiz o homicídio, mas não contei como é que foi... não tem a confiança...

— Eu contei, tipo mas não confiei, porque... tipo uma coisa de início, né, não tem como eu assim eu ver uma pessoa assim pela primeira vez na minha vida e eu chegar nela e falar, não catei o maluco ali, enfiei a faca no pescoço dele, atravessei do outro lado e... não tem como falar essas coisas... tá gravando, ainda... eu vou saber se... tenho medo de falar isso, coloca a mão pra trás aí... tipo algema nos braços...

— Sabe que... tipo eu tava comentando com um aliado forte, (?) ele pegou e falou puta, os cara fez isso? Centro Vida ainda... É lógico, né, a reação até eu, se eu não tivesse vindo participar da reunião eu ia falar, esse cara é louco...

Emília: Vir aqui contar essa história...

— Tipo, quando você vê a coisa de fora, assim que nem quando eu via o Centro Vida assim de fora, não conhecia assim, praticamente, sabia que tinha aquele projeto...contrário ao desarmamento essas coisas assim, não tinha nem participado de um curso, pensava muita coisa assim, pensava assim, não, os cara é contra o desarmamento, pá, se eu caísse numa loucura aqui... revólver, droga, essas coisa, aí a primeira coisa que os cara ia fazer, mano, era entregar pra mídia e... algema, e já era, tá ligado, e era mais um encontro com a sociedade (?)Centro Vida, aí depois que eu comecei a fazer o curso, que eu fui entendendo como que era a função do Centro Vida. Tanto que eu fazia o curso e tipo... parecia que eu viajava assim na aula porque a aula era contra a violência, e aí eu saía na rua assim... já arrumava uma tretinha ou outra, assim... mas naquela, né, eu não sou muito de brigar, eu só brigo, só brigo mesmo porque... morreu esquece, cara, mas eu estou vendo que... tipo... tá tendo uma alternativa eu voltar pra minha quebrada, (?) alternativa, né...

— Desencana, mano...

— A parada é o seguinte, velho, se você voltar, o seu sangue vai ser cobrado...

— (?) vai sair na rua, você vai ter que sair armado, vai ter que ficar olhando pros lados, vai entrar na maior paranóia, tá ligado, os mano

vai ter receio de colar com você porque se os cara (?) se os mano tiver na cena vai ser daquele jeito...

João: Tem um monte de opção pra nós... porque depois que nós entrou nessa embolada aí, porque nossa família também sofre pra caramba, eu fico preocupado com a (?) ela que me criou, a mãe do Marco, a mãe do (?) entendeu, (?) então, indo pra quebrada, eu vou ter mais uma segurança, entendeu, porque vai saber se eles ficam na injúria e pegam alguma pessoa da nossa família... O que eu não quero pra mim, não quero pra ninguém, entendeu, mais já que eu tô (?) é mais fácil eles pegar eu do que alguma pessoa da minha família, entendeu, e outra, também lá onde que nós tava, não também não vai ficar passando fome lá, certo, não vai passar fome lá, o negócio é o que, é colar mesmo na quebrada, ver o que vai se passar, quer dizer, até arrumar alguma coisa melhor pra gente fazer, algum espaço... entendeu, pra gente fazer porque (?) de ficar parado (???muito barulho) ficar lá na quebrada...

Pedro: Correr atrás, tá ligado? Correr atrás, tipo, dos nossos bagulhos assim, nós tá correndo, tá ligado? nós tá conseguindo alguma coisa... só que aí, tipo é muita treta pra resolver algumas coisas no meio do mato ali, pra talvez conseguir um alimento, tá ligado? é muita treta mesmo, pra você achar um trampo ali em paz... de vez em quando a gente achava até um bico assim: *Oh, te dou tanto, tem uma plantação ali de... de couve, cê vai lá, cê dá uma ajeitada pra mim ali cê viu os... os bagulho lá, pra carregar lá,* tá ligado? (muito barulho) você fica aquele bagulho ali, meu, cê ganha tanto pá, e já dá pra comprar um saco de arroz, pá... e uma dúzia de ovo, tá ligado? Aí já (?) porque demorou, vou lá, vou ligar lá (?) já era, (?) correndo atrás, tá ligado, só que eu não acho que a minha vida não se resume nisso, ficar (?) pra ganhar um saco de arroz, um pacote de arroz (?) tá ligado, dez conto, nove conto, que a gente faz... eu fiz curso, pensando no meu futuro, eu estudei... terminei o segundo grau, pensando no meu futuro, tá ligado, e jamais poderia ir, tipo colocar no meu currículo, pensando no meu futuro, agora fazer uma merda dessa, meu, fazer... uma puta sacanagem mesmo essa coisa (?) tá ligado, uma puta sacanagem eu não poder registrar minha carteira, tá ligado, eu não poder fazer nem um (?) porque se eu registrar minha carteira a polícia (?) e se eu cair por qualquer coisa, (?) e já me derruba logo, tá ligado, porque na cadeia... eu tô ligado com isso, (?) eu tô ligado que a história chegou lá toda retorcida, (?) aí você chega lá... a maioria dos presos e alguns vai tar a meu favor, que alguns sabem da real, tá ligado, outros não, e eu não vou ficar repetindo (?) ladrão, da quadrilha (?) (muitas falas)

— (?) ele foi preso e aí a (micha?) dele caiu lá dentro porque ele era justiceiro, porque ele (?) matou, porque ele tinha uma bicicleta, o cara

foi três vez sem mentira e aí na quarta vez ele topou e o cara falou assim, a próxima vez que você... não falou, compra outra bicicleta pra mim roubar de novo, falou assim ainda, né, aí meu tio começou a andar armado, aí o cara foi roubar de novo lá, na quinta vez meu tio foi e matou ele, entendeu, aí já foi preso na hora, e aí chegou lá na delegacia, depois que ele foi pra cadeia, aí a (?) dele caiu lá como ele era justiceiro, que não tinha nada a ver, entendeu?

— Quantos anos você tem?

— Tenho 20...

— Você acha que você... você que está lá, você (?), você viveria melhor?

João: Danou-se, tipo... tá ligado, eu não tô falando que lá é ruim, porque lá é um lugar que é bom de se viver... só que o ruim pra mim é trampo, você não tem (?) como assim... (?) pra você ir pro... pra catar um ônibus, da onde eu tô, dá quarenta minutos, tá ligado, vai andar 40 minutos pra pegar o ônibus... e tipo assim lá no centro lá, (?) todo mundo empregado, meu, o pessoal vem de lá, meu, eles vem pra São Paulo, (?) faculdade lá, os cara que mora no interior eles (?) Santo Amaro...

— Você fala assim, não no centro lá do Embu, no centro da cidade...

— No centro aqui, no centro da cidade.

— Seria melhor pra você?

— Seria...

— Por quê?

— Porque tipo no centro da cidade é zona sul em peso (?) no centro da cidade, então qualquer lance (?) aí chegou um carinha lá da zona sul lá, (?) falar prá quebrada...

— Não, mas a questão é... mas você está meio a fim de andar no centro da cidade (?) no centro onde você vai morar, aí é pior... (?) tem toda aquela história que a gente já sabe que não vai repetir, tá ligado, só que, se tiver falta de opção, meu, ou você fica lá, ou vai pro centro do Embu, ou vai para o centro da cidade...ou você vai se virar... (?) não sei (?) mas é o que eu estou falando, mas é a questão da opção, de lá você então... a opção da cruel, não sei se no Embu também... no centro da cidade... pode ser que tenha mais opção, mas eu não sei também, pra vim procurar emprego de lá, eu tenho que vim pra cá, pra Santo Amaro, pra São Paulo, tá ligado(?)

— Tem gente que mora lá perto de nós, (?)

— Para a Zona Leste, ou para qualquer outro lugar?

(muitas falas)

— Não tem como eu ir pra Zona Leste ou outro lugar, porque não tenho condições... não tenho condições... você não percebeu o que eu falei mas (?)

— Mas onde vocês estão morando, em Embu, o que...

— Em Buguaçu...

— (?) não, eu sei onde é mas... você mora aonde?

— Tipo assim, uma favela que foi invadida, né, aí o cara foi e tipo alugou pra nós essa casa...

— Só que é muito mais barato lá do que você pagaria em qualquer lugar aqui na cidade... é mais barato...

— Mais barato quanto?

— Não tem comparação, a gente economiza tipo uns 100 reais... Que é tipo... se nós tivesse 100 reais, que seria o da comida, tá ligado, (risos)... lá em bom... pelo menos (???) não paga água, não paga luz...

— E aquele... e o outro cara que você falou (?) que arrumou a confusão toda?

— Esse aí já tá no fogo...(?) esse aí ele tá morando ali no Jardim Ângela... esse aí, os cara querem a cabeça dele... (?) principalmente o João Paulo (?) e tipo, eu me envolvi nessa tetra tipo de gaiato, tipo tava lá em cima tomando conta do carro dele, né, aí eu conhecia as duas partes da treta, né, aí (?) não, eu conheço os dois, os dois eu cresci com os moleque... vou separar essa treta, né, (?) troquei a maior idéia... aí saiu tipo... tava com a cabeça quente, falou que ia dar um tapa na minha cara, tá ligado, aí falei bom, mas porque tu vai dar um tapa na minha cara? Aí já começou a se exaltar e falou que ia me matar, meu... aí nessa o sangue me subiu aí já sai logo no murro dentro do salão com ele... E nisso veio dez caras, (?) e nós saímos (?) (?) fazer o seguinte, tem um revólver lá, João Paulo, (?) o cara falou que ia me matar, tá ligado, (?) falei meu, se for pra ir ele ou eu... não quero ir não... e pior que isso, nós foi lá pra trocar idéia, uma segurança, né, porque eles tava em dois carro (?) aí nós foi lá pra trocar uma idéia com eles pra amenizar... que nós não ia esperar na

quebrada (?) foi chegando de madrugada (?) aí eles chegaram...(?) nós foi trocar idéia antes, aí eles chegaram e falaram assim, que, não tem idéia não, e esse cara que morreu, ele tem problema na perna, né, problema na perna e queria bater em nós quatro...

— João Paulo chegou... e já chegou se socando, João Paulo que tava com o revólver, (?) aí o João Paulo puxou e deu um, errou, o João Paulo ameaçou correr, só que, tipo assim, você não pode puxar o revólver (?) e correr... falei não mano, não vai correr não, João Paulo, vamos catar o caro e vamo atrás... e aí na mesma rua do salão, pá, ele correu e... aconteceu a cena, pá, ele tombou e cada um foi tipo... (?) João Dias, na Av. João Dias ali, e aí eles veio atrás de nós ali... catamo (?) Itapecerica aí, tá ligado, aí nós deixou o revólver no São Luís e foi já pro Capão... (?) barraco é novo... (?) e aí a culpa você sabe de quem é...

— É o seguinte... acho que a minha ajuda que eu posso dar pra vocês é... é só um toque, de irmão mesmo, não volta na quebrada não... porque eu tô muito feliz, esse grupo me deixou muito satisfeito, mas eu sinto falta de todos os meus manos lá da minha quebrada aqui ou morreu, ou matou, ou ficou, ou correu, ou se escondeu... eu não pude ver nunca mais, entendeu... eu vi o Sá hoje, por causa de vocês, eu vi o Sá hoje... outro mano meu que morreu na quebrada... me deu a oportunidade de ver os cara de novo, entendeu, de ver ele, trabalhar com ele, ver como é que é foi (?) da boca dele também, porque lá, chegou já em mim como se eu fosse eles o culpado de tudo, entendeu... (?) se nós tivesse lá a história seria outra, entendeu, mas como nós fugiu de lá... fugiu não, tipo, dei um tempo, como eu dei um tempo de ir lá (?) nós não tá lá, nós correu por quê? Correu porque tá errado, se tá errado corre, né...

Jorge: Mas... eu estou com a ... é legal a gente falar e eu quero te dizer uma coisa muito diretamente. Pensa no que eu estou te dizendo, você também. A impressão que eu tenho... eu reitero isso, é que vocês não estão agüentando a barra e que vocês estão procurando a morte... Estou com essa impressão muito forte, que eu acho que é uma coisa que as pessoas estão vendo aqui, não sei se as pessoas concordam com isso que eu estou dizendo, ou não, mas é como que... é quase que vocês estão fechados para aquilo que a gente está dizendo e não é que as pessoas não estejam percebendo a enorme dificuldade que vocês estão, não é que alguém está dizendo aqui que vocês não estão numa puta dificuldade... todo mundo está vendo a enorme dificuldade que vocês estão, todo mundo está vendo que vocês estão sem comida, todo mundo está vendo que vocês perderam tudo, não é só sem comida, todo mundo está vendo que vocês perderam tudo... Isso é o que vocês estão dizendo, que vocês perderam tudo, que com esse crime, vocês

perderam tudo, esse homicídio [liberdade...] tudo, tudo, e é isso que dá impressão em todos, que vocês estão... que está tão difícil isso para vocês, que é como ele está dizendo: então a gente volta prá quebrada, morre na quebrada, se alivia de uma vez por todas disso tudo que aconteceu com a gente...

— Tipo assim, eu quero voltar... eu não quero morrer...

Jorge: Mas... (falas juntas) deixa só eu completar, está todo mundo dizendo aqui, aqui, e aqui só tem gente que conhece as coisas... ele está dizendo...o que que vai acontecer com eles? O que que você está dizendo? O que vai acontecer com eles? Mosquito, o que vai acontecer com eles?

— Não tem nem como prever, né, eles podem ficar de boa ou pode virar... cair logo pro movimento de chegar e falar agora...[que nem os moleque conhece] opa! Pegar meu tio, meus tio, o tio dele, o tio do João... eles é tudo envolvido com o tráfico, esses bagulho aí, tem até uma facção que... que é os (?) eles foi lá, eles quer acabar com isso aí, só que eles quer acabar com isso aí como? Os cara tem uma facção criminosa, eles quer fazer crime, só que a minha cara não vai chegar lá porque tipo, os cara quer me matar, eu vou chegar e matar quinze caras... porque se eu matar quinze caras, vai tipo... (?) o resto vai (?) né, meu, vão falar não, esse cara é foda, né... os cara veio aqui, mataram quinze cara, então vamo correr, né...

Emília: Essa facção quer acabar com...

— Quer acabar com as tretas loucas, quer chegar lá e...

Emília: Com essa treta de vocês ou com as tretas todas?

João: Não, quer acabar com as tretas... quer chegar lá e fincar o pau nos cara que quer fincar o pau em nós... (muitas falas)(?) eu tinha falado com o Carlos antes de começar essa reunião, foi meu tio, o tio do (?) aí meu tio foi com uma metralhadora lá em casa, (?) colocou em cima da mesa e falou: que hora que nós vamos? Colocou nós contra a parede mesmo, né, meu... só que aí eu sempre corri pelo lado certo, sempre estudei, sempre corri pelo rap, agora tipo porque eu fiz um homicídio, pá, tá cheio de arma assim, eu vou dar uma de super homem, vou chegar lá vou meter os peito com uma metralhadora... porque quem atira morre... quem atira morre também... não adianta eu chegar com uma metralhadora, o cara (?) seu ombro (?) e eu caio... Que é tipo, colocou nós contra a parede mesmo, né... eu, ele, o João e o João Paulo tava com nós... vamos, vamos, tipo buzinando na nossa orelha,

que a treta foi dele, do João Paulo... não, vamos, vamos, (?) ele vai na hora, mas só que ele ficar (?) ele biboca e só dá as coisa pra cima de nós... aí nós acaba fazendo a cena e ele vai pra lá tipo meio assim, depois ele vai falar, você viu mano os tiro que eu dei... tipo ele fala, fiquei dando a cobertura... pipoca e manda nós fazer a cena, né, meu... sendo que a treta foi dele...

Plínio: Isso me preocupa, tá ligado, porque eu já vivi essa cena, tá ligado, então os cara (?) na profissão, tá ligado, (?) que sobreviveu, né, no crime, cara, ou você mata todo mundo, tá ligado...

— Cada um que você matou, o cara tem três amigos, cinco parentes... doze tios que (?)...

— Não acaba bicho... não acaba mais... é uma bola de neve, cara, é uma bola de neve...

— É, os parente dele é polícia, entendeu, e como o boato que foi nós que matou, sendo que não foi nós, caiu na cabeça dos parentes dele vai pensar que é nós também... e os parente dele é polícia... então...

— Mas tem processo? Não tem, nem queixa...nem nada...

(muitas falas)

— Nenhum dos dois tem queixa... (?) matou o Alex e eles pensa que.. todo mundo falou que foi nós... mas só que não foi, e eles pensa também que foi assalto, só que eles tem, tipo, o nosso primeiro nome, só que não tem o sobrenome, não tem nada, eles tem endereço, tem o primeiro nome...

— A família ou a polícia...

— A polícia que é da família do Alex...

(muitas falas juntas)

— Eu não sei, eu acho que... de primeiro lá no hospital, quando fizeram a ocorrência... falaram, não, quem matou, quem deu tiro? Aí falaram: foi o Marcos e João Paulo... quantos mil Marcos não tem, quantos mil João Paulo não tem? Só deram Marcos e João Paulo, não falaram que foi o Marcos Silva Pereira, ... mas quem falou sabia meu nome, né...

— É que nem a cena que o irmão tá falando aí, tá ligado, na minha opinião acho que vocês deveria evitar esse barato aí...

— É, tanto que nós evitou até.. (?) se mata outro vai ter que matar mais... vai que nem uma bola de neve... até que a bola de neve role por cima de nós...

(???) (*muitas falas juntas*)

Felipe: Eu acho o seguinte, na história aí... você falou várias vezes... dos teus treze diplomas, e essa história... a gente falou tanto desde o começo aqui na história da opção, da opção, da opção, enfim... no meio que você está, que você vai contando... do tio...que chama, do outro que chama, enfim, da realidade em volta que a gente conhece, conheceu melhor aqui, eu acho que vocês foram o tempo todo aí os 20 anos que você viveu, você foi desviando para continuar do lado certo, agora você... você escapou uma hora, né, matou um, tá pagando isso aí, né, de alguma maneira tá, teve que se mudar e tal, teve que fazer um desvio maior aí, mas no fundo você estava sempre fazendo... não, o tio quer matar... foi pra cá o outro estava envolvido, você não se envolveu... e eu acho que... o que você aprendeu, o que você construiu antes dessa história, está com você... os seus treze diplomas você não rasgou... lá fora pode achar outra coisa, mas dentro de você está... tanto é que você chegou... eu acho impressionante, chegou em Buguaçu, no meio do mato a quarenta minutos de qualquer coisa, você já está com dois grupos de rap, já está na comissão do hip... pô... você vai construir... vocês aí todos, vão construir uma... história com esse conhecimento que vocês aprenderam a capacidade de se virar, de organizar, de articular, de cantar, sei lá, de tudo o que vocês aprenderam a fazer, e que vocês vão continuar aprendendo a fazer, isso vocês têm... isso aí ninguém vai tirar, quer dizer, vai tirar se tirar tudo... você está correndo o risco de perder tudo... voltar para lá.. (?) é, vai melhorar, alguma coisa vai melhorar, ou parece que vai melhorar, é... mas eu acho que... é uma opção entre o risco de perder tudo e manter quase tudo que é o que vocês ainda têm, e construir algum legado diferente, eu acho que... é foda, é fácil pra mim dizer isso... entendeu... a maioria de todos esses problemas que você colocou aí, eu não vivo nenhum deles, eu vivo outros mas não vivo nenhum deles e é... mas olhando de fora, prá mim é... salta aos olhos, entendeu, você tem uma...oportunidade de... ou de parar, de não matar mais oito, mais doze, mais vinte, mais cento e cinquenta, né, ou de morrer... o que, claro, você pode ter sorte, a treta pode morrer, o cara pode desencanar... mas aí, pode ser que alguém mate os outro oito e não você, e não achem que foi você... sei lá... mas

— Sabe porque eu quero voltar, tipo assim, eu morava aqui em São Paulo e trabalhava na Prefeitura, trabalhava em Posto de Saúde aí tive

que sair, parei de trabalhar, agora eu trabalhava na Prefeitura, agora trabalho no meio do mato, desempregado...

— Volta para outro lugar da cidade... sei lá, pensa isso... sei lá, não sei, entendeu, aí é...

Jorge: Já é mais complexo, entra a coisa concreta...

— Mas tem outras oportunidades, mesmo projetos como os que vocês estavam lá, tem outros, outras alternativas, em outras partes da cidade... na zona Leste, na zona Norte... e a cidade, também, tem ONG, tem comida, tem casa...

Plínio: Quando vocês começaram a falar aí, fiz tipo uma retrospectiva na minha vida... quando eu fui acusado de ter matado o meu tio, cara, eu tinha acabado de me profissionalizar em disk jokey, radialismo, tinha um trampo, uma das melhores equipes de baile, tá ligado, tinha 18 anos, eu tive que largar tudo, tá ligado, os cara tentaram me matar... mano, eu cheguei numa quebrada em Santos, meu próprio irmão chegou pra mim falou assim: meu, você não pode ficar aqui, eu fiquei três, depois de três dias andando na praia, tá ligado, comendo fruto do mar, fui pedir um prato de comida numa casa, a mulher chamou a polícia pra mim... tá ligado, quando eu cheguei na casa do meu irmão, meu irmão falou assim meu, você não pode ficar aqui, aí eu convenci ele que eu podia, que eu precisava e tal, depois de uma semana, meu irmão subiu pra São Paulo e me deixou sozinho lá, ele e a mulher dele, eu me vi mais uma vez sozinho... cara, eu fui trabalhar naqueles barraco da Congas, eu tinha que entrar pra dentro do mato, do mangue, cavar buraco, aquelas valetas, no meio de um mangue lá. Eu fiquei, tá ligado, eu consegui sobreviver, tá ligado, depois conheci um outro parceiro, (?) aí eu fui, tá ligado, vendia (?) na praia, tá ligado, eu fiquei dois anos foragido, usei um outro nome, tá ligado, depois de dois anos eu fui preso, e fiquei doze anos trancado, tá ligado, mas esses dois anos eu aprendi muita coisa, cara, lá fora. Só que eu podia... eu queria voltar prá minha quebrada, que nem você, tá ligado, isso me dá a maior dor no coração, porque se eu voltasse pra quebrada, eu tinha que matar os cara que mataram o meu tio, depois de dois...quatro anos que eu tava preso, eu tive que matar os cara dentro da cadeia... porque o crime é complicado, tá ligado, rasgou um pedaço da minha vida, então, você tem a idade que eu tinha, tá ligado, acho que quando eu fui preso tinha 18, 19 anos, tá ligado, e dentro da cadeia que eu conheci o pior lugar, tá ligado, onde o cara pô, você matou o cara por quê? os cara me testava direto... Você vê, hoje em dia eu tenho 33 anos, 12 foi dentro do sistema, por causa disso aí, eu pensava assim pô, eu posso voltar e matar todo mundo, tá ligado, é

complicado, então isso me dá a maior dor no coração, tá ligado, eu tô aqui mas aí, tipo assim, hoje eu tenho uma caminhada eu sofro por isso mas o crime, cara, ele me roubou tudo, tá ligado, hoje... eu não sei se vocês estão entendendo o que eu quero falar pra vocês, tá ligado, mas eu não gostaria que amanhã ou depois, tá ligado mano, o cara foi pra cadeia, ele teve que matar dois, três, pra sobreviver, porque do jeito que (?) então se existe uma opção, que nem a gente está falando, eu gostaria de pedir, tá ligado, assim, pra vocês, não volta não, porque o crime é foda. Eu faço parte dele até hoje em atitude, tá ligado, me emociono porque é complicado, eu passei por isso, tá ligado, até hoje a minha família não acredita que eu não matei meu tio, tá ligado, às vezes os cara pergunta pra mim, e aí, e os quatro cara que você matou na cadeia, você pagou com eles... fiquei um ano e oito meses dentro de um anexo, onde os cara faz você comer merda, você tem que beber a sua urina, tá ligado, pra você cortar o efeito da droga. Eu tenho metade do meu corpo quebrado de cano de ferro, eu não gostaria que vocês passassem por isso, tá ligado, vocês tão lá no meio do mato, é porque Deus quis que vocês fossem pra lá, tá ligado, porque (?) tá ligado, porque eu passo necessidade até hoje, né, outro dia nós saímos daqui eu tava trocando idéia com o Mario, eu senti nele... falou pô meu, eu vou pra minha casa, como que eu vou me sentir, você falando que os cara rasgou seu livro... tá ligado, eu senti que ele tava com aquele receio (?) os cara pode fazer o mesmo... mas eu aprendi uma coisa no crime, tô sofrendo, mas tô sobrevivendo, tá ligado, eu gostaria que vocês tivesse isso com vocês, antes prevenir do que remediar, certo, o crime não tem doublé, não, a cena é mais louca... não é isso irmão, a cena é mais louca... ninguém é... é legal você falar (?) mas a cena é mais louca, né, a realidade é mais nua e crua...

Mosquito: Passei por uma experiência, até cheguei a relatar aqui, não sei se é no mesmo contexto assim e tal, mas chegou uma fase da minha vida, tá ligado, que eu descobri que a minha mãe era lésbica, tá ligado, meu irmão... (?) mas aí até então desde pivete, sempre foi afeminado, mas você vai crescendo você... cheguei na minha coroa falei, ó mãe, o que a senhora faz na cama...é problema seu, eu tinha 18 pra 19 anos, problema seu, sem problema, eu passei o Natal, velho, tipo... ela morava com o meu ex-padrasto, né, e eu via os dois ali discutindo, tá ligado, eu falei eu não vou entrar no meio, tô ligado que o maluco vai quebrar minha mãe na porrada, mas é o seguinte, tá ligado, minha mãe fez uma fita com o maluco que é (?) dali eu tipo eu falei ó mãe, segura seu (?) agora, foi pau durante o dia, minha mãe tava toda arrebetada, tá ligado, eu não tinha como chegar no maluco e falar e aí, qual é que é (?) tá ligado, e ela teve... fez uma palavra que ela teve que arcar com a conseqüência dela, tá ligado, depois de tudo isso aí, meu, passou

mais uma semana infernal, tá ligado, uma parada a mil grau, chegou ao ponto que minha mãe falou que ia sair de lá, tá ligado, só que a parada foi o seguinte, né meu, quando eu cheguei em casa, não tinha mais nada em casa, a casa estava vazia, tá ligado, a casa estava vazia, minha mãe tinha se mudado, minha irmã, meu irmão, tá ligado, e eu fiquei ali... e aí chegou meu ex-padrasto e falou olha, estou indo lá para a Zona Leste, que ele tinha um depósito que estava falindo lá, tá ligado, e aí eu falei e aí mano, vou com você porque eu não vou ficar à toa... fiquei dois anos na correria com o maluco e... só que é tipo do maluco assim ó, que ele era muito enrolado, ele vendia as parada não tinha dinheiro pra pagar, entregava fiado pro pessoal, ficava um ou outro lá querendo sentar o pau nele... tá ligado... passei uma barra tipo... saudade da família, minha mãe, fiquei dois anos sem ver a minha mãe, meu irmão, uma vez só que minha irmã colou lá, tá ligado, pra cobrar um tênis que eu tinha comprado com cheque dela, que eu não tinha como pagar ela, tá ligado... e passei um veneno, passei fome também, tá ligado, tipo sangrei que nem louco né assim... esse bagulho que dói no coração... bagulho sangra lá dentro, tá ligado, é mil grau, mas a palavra é a seguinte, mano, olha pra Deus e fala isso meu, me ajuda aí nessa parada... várias vezes, tá ligado, eu olhava pro céu assim... eu falava ó senhor... mais um dia aí a carregar bloco e a encher caminhão de areia, tá ligado, o pessoal gostava de vir pra cá (?) me conhecer tipo... (?) de vez em quando eu almoçava na casa de um, tá ligado, aí tomava um (?goró) mesmo, tá ligado, mano, tipo eu ia sair com o caminhão, cara, tipo tinha gente que não pagava (?) pagava uma pinga no boteco, tá ligado, então tomava mesmo, tá ligado, e era trampo pesado, foi sofrido, tá ligado, foi um teste mesmo, foi um teste louco, aí quando chegou com 19 anos assim, tipo meu... faliu total a parada lá, né, meu, depósito do meu padrasto e a gente foi para a Climação, tá ligado, aí chegou na Climação, bairro lá (?) moramos lá com os parente, aí consegui arrumar um trampo, tá ligado, aí depois sai, comecei a me envolver com droga, tá ligado, porque tipo, engraçado, num processo desses 2 anos o que eu sofri velho, não cheguei a conhecer a droga, tá ligado, depois que eu tava à pampa, tá ligado, eu acho que foi um refúgio de toda a sobrecarga, tá ligado, as decepções da vida, de ver a minha mãe tipo desandar... não porque ela foi o que foi, tá ligado, não... não tenho discriminação, tá ligado, pelo fato tipo de ela ter saído de casa assim, eu chegar lá não ter ninguém em casa, tá ligado, tipo não deixar nem endereço, tá ligado, e eu fui trabalhar (?) Carvalho lá, e me joguei... depois Deus abriu a porta aí e eu comecei a tramar, tá ligado, nesse trampo aí que eu tô até hoje também, tipo fiquei três anos de office boy, tá ligado, eu tinha 21 anos, eu falo de office boy, dava graças a Deus porque eu também podia tá numa pior também, né meu, e aí comecei a prestar atenção numa coisa que eu nunca tinha prestado atenção, tá ligado, que era

revolucionar a minha vida, tá ligado, (?) pra fora, mano, o processo é sofrido mesmo, tá ligado, é mil grau, tá ligado, tem dia que eu não tenho dinheiro nem pra condução, tá ligado, tipo foda mesmo, mas e aí uma hora melhora, você tem que pensar positivo, tá ligado, você, tipo você tá lá naquela situação, mano, não sei o que eu posso dizer pra você, porque, se eu tivesse numa situação, ia ficar meio passado, mas, aí, uma coisa assim que, depois que eu fui pra favela, antes de eu ir pra favela, quando pensava em trabalho de (?) social, pensava em encarar um (?) tá ligado, tipo saía de casa, ia pro meu trampo, pagava meu aluguel junto com meu irmão, tá ligado, e tipo não tinha uma visão do tipo fazer alguma coisa pra poder tá ajudando alguém, me ajudando, sei lá, quando fui pra favela... tipo, que eu vi todo o sistema ali, que eu levei um choque, meu, que você sai do asfalto e vai pra favela, aí começou a vim os sentimentos revolucionários assim na minha mente, tá ligado, porra, (?) você, você... o (?) conheceu o primeiro barraco que eu comprei lá, né, meu, barraquinho mesmo apertado, fiquei quatro meses sem a minha mãe ir lá no meu barraco, tinha vergonha, né, meu, (?) e o barraquinho tipo... né, mano, foi sofrido, se eu falar pra você que hoje em dia tipo eu vivo uma vida de boa (?) não mano, tô me mantendo, tô firmão, tá ligado, o único problema que tem assim tipo é aquela coisa, aquela carga ali que você vê que você tem uma pá de mano ali que tem um potencial para revolucionar o contexto na favela, tá ligado, só que ultimamente parece que tá tudo amarrado na droga, na falta de disposição, tá ligado, às vezes isso acontece comigo também, é foda, mas tamo aí na luta aí, mano, aí, não é porque você tá no meio do mato que você vai morrer não...

Osmar: Só pra tipo... não quero cortar a fala do Mosquito, mas só quero acrescentar a minha como... como... como uma coisa pra vocês também, né, tipo o que o Plínio sofreu, o que o Angola sofreu, eu sofri também e vocês tá sofrendo, tá ligado, a opção, foi o que a gente falou desde o início, a gente nunca teve, hoje se a gente tem um pouco foi porque a gente tá buscando ela, a gente vai conseguir mais se a gente continuar, tá ligado, e a mesma coisa, só vou falar bem resumido... eu já tenho 19 anos, com 16 anos, eu era ex-interno na FEBEM, e olhava pra mim, olhava pra minha mãe, — ai mãe, tenho 17 anos, nunca arrumei um emprego... o que eu vou ser da minha vida, mãe! — *Calma* — e agora, mãe, daqui a pouco eu tô na fase do exército, eu só vejo os maninho falando que a parte do exército é a pior que tem se não conseguir arrumar um trampo, mas como que eu vou conseguir arrumar emprego na fase do exército se eu não procurei nem antes... procurei nem desandar, procurei nem zuar, entendeu, porque, mano, a fita é essa... vocês vão sofrer, vocês vão sofrer, mas é aquela fita, meu, você vai pisa... você está na reta que... você vai pisar nessa

pedra, meu, cuidado pra você não afundar... você pode pular pra outro também, tá ligado, se você afundar ou não, a gente vai tar do teu lado pra te ajudar meu, o João vai tá do outro, entendeu, então... é a tua vida, meu, então... vocês três, guerreiros, pelo menos... lado a lado... porque se você voltar prá quebrada ele vai voltar, ele vai voltar, vocês vão querer morrer junto ou viver junto? Tem que crescer junto, meu, tem uma vida... ou vocês morrem junto ou vocês vivem junto... e eu escolheria viver junto...

Mosquito: Eu não estou passando por isso que vocês estão passando, tá ligado, mas a parada é o seguinte, às vezes tipo todo esse sofrimento, né mano, aí você pensa num refúgio, tá ligado, aí se eu for pra minha quebrada, vai ter um ranguinho quente lá, essa hora a minha barriga não vai estar vazia, tá ligado, tipo... eu vou estar sossegado, vou estar firmão, tá ligado, às vezes é mais fácil de repente vocês fazer isso do que vocês enfrentar o meio do mato e tentar mudar aquele contexto, tá ligado.. porque aí é foda, o bagulho é sofrido mesmo, tá ligado, o bagulho é sofrido, tipo... eu nem sei o que falar porque é tipo...eu vivo lá na favela, tá ligado, tenho parceria com os mano lá... tá ligado, alguns até me olham meio assim diferente assim... fala esse maluco pode comprar um tênis, esse maluco pode comprar um relógio, mas aí, se esses cara olhá pro passado, eles vão tá vendo, hoje aqui, tá ligado, mas eles vão tá vendo o que eu passei, tá ligado...

Jorge: Mosquito, eu acho que nós estamos fazendo aqui hoje, o que melhor a gente pode fazer, mesmo, né, que é o que melhor o grupo pode ajudar vocês, que é contar essa experiência de vida, que o pessoal está contando pra vocês, do fundo, do fundo, do fundo do coração de cada um, né, que eu acho que vocês estão percebendo isso... que ninguém está falando qualquer coisa, está todo mundo falando da sua experiência mais profunda pra vocês, e acho que o Felipe falou um negócio pra você, de que você vai junto nisso, mas e o teu potencial cara, você está lá no fim do mundo, e você já se (?) não sei em que grupo de rap, já está organizando não sei o quê... puta potencial, que é o potencial do Plínio, que é o potencial do Mosquito, do Osmar, de todo o pessoal que está podendo lutar, como ele está dizendo, por uma vida melhor, não só para si mas prá todo mundo, né, então eu acho que isso o grupo faz por vocês... deixa essas palavras entrarem dentro de vocês. Não faz nada, pensa só, sente o que essas palavras... como é que essas palavras vão entrar dentro de vocês... deixa, deixa ficar um pouco dentro de vocês essas palavras... antes de vocês fazerem qualquer coisa, né, deixa ficar um pouco lá dentro, entendeu, não faz nada... deixa o ... a lágrima dele entrar dentro de você... a lágrima dele, a experiência toda, antes de fazer qualquer coisa...

Mosquito: Aí, mano, tipo... eu falava direito pra mim mesmo, tá ligado, nunca cheguei a comentar isso com ninguém tipo, teve uma vez assim que eu tô lá no quartinho lá do depósito lá, chegou os meus padrastos lá, caralho meu, tu trabalhou o dia todo no feriado, terminou o dia só com um pão com mortadela, tá sem comer, aí eu fiquei calado, tá ligado, mas daí tipo ali teve uma força dentro de mim, tá ligado, falava assim... ligado aí... deixa que é com ele lá... barriga vazia é agora no momento mas e aí... falei deixa com o homem lá que ele tá ligado na hora que vai solucionar e tipo tinha alguma coisa em mim, tá ligado, que me fazia acreditar que eu ia ter dia melhor, tá ligado, era mil grau, meu... fazia eu acreditar, tá ligado... e depois aí o engraçado de tudo, mano, que depois aí de tudo o que eu passei, tá ligado, eu tava vivendo num mundo panaca, tá ligado, porque mais pra frente eu tinha um trampo, tá ligado, montei meu skate de novo, comecei a fazer uns rolê de skate, tá ligado, comecei a fumar uns (?) comecei a tomar uns goró...baseado, aquela função, né, meu, você vai se divertir né, meu, e a cabeça começou a mudar, tá ligado, e eu não lembrava do sofrimento mais (?) nem lembrava de Deus, tá ligado, mas daí... logo quando eu voltei pra favela... (?) que até então toda vivência foi de cigano urbano, né, então eu voltei pra favela, falei o que tá acontecendo... e um dia eu pensei... falei caraco, será que eu corri pra cá pra ser o que eu devo ser, mano? Porque eu era um pobre, tá ligado, queria que se fodesse o mundo, eu tinha meu... pra mim tava bom, era meu trampo, era minha roupa boa... eu pagava meu aluguel, minhas balada, as mina... tá ligado, mas quando eu voltei pra favela, mano, aquele mesmo sentimento que falou pra mim quando eu passava fome, — relaxa que vai dar tudo certo —, o mesmo sentimento falou aí mano, você vai passar uns bom bocado aqui na favela mas aí parecia que tinha alguma coisa cobrando, e cobrando alguma coisa de mim, tá ligado, hoje eu tô aí no social com os mano pelo gueto, tá ligado, minha finalidade tipo só vai morrer dentro de mim quando me matarem, tá ligado, tá ligado que lá tem o monopólio, tem o monopólio civil lá no São Luís, você tá ligado disso, você tá ligado que se os soldados de repente roubar a cena nesse monopólio, você tá ligado no que pode acontecer com a gente? Isso aí não é uma ilusão, não é uma ficção, você tá ligado nos patrão de lá... não tô falando patrão das droga não, que os cara do patrão do crime lá apóia a (?) que a gente faz, o patrão da hipocrisia... não, eles não correm contra, tá ligado, eles só não quer que a gente rouba a cena, tá ligado, porque eles quer que a gente continue sendo os mesmos moleques que coloca uma arma na cintura e sai cabelo solto, tá ligado, tipo... e uma mensagem que eu tenho... que eu vou pregar lá no gueto... é o seguinte, tá ligado, eu vou enquadrar os maninho, tá ligado, os maninho que tá lá... eu vou chegar, já troquei idéia com vários mano, vou falar aí, mano, é fácil você colocar um revólver na cintura e

roubar, tá ligado, agora você transformar o seu cotidiano miserável num tesouro... e transmitir isso pra outros mano... é bem mais difícil, tem uma carga pesada nisso aí, tem um (?) muito forte, e eu acredito nisso, não sei se nós desejamos que vocês vivam, o importante é vocês saberem que a gente deseja que vocês vivam, que cada um que está falando aqui, deseja que vocês não morram, e vocês têm que guardar esse nosso desejo, para ter força para viver...

E.: Posso lembrar uma coisa do João, o João falou... uma vez que ele esteve aqui, tinha uma... ele estava passando na rua... acho que era contigo...(?)

Pedro: Foi tipo... eu tô passando na rua... e do outro lado...eu tô passando do lado de cá da mulher e a mulher fecha o vidro, o João viu, só que ele não falou pra mim... foi num dia que eu tava vindo pra cá... só que se o João não tivesse falado pra mim, aí, com certeza ,eu ia virar e xingar a mulher por causa que...tipo eu acho o maior errado... se ela tipo está com medo de ser assaltada, então antes de parar no farol, (?) esquecimento, vai fechando o vidro, não pára assim do lado da pessoa assim e fecha na cara assim... é falta de educação...

Emília: Isso, e aí o João disse aqui que ele não falou, ele não comentou porque estava vindo pra cá... eu acho que é uma coisa... que estou me lembrando disso, porque o Mosquito estava falando também, que, às vezes é por um fio... não é... quer dizer, aquela esperança que tu tinha de que o dia seguinte era outro dia e melhor é o fio, né, mas é um fio que define o futuro, quer dizer, a gente sabe dessa situação que vocês estão, completamente fora de todo o circuito onde andavam, e tal, e que é por um fio, e é esse fio que vocês tem que segurar, como o João segurou aquela vez, não — que eu ia zoar da cara da coroa, não zoei porque eu vinha pra cá...

Jorge: Ou o fio que o Mosquito segurou, ou o fio que o Plínio segurou, quando está tomando porrada da polícia, ou o Osmar, enfim, essas coisas, e eu só queria completar, encerrando, então vocês, e essa coisa do fio, e de vocês saberem, vocês puderam ver, o quanto a gente quer que vocês estejam vivos, não só eu e as pessoas aqui de Pinheiros, os companheiros, os manos de vocês como vocês dizem, né, que são os... e aí as pessoas que têm verdadeiro respeito... respeito e confiança, né, é prova de confiança, para vocês dois, inclusive de as pessoas estarem falando de coisas tão íntimas e tão profundas da vida delas para vocês dois, não é, é o desejo que vocês vivam... E outra coisa que eu queria dizer também, é que esse grupo... talvez pela palavra, como a gente está podendo se comunicar pela palavra, né Mosquito, essa coisa que a gente vê que transforma, a nossa idéia, como é que nós vamos poder

daqui para a frente, encerrando hoje isso aqui, a nossa idéia é de como nós vamos poder, daqui para a frente o ano que vem, a partir de janeiro, tá aproveitando (?) o Mário que trabalha tanto com a palavra também, ele está percebendo, como é que a gente pode estar... essa produção é uma produção conjunta que a gente fez, e como é que a gente pode estar levando isso, exatamente para transformar essa vida num mundo melhor, que todos nós queremos, né...

Rafael: Eu esperei todo mundo falar, porque... eu tava me tocando muito e eu achei que... as palavras diziam por aquilo que eu pensava... um pouco do que o Felipe falou, do Mosquito, mesmo do Jorge... o que pra mim é mais rico nesse grupo, que os dois dias que eu não pude estar que eu estava cumprindo uma obrigação dos projetos, porque eu estava na avaliação que mais contribuiu (?) foi o fato de que aqui eu aprendi e tive contato com coisas que eu nunca tive, quer dizer, não porque eu nunca fui para a periferia, já falei isso para vocês, eu moro na periferia, é um outro tipo de periferia mas é o Jaraguá (?) ou aquilo que eu vejo, por exemplo, na faculdade, ou que eu vejo aqui mesmo de vez em quando, não é que são mundos distintos para mim, mais do que isso, pela possibilidade de num lugar, dois mundos conversarem, nunca teve isso, porque sempre quando acontece de, por exemplo, você vai na periferia para conversar, a voz que predomina é a da periferia, eu quero que isso fique claro também, não é... não é sempre uma opressão, existe opressão do outro lado também, e quando se vem aqui para o Centro Vida, a voz que fica... é a de Pinheiros, é a voz das pessoas que convivem, por mais que elas trabalhem no social, não trabalhem no social, mas assim, existem mundos dominantes... lá domina um mundo, entendeu, e aqui domina outro... e aqui não, aqui a gente tentou construir uma coisa em comum, e eu aprendi muito com vocês, e eu aprendo muito com vocês, eu acho que a nossa vida, a nossa prática, é... todos nós aqui, a gente tem que ter uma coisa muito clara, a gente sempre aprende com o outro, nunca eu tenho algo para ensinar para vocês que vocês não tenham algo para me ensinar, nem que seja um olhar, alguma coisa assim, e para mim assim, a coisa que eu ficaria mais triste mesmo, é no decorrer do próximo ano... ou no futuro, é que de repente vocês voltem para lá e aconteça alguma coisa com vocês. Eu encontrei com o Osmar na Sessão Educativa, num Seminário, e... eu até... até achei uma coisa super legal que foi assim, o fato de o Osmar estar lá, por exemplo, a Fernanda falou pô Osmar tá aqui... falei lógico, Fernanda, o Osmar tem que estar aqui... e o cara, a cidade é de todo mundo, não é... ela falou não, mas eu acho isso magnífico, falei, a gente tem que se acostumar com isso, tem que trabalhar para isso. E o Osmar estava super preocupado, falava puta, cara, deu uma merda lá, descobriram que mataram um cara, que era esse Alex, eu estou com medo que vão pegar os caras... e eu perguntei,

e com você, como que ficou, se podia acontecer alguma coisa com ele, e naquele momento eu fui me tocando, que é assim, qualquer pessoa desse grupo, quer dizer, que já faz parte da minha vida, eu falo isso, quer dizer, a experiência tipo humana que eu tive mais forte, independente de coordenar o projeto, quer dizer, foi uma puta experiência, mas o mais forte foi nesse grupo, humana mesmo, a coisa que mais triste poderia acontecer, é acontecer alguma coisa com vocês assim, eu acho que toda culpa que recai sobre um ato como esse que aconteceu é muito forte, quer dizer, e vocês assumiram, vocês chegou... chegou no começo vocês eram...renitentes, não era... eu tinha que fazer isso, eu... depois vocês começaram não, foi uma besteira, não devia ter feito, mas não tinha outro jeito... quer dizer, até mesmo a própria palavra de vocês se humanizou e a gente está se humanizando com todo esse processo, entendeu, então quer dizer a vida de vocês é muito valiosa para nós, as diferenças de vocês, o potencial de vocês todo mundo já disse, agora a VIDA, quer dizer, valorizar isso... é muito importante... (?) o Plínio, eu conversava com a Clara, a Clara falou puta, Rafael no dia que você não foi o Plínio falou umas coisas que eu não consigo parar de pensar assim, estou preocupada com ele... isso é o tipo de sentimento que a gente tem com familiares, entendeu, quer dizer, que é a coisa mais rica que a gente tem... então, de alguma forma, existe um certo, uma certa preocupação, um certo compromisso conosco também, de vocês pelo menos levarem, pensarem sobre isso que a gente disse. E assim, para o pessoal do grupo, que eu acho que seria mais interessante citar, era que a gente pudesse, de alguma forma, tentar (?reciclar) essa experiência. Só que não poderia ser com grupos curtos, não poderia ter um dia de conversa, um dia de conversa ia ficar no estereótipo... são coisas assim, experiências como a que a gente teve aqui... e até mesmo de repente, cara, você ir para a Zona Leste, por exemplo, conheço um pessoal lá, em Buguaçu conheço a Regina que faz parte do projeto, ela podia dar uma mão para vocês, ela teria... ela viveu coisas muito parecidas também, coisas assim que a gente pode fazer...

(muitas vozes)

— (?) só para mandar um pouco também um recadinho que... a sensação que eu tive... até isso que o Rafael falou reforçou, que foi: ah, porque no começo vocês falaram, não, não tinha jeito, essa era a única opção, tal, nã, nã, nã, e quando hoje de repente parece que talvez tivessem outras opções, agora, olhando de fora mesmo, depois, a gente podia ter pensado em alguma coisa, mas ali, naquela situação, com aquela pressão, desse lado, parecia que aquela era a única opção. E a sensação que eu tenho é que agora vocês estão exatamente na mesma situação, então tá numa hora que tem uma pressão de um lado que se

chama fome, desamparo, pititi, pototó, que faz parecer que a única opção é voltar, às vezes eu só... eu gostaria de pedir é calma... calma, porque eu acho que deve ser um momento difícil, deve ser uma hora que dá vontade de... (?) e voltar pra casa, entendeu, aconteça o que acontecer... um pouco que nem foi naquele momento, foda-se e então vamos fazer isso porque senão parece que não tem outra opção e a sensação é bem isso... como era difícil lá e é difícil aqui ter calma, é... tem outras opções e... talvez voltar para casa, voltar para lá, neste momento não seja a melhor, e com certeza não é a única, é só a gente tentar encontrar as outras, talvez estejam por aí, é que é difícil ver... com essa pressão aqui, acho que é um paralelo da situação bem forte...

J.: Nós estamos super em cima da hora...

— Não, eu queria falar um pouco desse... futuro aí, né, o que vai gerar, né, o que a gente... todo mundo contribuiu, todo mundo jogou aqui um monte de coisas... criou, e é isso que o Rafael falou e é isso que dá para ver, né, da identidade da ligação aí muito forte, que eu acho que fica... a idéia de replicar os grupos, né, enfim, de tentar levar a experiência para outros lugares, eu acho que é... seria muito saudável assim para... enfim, ia ser muito bom, porque a gente tem um monte de teorias, inúmeros estudos, discutir violência, e ler e fala, bá,bá,bá, para mim o que eu nunca tirei da cabeça, desde que comecei a trabalhar aqui no Centro Vida... já estou há uns 5 anos... mais... é que... o mais fácil para manter a violência como tal, o principal ai é o não reconhecimento do outro, tipo, a mulher que fechou o vidro, na tua frente, e a gente já viu mil vezes isso acontecer, se é que já não fechou o vidro também, na frente de... enfim, você olha pra ela você não reconhece ela como... não é um ser humano, cidadão, que vai lá e fecha o vidro morrendo de culpa, ou que... usa um... enfim, (?) e do outro lado, muita gente eu acho do lado de cá, do nosso lado, também não vê na galera que mora na periferia, né, tudo bandido, né que é tudo matador, não sei quê, bá, bá, bá, então manda pro... já que não vai lá, manda a polícia bater, se vê no jornal que morreu, foda-se e tal, e aqui não só você quebra com o estereótipo, você vai muito mais longe... porque aqui acho que ninguém estava nesse estereótipo (?) mas você cria esse laço e acho que é isso que a gente quer fazer, e aí a idéia não é... um dia, né, tem que ser um processo mesmo e tentar replicar, e já tem outras idéias também que pulam daqui também, tudo isso que o Mosquito falou, que o Osmar fala, só de contar essas experiências, levar esse debate, procurar estimular, né, ser mais uma força, na contra pressão da realidade que... sei lá, mas... acho que tem muita coisa para fazer e eu acho que se vocês agüen... não sei, eu acho que tinha que... talvez tentar para pensar também, para além de hoje, alternativas... eu acho que a gente...

Mosquito: (?) expôs bem problemas, expôs bem toda essa coisa tipo... eu vou para casa pensando numa coisa... tá ligado, vou chegar em casa, vou bater um rango, (?) entendeu, agora é o seguinte, também eu acredito numa coisa que vocês podem até discordar comigo, tá ligado, se for prá passar o que vocês estão passando, que é fome, mano, você está ali no seu itinerário, se é isso que Deus quer, agora, é pra fortalecer, tá ligado, não é prá vocês perder a cabeça e ir pra lá, porque vocês tá ligado com o movimento de lá, se vocês cola lá vai ser 1000 grau, tá ligado, se for para passar por isso aí, guerreiro, olha pro céu e fala: aí, Deus, vou enfrentar essa parada, tá ligado, mas a nossa consciência aqui, porque aqui foi captado vários materiais, entendeu, através das experiências humanas, foi levantado material que vai ser usado de alguma forma não sei aonde vai ser aplicado, ou seja, eu acho mais do que justo assim de repente estar retribuindo isso pra eles, tá ligado, porque se de repente eles falassem não, eu não quero ajuda do Centro Vida não... não ia ter esse tipo de coisa, né, pelo menos não estaria passando um Natal mais ameno lá na favela lá, tá ligado, que é por causa de (?) tenho que me colar (?) pra lá né, qualquer coisa aí... (?) vai lá, toma uns (?) acende uma vela lá... (?)

Jorge : Eu acho que tem formas sim, do pessoal tentar se organizar para dar uma força para vocês. Mas fundamentalmente, eu acho que o principal é eles saberem que a gente quer que eles vivam, isso é o principal, né, e eu acho que o pessoal tem como articular determinadas coisas para dar uma força para vocês... e, uma coisa que eu queria dizer a vocês também, que eu acho que isso é importante para vocês dois e para todos nós. Eu acho que a gente poderia se reunir, talvez em janeiro, ou fevereiro, para a gente pensar os produtos desse grupo...

— Tendo um tempo para trabalhar isso, e fazer uma nova reunião mas de... e aí, o que vai surgir, tal... esse paralelo, independente de pensar uma coisa específica assim para ver como é que a gente...

J.: Isso...

Plínio: Eu gostaria que isso acontecesse, porque hoje em dia, é como você falou do projeto, né, então, quando ele falou foi tipo, abre perspectiva na minha vida... quando eu saí da cadeia, tá ligado, falei meu, saí do crime, porque eu fui tudo de ruim no crime: eu trafiquei, eu roubei, eu matei mesmo, tá ligado, dentro da cadeia também, então... quando eu entrei pra comissão de direitos humanos, tá ligado, quando eu voltei pro hip hop, tá ligado, eu pensei pô, eu posso fazer algo de melhor, não só pras outras pessoas mas pra mim, tá ligado, porque o Mosquito conhece a minha mãe, tá ligado, a minha mãe tem 77 anos já, toda vez que eu saio, ela fala: onde você vai? — eu vou ali, eu vou fazer um

evento... se eu ficar dois, três dias, quando eu voltar ela está ali... (?) hoje quando eu volto pra casa, que eu vejo ela, dou um beijo nela, cara, é uma satisfação, sabe, eu aprendi na psicologia, a professora falava meu, quanto mais você aprende, mais você tem que estar aberto para aprender, tá ligado, e... se você está sofrendo hoje, é porque Deus tem um propósito na sua vida, porque o guerreiro nunca... ele pode estar ferido mas jamais morto, tá ligado... eu tenho essas palavra comigo... então eu sei o que é o crime, tá ligado, então quando ele falou, me tocou, tá ligado, porque eu vivi isso... e hoje, eu sei que eu tenho o Mário como um aliado, tá ligado, no dia que eu falei pra ele que os cara rasgaram o meu livro, eu vi a preocupação dele... nós ficamos várias... quase uma hora conversando dentro do carro. Eu fui pra casa, falei puta, mano, eu coloquei uma preocupação na cabeça daquele irmão.

— Pra mim foi uma satisfação quando eu vi que tinha um adolescente, (?) eu vi você ali, tal, é legal isso aí, o dia que os cara me prenderam e me espancaram, tá ligado, puta, aquilo ali foi o maior trauma pra mim, falei puta meu, eu vou ligar pros meus parceiros, vou matar todo mundo. Mas lá no fundo, algo falava pra mim: não, não faz isso...

J.: Que é o que você está pedindo para eles não fazerem...

Plínio: ... na outra vez que os cara me prenderam, levaram meu dinheiro de novo, levaram a minha moto... a policial mora do lado da minha casa... eu liguei pra um parceiro, o parceiro falou meu, nós vai invadir e arrancar o pescoço dela... falei, não vale a pena... porque a causa é maior, tá ligado, porque eu sei que... todos nós tem um potencial pra isso, mas a gente tem que ver que aquele que está lá em cima, ele foi crucificado, tá ligado, hoje em dia tem cara que não acredita que ele resistiu... eu acho que tudo tem um propósito na vida da gente... eu... eu gostaria que essas... que voltasse aí o ano que vem, tá ligado, e a gente puder fazer alguma coisa, tá ligado, então porque lá atrás eu não consegui, tá ligado, eu fui pro crime...

Emília.: Eu queria dizer... eu acho que (?) pode marcar para (?) 20 de fevereiro...

— A gente participa no dia 6 de janeiro, tudo bem...

Jorge: Nós também...

Emília: Talvez seja importante, já deixar uma data marcada... então fica para ser visto... alguém tem calendário?

J.: No dia 6 é segunda feira, eu proporia na outra semana, dia 13... segunda-feira...

— Começa dia 13?

J.: Então ficamos dia 13, com uma tarefa. É importante deixar claro, não é a tarefa da gente continuar o grupo, é importante que o grupo teve esse começo, meio e fim. A tarefa que nós vamos ter, é outra, é ver o que a gente pode fazer, a partir daquilo que nós produzimos conjuntamente.

Emília: Que eu acho que são vários desafios, quer dizer, está lançado um desafio para você, para você segurar esse fio, está lançado um desafio para nós, todos nós, que é pensarmos esses produtos, e para o Centro Vida, que também tem um super desafio que é como institucionalmente, lidar com essa questão, para que não tenha que se repetir situações como essa... então acho que para todo mundo está lançado um desafio.

— Eu acho que um grande, um dos maiores desafios é como prevenir isso aí, trazendo dois mano que são vítimas de uma consequência de um mundo que é mil grau, só que esses dois aqui, se você for mesmo ver, você tem mais, mais, e mais, entendeu, isso são coisas que acontecem diariamente, tá ligado, diariamente, conheci dois maninho que morava lá, do lado do meu barraco, né, até no começo, quando eu conheci os cara, tipo...eu olhei assim os cara, os cara me olharam meio torto assim, também fiquei na baixa, a gente era vizinho de barraco.... só que né, meu, acabei conhecendo os cara, peguei (?) os cara tava na correria (?) tá ligado, tava na maior correria, tipo do alimento, de arrumar um trampo, tipo um já tava aqui fazia uma (?) outro tinha vindo do Pernambuco (?) com a família dele lá, entendeu, e nada... esses maninho tá tendo...

J.: Porque essa conversa que a gente está podendo fazer aqui...

Mário: Eu queria falar uma coisa bem rápida... é só porque eu acho muito triste ouvir isso de vocês, que vocês querem voltar para casa e é praticamente impossível voltar para casa. Acho que se acontecesse comigo, eu não sei o que eu faria. Agora... também acho que... se você tem um talento, que é o rap... você não sei, não te conheço tão bem, mas você deve ter o seu talento também, então assim, o rap, de alguma forma, é a sua casa também, sabe, então a gente tem que aprender que uma hora a gente não volta mais para casa, sabe, ou então vai voltar em outras circunstâncias e, às vezes, o nosso talento é a nossa casa, sabe, por isso que acho também a importância da palavra aqui é uma

coisa muito forte, se a gente puder voltar sempre para essa casa, é fundamental... e fico preocupado de a gente não poder levar isso aqui para a quebrada de vocês... isso acho que é uma pena, mas se é uma impossibilidade agora, a gente vai tentar fazer isso em outro lugar, vai tentar fazer isso da melhor forma, em outro lugar, que é uma casa em outro lugar.

Jorge: Muito bem, gente...

— Não, eu só queria assim que podia pensar uma coisa prática mesmo, (?) poder lançar, embora (?)

Jorge: Mas aí já não é do âmbito do grupo... A gente tem que agüentar isso, isso é muito difícil, muito difícil, nós temos que agüentar isso, e eu acho que tem coisas práticas que vão poder rolar, e eu acho que o pessoal tem dicas a fazer, eu acho que o Felipe está com alguma idéia... eu estou vendo... eu já conheço o Felipe, eu conheço quando o cérebro dele está funcionando... então, o que eu queria dizer para vocês é o seguinte: eu acho...da minha parte, eu queria dizer que foi muito bom eu ter trabalhado com vocês nesse grupo, eu gostei muito, e queria... eu me senti muito honrado pelo convite do Centro Vida para coordenar esse grupo, e foi muito legal, muito importante, muito profundo, ter encontrado com vocês e a gente ter podido ter essa conversa tão densa, tão legal...

Emília: Eu queria dizer também do destino, né, das gravações... também porque eu acho que a gente ficou de falar sobre isso, que a gente está transcrevendo todas as fitas, e vai ficar um material, vai ficar aqui, na mão do Centro Vida. O material vai ficar aqui, vão ter as fitas e o texto.

Jorge: E aí, o Centro Vida, institucionalmente é que vai, o que a gente pensou, é que institucionalmente o Centro Vida é a instituição que promoveu isso, então o material fica com o Centro Vida, e aí o Instituto vai conversando com as pessoas, vai vendo...

— Essas discussões que a gente tiver em janeiro, a gente pode pensar também... até porque tem muita coisa aqui...

Emília: Tem coisas que interessam, exatamente, e tem coisas que não interessa, que não foi para publicar na Revista Caras que a gente gravou...

Jorge: A gente se comprometeu com a segurança de todo mundo aqui no grupo também...

- Mesmo essa história do crime (?) risos.
- Só, acho que...para o Jorge e para a Emília, que pra gente foi muito... uma experiência super nova, né, que surgiu do nada... A idéia de fazer isso, a Ana não está aqui, infelizmente, porque estava super envolvida com tudo isso, e montou e acho que gostaria de ter visto o que aconteceu hoje, a gente vai voltar em janeiro, mas prá gente foi muito bom contar com vocês, todo mundo... acho que nós vamos construir uma coisa bem legal o ano que vem, em cima disso, JÁ VALEU, mas pode valer muito mais...
- E o texto, a gente não podia estar usando... esse texto...
- J.: Isso tudo a gente vai.. vamos conversar...
- Porque aí, se for isso, a primeira coisa, tem que sumir nome de todo mundo... sei lá...
- J.: Vamos falar em janeiro... vamos agüentar...
- E.: Alguém que tiver idéias do que fazer, escrevam, tragam pra cá...
- J.: Vejo vocês em janeiro, heim!

O primeiro emergente importante nesse último grupo é exatamente a negação do final do trabalho. Essa dificuldade de encerrar encobre a importância que aquele espaço adquiriu na vida de cada uma das pessoas. Quando esse mecanismo é interpretado, abre-se a possibilidade da fala sobre a importância do grupo. Da parte dos jovens, eles puderam colocar ali experiências sobre as quais jamais haviam falado ou refletido. Por outro lado, para os que trabalham no Centro Vida, o grupo trouxe uma profunda reflexão sobre suas vidas por meio de uma conversa verdadeira entre os dois mundos ali presentes.

Um outro assunto que emerge no grupo é a questão do território. A imensa cidade, nesse momento, fica sem opções. Para os ‘meninos’, a única saída possível é o retorno ao lugar original, apesar de todos pensarem que eles mataram um outro rapaz também envolvido na briga que ocasionou o homicídio. Aparece no grupo a limitação da circulação no espaço urbano em função do medo da vingança e das leis da periferia.

O desejo do retorno, na verdade, mostra o tamanho das perdas que os ‘meninos’ sentem que sofreram com o crime: a família, os amigos, o reconhecimento, a segurança possível. Esse desejo também está misturado com a culpa em relação aos seus próprios familiares e aos familiares do morto. Quando voltam para tentar falar com o irmão do rapaz assassinado, tentam livrar-se da culpa, reparar o crime, reconstituir a cena, reatar os laços. Ao mesmo tempo, ao voltar, um deles tenta encontrar-se com o pai que nunca cumpriu a função paterna. Surge, novamente, a força dos processos de identificação, que emerge quando um deles relata os crimes cometidos enquanto estava preso. Será que sua violência não foi desatada ao ver seu ídolo vestido de mulher?

Todos esses sentimentos, a compreensão do verdadeiro efeito do crime em suas vidas, leva-os a tentarem se matar. Oferecer-se à morte é aliviar a culpa e as perdas.

Outra fantasia expressa na dinâmica grupal é o medo da humilhação quando contam o caso do rapaz que vivia ao lado da pista de skate. Os boatos surgem como uma das principais causas de morte na periferia.

A situação dos meninos mobiliza fortemente as mais profundas experiências de vida dos membros do grupo. O fato de tantos relatarem situações tão dramáticas e os ‘meninos’, finalmente, contarem como o crime ocorreu conquistou a confiança e o respeito colocado de uma forma, no

momento inicial, enquanto meta a ser atingida pelo grupo. Dessa maneira, todos sabiam que o trabalho havia sido realizado. No relato das experiências e reflexões, vai-se apresentando o desejo do grupo pela vida dos meninos.

A sensação de viverem por um fio, agarrarem-se a um fio, também expressa muito bem a precariedade da vida no território da periferia. Os emergentes do grupo mostram como o desamparo gera a violência, a culpa, o medo e a religiosidade. O último dia é denso porque, mais uma vez, foram colocadas palavras nos sentimentos e nos atos. Isso permitiu que os ‘meninos’ não retornassem ao bairro.

Principais emergentes:

- a negação do final do trabalho. A importância do grupo;
- o grupo enquanto espaço que propiciou a palavra;
- os ganhos do Centro Vida;
- a limitação do espaço urbano;
- o desejo de voltar ao bairro;
- as perdas dos ‘meninos’;
- a culpa dos ‘meninos’;
- a falta da função paterna;
- os processos de identificação;
- o desejo do suicídio;
- o medo da humilhação;
- o relato do crime;
- a vida por um fio;
- a religiosidade.

5

Análise do Material Clínico e Considerações Finais

O material clínico produzido pelo grupo operativo foi elaborado em diferentes passos. O primeiro foi a gravação e transcrição de todas as sessões; o segundo foram as sucessivas leituras do material; o terceiro foi a elaboração de uma descrição sintética de sete sessões para que o leitor pudesse acessar diretamente a dinâmica grupal (pareceu-me importante que a oitava e última sessão fossem integralmente para o texto); no quarto passo, foram levantados os principais emergentes de cada um dos oito encontros. Esses emergentes serviram como indicadores para o quinto passo que foi a construção das categorias de análise da produção grupal, segundo o método qualitativo de análise de dados¹. As categorias que elaborei a partir do material clínico são: **o território da periferia; a palavra; os processos de identificação; a diferença entre classes sociais.**

Na abordagem de cada uma dessas categorias, tratarei de seguir da forma mais rigorosa possível o conceito pichoniano de polidimensionalidade. Tal conceito consiste no entendimento de como os vínculos psicossociais se expressam no aqui-agora da transferência da clínica. Esses vínculos psicossociais são a forma como o sujeito se relaciona com o outro: fatores

¹ GLAISER G. B., STRAUSS L.A. *Awareness of Dying*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1967.
TAYLOR, S. J. y BOGDAN. R. *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona: Editorial Paidós, 1996.
GLASER G. B. and STRAUSS L. A. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter - A division of Walter de Gruyter, Inc. 1967, New York.
LINCOLN, S. Y. and GUBA, G. E. *Naturalistic Inquiry*. Sage Publications, 1985, Inc. Newbury Park
GONZÁLES, R. F. *La investigación cualitativa en psicología. Rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC, 1999.

sociodinâmicos (relações da família e do grupo entre si); fatores institucionais (presença da instituição); e, finalmente, dimensão comunitária (relações sociais do entorno). Essas distintas dimensões do material clínico ajudam-nos a ter uma visão mais ampla e profunda dos emergentes grupais que, muitas vezes, surgem enquanto conteúdo manifesto e sintomas nas relações de transferência.

5.1 Análise das Categorias

5.1.1 *O Território da Periferia*

Em relação à dimensão *psicossocial*, é interessante iniciar falando dos ‘meninos’. Eles estavam escondidos em um local muito distante na periferia. A partir do homicídio, não podiam morar nem circular mais em seu bairro porque certamente seriam mortos pelos companheiros ou familiares da vítima. O medo da vingança levava-os a temerem andar em qualquer lugar público e serem reconhecidos. Olhavam, agora, sempre para a cintura dos outros jovens para ver se esses estavam armados. Perderam o contato com a família e com os amigos. Realizavam um enorme esforço para se manterem fora da criminalidade, já que, ao mesmo tempo em que viviam uma experiência de extrema pobreza, também viviam clandestinos e sem vínculos. Eles recebiam inúmeros convites para entrar para o tráfico de drogas e outras atividades ilícitas.

O que ocorria com os ‘meninos’ mobilizava intensamente a todos no grupo. Os jovens eram remetidos às suas experiências de pobreza, de desespero, de violência e ao enorme esforço para estarem ali como João e Pedro. Os outros membros do grupo começaram a perceber com maior profundidade a pressão vivida pelos jovens na periferia. Essa experiência de

pobreza e dificuldade da vida cotidiana fazia cada um criar uma forte defesa contra as propostas do meio social que seriam, aparentemente, resolutivas. Esses convites vinham geralmente do tráfico de drogas e propostas de roubos ou assaltos. A situação do conflito entre a dificuldade cotidiana e o desejo de situações permitindo-lhes um alívio aparente, imediato era intensamente discutida no grupo. Falavam sobre inúmeras cenas de morte ou derrota de amigos em relação ao tráfico, ao crime, ao desprestígio e à humilhação. Além disso, muitas vezes eles tiveram que fazer uso da violência ou compactuar com situações ilegais para sobreviver e não cair nas mesmas situações.

Outro aspecto significativo vivido pelos membros do grupo no que se refere ao território é o da impossibilidade de usufruir os bens simbólicos da região central da cidade. Um dos rapazes conta como sua vida mudou no momento em que teve que se mudar de um bairro próximo ao centro para um local distante, na Zona Leste. Até então, trabalhava e estudava em dois cursos. Aumentando muito o tempo gasto com a condução, foi perdendo a possibilidade de dormir. Com isso, primeiro abandonou um e depois o outro curso.

O que mais emergia no grupo era a forte experiência de desamparo diante da impossibilidade da proteção familiar, do bairro e do Estado. O medo foi o grande motivo para que os ‘meninos’ buscassem armas para conversar e com isto desencadeasse o crime. Foi surgindo, cada vez com mais força, como a vida dos jovens, na verdade, era uma corrida de obstáculos. Passava-se por uma, outra, várias situações limites, mas a qualquer momento poderia se tropeçar no obstáculo e ocorrer o que havia ocorrido com os rapazes que haviam matado. Ou seja, a cena do crime mobilizava intensamente a todos jovens já que demonstrava o que poderia ocorrer com eles a qualquer momento.

A violência sem limite no território fragmentado da periferia tem como uma das conseqüências a manutenção do sujeito em alerta máxima. Os acontecimentos destrutivos podem ocorrer a qualquer instante. O que se instala então é uma ação reativa que alimenta a violência em um circuito fechado. O fato de o sujeito estar tomado pelo medo faz com que tenha que se mostrar valente e violento. A cena do crime dos ‘meninos’ é o que pode ocorrer com qualquer um, tanto no papel de assassino, como no de vítima. A corrida de obstáculos faz com que o sujeito nunca saiba quando e como cairá diante da irrupção daquilo que é familiar e desconhecido, porque pode surgir de uma forma surpreendente e destrutiva. É a vivência do sinistro² que está em cada esquina. Assim, o medo e o desamparo dominam a cena da periferia. Quanto maior a pressão maior é o esgotamento psíquico e a dificuldade do pensamento e da construção de um projeto de vida.

No que se refere aos aspectos *sociodinâmicos*, fica claro o quanto as relações pautadas pelo medo, pelo desamparo, pela formação reativa, pelo sinistro irão conduzir os vínculos familiares. A queda do pai na corrida de obstáculos pode dar-se pelo alcoolismo, pela drogadição, pela passividade, pela morte, pelo desemprego, etc. A mãe, que conhece muito bem o território em que vive, está sempre também em sobressaltos, atenta a se o filho ou a filha não estão entrando para o tráfico ou alguma situação de ilegalidade e violência, ou, então, derrotada, expõe os filhos a essas condições como medida de sobrevivência. Com isso, as relações familiares vão ficando cada vez mais duras e tensas e tendem à ruptura. Na verdade, elas expressam o território, são permeadas por suas características.

Emerge, no espaço grupal, que a defesa contra o sinistro são as regras da confiança e do respeito. Se o estado, a lei, as relações familiares, a

² FREUD. S. “Lo Ominoso”. *Obras Completas*. Vol. XVII. (1919). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.

polícia, as organizações sociais, culturais e de lazer não dão conta dos fatos, fica estabelecida uma lei própria que rege a relação com o grupo e com quem está fora do território. A violência é tão conhecida pela experiência e tão fantasiada pelo medo que a mínima possibilidade da quebra dessa regra será o gatilho do confronto.

A vida, em grande parte dos casos, não é pautada pelo Estado, mas, sim, pelo vínculo grupal por meio da confiança e do respeito que, em função da sobrevivência, vai adquirindo uma força intensa, rígida, no estilo mafioso. A quebra de determinadas regras, tais como a delação, significa a catástrofe na vida de quem fala e de quem é acusado, como é o caso do rapaz da pista de skate que havia perdido a identidade, o prestígio, o local de moradia. Estava destruído e humilhado. No grupo, esse fato, assim como o caso dos ‘meninos’ e do rapaz morto por eles, serve como referência e expressa o medo e a fantasia inconsciente de todos os jovens do que acontecerá na queda. Ou seja, sem a mediação da lei, do estado, o grupo, para proteger-se e evitar casos como esse, deve ser rigoroso, rígido e, até cruel, como forma de proteção.

Ao mesmo tempo em que se dá a rigidez e a exigência que protege a sobrevivência diante da irrupção do sinistro e do risco da queda na corrida de obstáculos, as relações adquirem também, por sua proximidade e pela radicalidade das experiências vividas, um alto grau de afetividade. Quando alguém é ‘irmão’, significa uma irrestrita solidariedade. Assim, ao mesmo tempo em que a “confiança e o respeito” é um sintoma da violência e da desagregação do território, expressa, como nos diz Milton Santos, a afetividade e contigüidade, possibilitando a reconstrução do território em face da dominação exercida pela pobreza e pelos efeitos da globalização perversa, na construção de uma outra tessitura de vínculos solidários e transformadores. Esses vínculos são a base para a construção das redes culturais, de assistência,

de proteção e geração de riqueza que reconstroem, avançam e reconfiguram o território.

A questão da confiança e do respeito está presente também na relação com as outras classes sociais e com as instituições. Tanto é assim que o crime (não apenas esse, mas também outros cometidos pelos demais participantes) só foi relatado por inteiro no grupo na última sessão, quando já havia uma confiança construída pela interpretação constante das relações ali presentes na transferência grupal.

O grupo operativo inicia com um importante debate na dimensão *institucional* no Centro Vida: o que fazer diante do crime? A primeira questão era se os meninos deviam ou não permanecer no bairro. Os jovens rapidamente apontaram que, se João e Pedro retornassem ao seu bairro, inevitavelmente seriam mortos por vingança. Na última sessão, já era entendido por todos que o desejo deles de voltarem a seu bairro estava pautado fortemente por um desejo de suicídio por não estarem mais suportando as perdas materiais e psíquicas decorrentes de sua “queda”. Com isso, aliás, fica mais uma vez evidenciado o circuito da violência, em que as perdas vão levando a outras perdas e, assim, sucessivamente.

O fato de a instituição cogitar a idéia de manter os “meninos” na região, inclusive com uma remuneração, foi elaborado como um fator muito significativo do desconhecimento por parte da diretoria e dos técnicos de seu campo de trabalho. Isso mobilizou fortemente o corpo técnico trazendo um importante material no grupo sobre todos os aspectos contratransferenciais vividos pela equipe na forma do estranhamento em relação ao território, à dificuldade de inserção, à manutenção da própria identidade, às respostas à enorme quantidade de demandas e cobranças e, por conseguinte, às defesas que utilizavam inconscientemente para enfrentar tais situações.

A partir desse emergente grupal foi possível examinar com clareza os limites e as distorções que o desconhecimento do campo gerava no planejamento e na execução dos projetos institucionais. O fato de a Diretoria do Centro Vida participar do grupo impediu que o desconhecimento do território fosse encoberto com ações demagógicas e de um falso saber. Todos, isto é, técnicos, gerentes, intelectuais, os jovens e os coordenadores puderam aprender juntos, realizando uma imersão na periferia por meio do grupo operativo. Com isso, certamente, a identidade da instituição se fortaleceu uma vez que seus membros se sentiram muito mais seguros diante do problema sobre o qual trabalhavam.

Na dimensão *comunitária*, sabe-se que o espaço da periferia é amplo, porém as relações ali estabelecidas em função da concentração da riqueza material e simbólica nas regiões centrais da cidade limitam a circulação dos jovens. É claro, no grupo, há grande distância entre os dois espaços. Essa distância traz uma forte sensação de perda e impossibilidade de usufruir os bens simbólicos do centro da cidade.

A distância entre o centro e a periferia se expressa também na diferença entre as leis e a forma como regem um e outro espaço³. No centro da cidade, há transporte, serviços urbanos, culturais, lazer, beleza etc. A periferia é cinza e marrom dos tijolos à vista. O Estado aparece de forma repentina na repressão, ou, então, exatamente por sua ausência, constituindo aquele espaço um território de exceção como nos diz Agamben⁴. Para este autor, desde o direito romano, há a figura do *homo sacer*, aquele que está submetido à vida nua, sem nenhuma proteção da lei e do estado, e que não é sacrificável aos deuses porque não tem valor nenhum. Por essa mesma razão, tal ser é “matável” por quem detém a soberania sem que esse crime gere culpa

³ ENDO, P. *A violência no coração da cidade. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Editora Escuta, 2005.

⁴ AGAMBEN, G. *Homo Sacer. O Poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

e condenação. A situação paradigmática da suspensão da lei é o campo de concentração. A política, para o autor, se dá exatamente no processo de inclusão do sujeito na pólis da lei e proteção do Estado ou na exclusão do sujeito em direção à vida nua. O processo de inclusão na pólis para ele passa também pela passagem da voz à linguagem. É assim que esta dificuldade de locomoção, as rígidas leis como forma de substituição do papel do Estado e das instituições, a inacessibilidade aos bens materiais e simbólicos, a exaustão pela sobrevivência geram uma captura do sujeito no território, do qual é difícil sair.

Nesse sentido, podemos pensar a periferia também como uma instituição total que, como nos diz Agamben, é regida pela exceção fora da lei e, nela, a morte tem o caráter de clandestinidade e sem importância. O poder soberano age na ausência da lei, fazendo o território fragmentado ser tomado pela violência e uma grande massa de nossa população ficar relegada à vida nua. Pensar a periferia utilizando a metáfora da instituição total, como uma prisão ou manicômio, ajuda-nos a entender o que estamos relatando em termos da angústia, de repetição, de impossibilidade e de diferentes leis que os jovens traziam no grupo. Em uma das sessões, eles relataram que um japonês amigo deles foi visto pelos traficantes da favela se masturbando perto de um muro. Foi chamado à presença deles. Pediu desculpas, disse que não estava fazendo mal a ninguém, mas não adiantou. Os traficantes obrigaram-no a colocar sua cueca na forma de uma calcinha e, diante de todos, fuzilaram-no.

Com esses e outros fatos presentes na dinâmica, pode-se dizer que um importante emergente grupal são as consequências devastadoras da ausência do Estado e da Sociedade Civil. Esse fato faz o tecido social constituir-se pela lei do mais forte, extremamente sádica e rígida, impedindo a mediação entre os sujeitos, tirando o poder da palavra, fragmentando o

território e as relações entre pessoas, entre grupos, entre instituições. Os jovens introjetam a fragmentação do território e a violência nos vínculos cotidianos e, com isso, tornam-se os reais executores da política neoliberal nas periferias.

5.1.2 A Palavra

Em relação à dimensão *psicossocial*, pode-se dizer que há uma forte tendência de a palavra ser remetida ao processo primário ou ao som como nos diz Agamben. Isso ocorre em função da ausência de redes sociais e familiares, que, se fossem introjetadas pelo sujeito, permitiriam uma série de mediações entre as relações do mundo externo e as do mundo interno. Tal processo constitui o aparelho psíquico, cada vez com um maior número de facilitações (investimentos nos vínculos introjetados), formando uma rede e estrutura interna necessária para a elaboração dos sentimentos, conflitos, marcas de dor e de prazer. Percorrer esses inúmeros caminhos, enquanto associação livre que permite conter a ação precipitada, examinar o mundo interno e externo, encontrar o desejo e, pelo princípio da realidade, realizá-lo ou não possibilita o pensamento, a elaboração dos sentimentos, ou seja, o processo secundário.

No caso da periferia, essas redes não foram construídas, ou, então, foram destruídas pela violência dos fatos em tamanha quantidade que excedem a capacidade de processamento do aparelho psíquico. Tais fatos funcionam como raios geradores de curtos-circuitos, queimam os caminhos internos, criam facilitações sem mediação e transformam-se em compulsão à repetição. Nem o que está fora, nem o que está dentro do sujeito consegue mediar os estímulos por falta de construção adequada, seja enquanto estrutura social, seja enquanto estrutura psíquica. Essa dinâmica dificulta,

extraordinariamente, a mudança da representação-coisa em representação-palavra. É introjetada, no sujeito, exatamente, essa ausência e essa fragmentação, cacos desse território confuso e assustador, que se expressam pelas *actin-outs*, de fantasias, da projeção da agressão no outro, na mística religiosa, etc.

O som se contrapõe à palavra e constitui-se a partir da ausência de estruturas e, por conseqüência, do imenso medo que permeia as relações. As quantidades são tão grandes que obturam as palavras. Se, para conversar, se está diante da morte, o melhor é nunca falar. O exemplo claro dessa situação é quando os ‘meninos’ dizem: “fomos buscar a arma para poder conversar”. Em contraposição a esse fato, um outro membro do grupo conta como, antigamente, os conflitos eram resolvidos “na mão”. Após a briga, depois de um tempo, voltava-se a conversar e o vínculo se reconstituía.

Com a ausência da palavra, o conflito entra em um circuito de agressão iminente, abastecendo o sinistro que pode aparecer a cada esquina como um dos obstáculos no território da vida nua. A fantasia de ser morto ou matar aumenta exponencialmente. Na medida em que não é possível a reconstituição do vínculo, a explicitação ou elaboração do conflito, cada uma das partes imagina que será atacado e morto pela outra. Assim, há uma forte sensação de estar sendo perseguido o que leva o sujeito a ser um perseguidor que tenta eliminar o inimigo antes de ser morto. O vínculo com o Outro é, dessa forma, dominado pela fantasia e pelo ato motor.

No caso da dimensão *sociodinâmica*, as representações palavras são de difícil acesso, as relações grupais são pautadas pela atuação e pela violência. Ao perguntarmos a um dos jovens do grupo conhecido daqueles que queriam matar os ‘meninos’ por vingança, se o assunto do crime podia ser falado no programa estadual contra a violência de que participavam, foi

enfático em dizer que, se os outros suspeitassem que ele sabia ou tinha qualquer contato com os ‘meninos’, seria seguido ou obrigado a dizer onde eles estavam e, com isso, tanto a vida dele como a dos ‘meninos’ estaria em risco.

É extraordinário o papel que a palavra adquire enquanto tentativa de vida e reconstituição do vínculo quando um dos ‘meninos’ busca, durante a noite, o irmão daquele que matou para se explicar. Esse ato exigiu coragem e muito desejo, devido à imprevisibilidade da reação do irmão do rapaz assassinado que podia matá-lo ou chamar um grupo para sair em seu encalço na mesma noite.

Há, ainda, um outro fato interessante na luta pela palavra e pela vida, relatado no grupo. Uma turma de jovens conseguiu um prédio público para o lazer. No entanto, os traficantes ocuparam o local e ninguém mais podia utilizar o espaço. Diante disso, as meninas foram até eles e tiveram uma séria conversa, apontando que aquele espaço era para todos os jovens da comunidade. Os traficantes acederam à colocação. Depois disso, os jovens da comunidade não queriam os traficantes no local, ao que as meninas responderam que o espaço era de todos e os traficantes faziam parte da comunidade. Finalmente, todos ocuparam o local.

No caso da dimensão *institucional*, é interessante observar como muitas instituições da periferia, pelo temor à palavra, empurram as crianças e os jovens para o som e para a atuação, devido ao medo de emergirem os conflitos do território. Acompanhamos o principal equipamento da região que trabalha com crianças e jovens, havendo uma disciplina cujo real objetivo era a ausência da palavra. Todas as crianças faziam atividades sem parar, não era possível o encontro e a conversa.

No que se refere ao Centro Vida, a constituição do grupo foi um ato verdadeiramente criativo já que possibilitou um salto dialético sobre o agir da equipe. Construiu-se um espaço para a palavra dos “meninos”, de outros jovens, dos técnicos e da diretoria da instituição. Nesse processo, os técnicos e diretores passam a questionar qual é o seu lugar no mundo enquanto pessoas dedicadas ao trabalho social e intelectual. O processo grupal vai permitindo, cada vez mais, que cada um, independente de sua classe social e situação de vida, fale de seu lugar como elemento da equipe.

Assim, no que se refere ao Centro Vida, a idéia de dar palavra ao crime, aos ‘meninos’ e a todos os participantes do grupo foi exatamente oposta ao que ocorria na periferia. Mesmo sendo um espaço protegido pelo sigilo e distância do bairro é evidente que todo o processo do grupo foi surpreendente. A transformação dos sons em palavras carregadas de significado abriam outras redes de associações, gerando a possibilidade de conhecer, de compartilhar o desamparo e compreender o que ocorria na periferia.

Há ainda um importante fator em relação aos aspectos *comunitários*: a palavra, enquanto som, facilmente se transforma em boato e, do boato à ação, não há limite nem intermediações. Um bom exemplo é o que ocorre com a presença real ou fantasiada de um estuprador na favela. Ao ser dito que o estuprador é fulano ou beltrano, ou um sujeito assim ou assado, juntam-se, em grupo, traficantes, pais de família, jovens – todos armados – para matar o sujeito. Se este for pego, terá morte bárbara. O Estado está completamente fora dessa ação, além de a possibilidade de erro ser enorme. Outro fato ilustrativo acerca da força do boato foi o assassinato de um dos participantes do grupo daquele que foi morto pelos ‘meninos’. Imediatamente todos da região achavam que João e Pedro eram os assassinos. Assim, o

apertar o gatilho, na verdade, expressa o real desamparo a que a população está submetida.

5.1.3 Os Processos de Identificação

Sabemos pela obra de Freud e demais autores da Psicanálise que, no processo edípico, é importante para a criança encontrar quem a proteja e ame-a, que ela respeite e tema perder o seu amor. No texto *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), ele nos diz, inclusive, que a primeira forma de amor é a identificação calcada na necessidade de proteção diante do desamparo. Em função desse vínculo, no processo de desenvolvimento, a criança vai aceitando os limites, a castração, perdendo a onipotência para, então, renunciar àquilo que é do outro, no caso, do pai. Esse doloroso trajeto inevitavelmente gera a ambivalência entre o amor e o ódio àquele que cuida e castra, mas permite que se identifique com o genitor ou com quem está nessa função, ao mesmo tempo possibilita o reconhecimento do outro enquanto sujeito. Para que essa alteridade se constitua, é necessário que a família ou a instituição que exerce essa função possa ser continente desse conflito e sua exteriorização.

Mais tarde, essa figura central, em uma estrutura semelhante à da família, dirigirá o grupo no modelo verticalizado, tal como o exército e a igreja. O soldado repete a estrutura familiar na relação com o general que mantém a tropa agregada. Se esse cai, a tropa se dispersa e entra em pânico.

Ainda, segundo Freud, em *Totem e Tabu* (1913), no início da humanidade, na horda primitiva, o pai poderoso tinha o poder sobre tudo, inclusive o de usufruir todas as mulheres. A lei surge quando os irmãos quebram esse modelo social, matam o pai e, com isso, fazem um acordo entre

si que gera um código e uma ética permitindo a mútua convivência. Com isso, são necessárias várias renúncias pressupondo uma organização social que, nos termos atuais, seria a Lei e o Estado. São exatamente essas renúncias em nome do coletivo que causam o Mal Estar na Civilização (1930) e que estão o tempo todo presentes enquanto sintomas e ambigüidades nos vínculos e nas relações sociais.

Nas condições de grande pressão social como a que ocorre nas periferias, na dimensão *psicossocial*, é difícil para a criança encontrar quem a proteja e ame-a, e que ao mesmo tempo ele respeite e tema perder seu amor. Por outro lado, aquele que se propõe à função paterna deve realizar um extraordinário esforço para exercê-la diante de tantas dificuldades concretas. O que surge como alternativa à queda do pai e das instituições é o traficante, o delinqüente com sua força aparente, ou então as igrejas messiânicas. São esses grupos que crescem nas periferias de maneira assustadora e lideram, de forma perversa, o espaço sem lei. Eles possuem uma clara estrutura vertical de horda primitiva. O poder do chefe não tem limites na violência e na sexualidade. Este passa a fazer parte do modelo identificatório que é introjetado pela criança e pelo jovem. Muitas vezes, o conflito interno nesses jovens entre as figuras identificatórias familiares e instituições não tem a força suficiente diante deste homem poderoso com uma arma na mão e que oferece a vida (e a morte) fácil. O jovem submetido à pressão social circula entre esses dois modelos e é a combinatória entre o mundo interno e os fatores desencadeantes que poderão, ou não, gerar o fato violento.

A questão da possibilidade de um modelo identificatório na periferia surge no grupo operativo como algo verdadeiramente importante. Um dos rapazes conta que só não entrou para o crime porque seu pai ficou dezesseis anos preso e sua mãe levava-o nas visitas ao presídio. A cena repetida, de alguma forma, salvou-o, pois reconhece ter sido tão marcante a

experiência com o pai que serviu como algo estruturante em sua vida para não desejar repeti-la. Nas visitas, seu pai falava e mostrava a cadeia, para que o filho aprendesse com a experiência do pai.

Mais um relato no grupo: a mãe e um irmão de um dos jovens são homossexuais. A mãe estava casada com o padrasto. Ele sempre apoiou a mãe nas brigas com o padrasto, até que, em uma das brigas com agressões físicas, ele resolveu não intervir mais, pois achava que ela havia sido muito desleal com ele ao ter um relacionamento com mulher. No dia seguinte, quando ele retornou do trabalho, ela havia ido embora com o irmão sem deixar qualquer pista. O rapaz e o padrasto, diante da mútua solidão, uniram-se. Ele foi trabalhar com o padrasto e viveram juntos durante três anos. Passaram fome e o rapaz executava tarefas muito pesadas na construção civil. Ele relata, então, a importância que o padrasto teve para que agüentasse tantas privações.

Ainda no âmbito das cenas familiares e do que poderíamos chamar de modelos de identificação que emergiram na dinâmica grupal, aparece o caso de um dos participantes do grupo que esteve doze anos preso. Quando era jovem, seu ídolo era o irmão mais velho, com quem aprendeu a roubar e a perambular pela rua. Anos depois, ele precisou do irmão em uma situação difícil e esse o abandonou. Mais tarde, o irmão delatou-o à polícia por um crime que ele não cometeu. Havia em sua vida também uma outra figura muito forte com quem se identificava e a quem idealizava. Esse era um sujeito mais velho, que o introduziu no tráfico, nas drogas, e era respeitadíssimo como malandro de coragem. Quando o membro de nosso grupo chegou ao presídio, encontrou-o vestido de mulher. Ficou perplexo. Esses fatos desencadearam nele uma atitude de muita violência na prisão. Atualmente, ele desenvolve uma série de atividades culturais como rap, grafite, escreve sobre tudo o que lhe ocorreu e trabalha em outros projetos sociais com jovens. Agora tem sido perseguido e espancado pela polícia em função das denúncias

que fez em seu trabalho. Ele conta que somente consegue controlar seu ódio, seu desejo de vingança contra os policiais e, com isso, manter seu trabalho e sua nova vida, quando lembra que sua mãe de 70 anos espera-o todas as noites em casa.

No aspecto *sociodinâmico*, pode-se dizer que o conflito entre os modelos identificatórios perpassa quase toda a família da periferia. Geralmente a mãe é porta-voz da conflitiva uma vez que percebe, nos mínimos gestos da criança e do adolescente, o desejo pelo aparente poder que se contrapõe à família, seja ela estruturada ou não. Esse conflito está presente também nos grupos de jovens. O mesmo jovem que teve o pai preso relata como, quando os skinheads mataram os negros e homossexuais em Santo André⁵, chegou a se reunir com os amigos para se armarem e matarem os assassinos.

Tal conflito está presente na maior parte dos jovens e dos grupos da periferia, sejam eles dedicados à violência ou à cultura e à transformação social. Mesmo os ‘meninos’ eram ativos participantes dos grupos de rap e ativistas da cultura. Em suas letras, retratavam, assim como outros jovens, exatamente esse mundo. É também o caso de outros artistas tais como Os Racionais MC⁶, que representam tão bem, de forma musical e poética, o conflito, ou então, da escrita como Ferrez⁷, André du Rap⁸, etc.

A mesma situação conflitiva se reproduz nas instituições da periferia. Crianças e jovens que as freqüentam trazem todas essas questões na transferência com os educadores, técnicos, faxineiros, diretores, professores, guardas, etc. Deve-se atentar também para o fato de que tais funcionários geralmente vivem a mesma problemática com seus filhos e não se sentem

⁵ Crime ocorrido há alguns anos atrás e que foi julgado em 2004.

⁶ Racionais MC. <http://racionais-mcs.letas.com.br/>

⁷ http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed95/ferrez.asp

⁸ DU Rap. A. ZENI, B. *Sobrevivente*. São Paulo: Editora Labortexto, 2002.

fortes o suficiente para ser modelo para os demais. Assim, a instituição, da mesma forma que a família, adota atitudes semelhantes aos modelos presentes no território, ou seja, podem ser messiânicas, repressivas, enfraquecidas e permissivas. Poucas são aquelas que tentam elaborar os conflitos que surgem na transferência tal como o Centro Vida fez ao realizar o grupo.

No que se refere aos processos de identificação no aspecto *comunitário*, o jovem da periferia não se sente desejado pelo restante da sociedade. O olhar da mãe e/ou do pai que desejam a vida do filho é introjetado por este na relação edípica, fazendo com que ele olhe para si dessa mesma forma, tendo como consequência o cuidado consigo e com os demais. Na relação da sociedade estabelecida com o jovem da periferia, aparece, de forma explícita ou velada, o olhar que expressa a exclusão e a morte. O Estado, por meio de sua fraqueza, indiferença e violência, certamente, não passa um desejo de vida.

Outro aspecto fundamental é o que — como já nos dizia Pellegrino⁹ em 1984 — ocorre em relação ao Estado. Por meio de um modelo corrupto e de uma falsa lei, não possui a força de modelo ético. Com isso, a possibilidade da Lei como algo justo e para todos fica desacreditada. O mesmo ocorre com os meios de comunicação que tratam qualquer jovem pobre e da periferia como perigoso por princípio. São as imagens sociais de que, “na periferia, só existe bandido, puta, ladrão, traficante”, etc. É evidente que esta imagem que a comunidade passa para o próprio jovem se traduz em falta de oportunidades e um profundo ressentimento que os empurram também para a realização da fantasia que a sociedade faz a seu respeito.

‘Os meninos’ um dia contaram que, ao chegar perto do Centro Vida depois de quase quatro horas de trajeto, ao atravessarem a rua, uma senhora

⁹ PELLEGRINO, H. “Psicanálise da Criminalidade Brasileira: Ricos e Pobres”. *Jornal Folha de São Paulo*, Folhetim, 07 de novembro de 1984.

fechou o vidro do carro quando os viu se aproximarem. Eles relataram essa cena para exemplificar como se sentiam marginalizados e disseram que só não “zoaram” com ela porque estavam vindo para o grupo.

Recordo-me de um trabalho realizado em uma escola de Primeiro Grau de classe média/alta. Tal trabalho tinha por objetivo desenvolver o tema de estudo anual que era “Os que têm muito, os que têm pouco e os que não têm nada” com as crianças e com os professores. Abordamos, então, a relação das crianças de rua com as da escola. Na escola, o tema não surgia como outros nas rodas de conversa na sala de aula. Logo após, descobrimos que as crianças levavam o tema para a classe e para casa. No entanto, nem os professores nem os pais sabiam o que fazer com a indagação delas sobre as outras crianças que viam nos faróis ou nas ruas, ficando um tema não falado e ignorado também pelas crianças. Esse exemplo parece-me interessante porque mostra o início da negação do outro na classe média e alta em seu nascedouro, ou seja, na escola e na família. É esse modelo que está presente em relação às classes sociais.

5.1.4 *A Diferença entre as Classes Sociais*

Inicialmente, no que se refere à abordagem dos aspectos *psicossociais*, os membros do grupo foram mobilizados em suas verticalidades uma vez que apareciam com clareza as diferenças de classe. Grande parte dos “gestores e pesquisadores”, mesmo trabalhando bem com o tema, nunca haviam tratado da morte e do assassinato tão de perto. Muitos relatavam, no grupo, o enorme impacto causado por sentimentos muito contraditórios tais como repulsa, culpa por uma cumplicidade construída no grupo com os assassinos, etc. À medida que o diálogo se aprofundava, os

jovens abriam, cada vez mais, suas experiências, os outros membros do grupo se deparavam com toda a intensidade das cenas vividas nas periferias. Nesse momento, começa um diálogo com o outro e consigo mesmo sobre as implicações da diferença de classes, do trabalho em campo e do horror diante da violência.

A partir desse aprofundamento, aqueles ligados ao Centro Vida podem expressar toda a sua contratransferência. Surge então como, inúmeras vezes, não sabiam o que fazer em campo, como determinadas situações os incomodavam, como, muitas vezes, se sentiam usados pelos jovens da periferia e temiam reclamar ou não aceitar determinadas situações por não considerarem corretas. Puderam expressar, também, como não gostavam de algumas pessoas ou instituições que atendiam e com quem tinham de se relacionar.

Foram percebendo que realizavam uma negação da diferença de classes e como se posicionar dessa maneira não permitia que estabelecessem um vínculo mais profundo com a população e o território em que trabalhavam. Puderam perceber, também, um grave sintoma que provinha da negação da diferença entre quem atende e quem é atendido, que é uma certa mimetização com o atendido. Essa mimetização é muito comum já que, ao encobrir a diferença, obtura o desconhecido e desapropria o trabalhador de seu conhecimento específico, fazendo com que esse deixe de ser um psicólogo, sociólogo, advogado. Passa a ser um falso amigo, ou alguém que está indevidamente no espaço do outro e por isso é roubado ou usado.

Na dimensão *sociodinâmica*, o grupo inicialmente é formado por dois subgrupos divididos pelas diferentes classes sociais. A divisão existente na cidade configura-se tanto no esforço de os jovens chegarem até o local do grupo, um bairro da Zona Oeste, quanto em todas as dificuldades que foram

emergindo em relação à comunicação entre os subgrupos. Os jovens tinham uma clara noção da importância do espaço grupal e que, ali, à medida que iam se constituindo os vínculos, estavam, verdadeiramente, conhecendo o mundo do centro. O mesmo ocorria com os técnicos e diretores da instituição em relação à periferia.

Com o aprofundamento da comunicação grupal, inicia-se um processo de mútuo reconhecimento. Passa a emergir o desamparo daqueles que haviam cometido crimes e que passaram por situações de violência extrema. Esse desamparo mobiliza intensamente os gestores e pesquisadores da instituição que percebem, claramente, o significado da diferença de classes, a ética e o senso de justiça que se constituem de maneira diferente nos dois subgrupos. A compreensão, o entendimento do crime ou da violência leva a um profundo questionamento: o que fazer com o desamparo dos ‘meninos’, como ajudá-los para não serem mortos ou presos? No entanto, ao adotar essa atitude intelectual, afetiva e concreta, imediatamente, surgia outra questão: como ficava a família do morto? Assim, vendo a situação de perto, a ética e a lei estabelecida eram questionadas. Com isso, instala-se um importante conflito que os leva a uma profunda reflexão sobre os gravíssimos efeitos das condições de vida nas periferias e na sua própria vida.

No que se refere à *instituição*, o grupo dramatizou e elaborou um dos maiores obstáculos ao trabalho nas situações sociais limites: o pacto inconsciente entre os que atendem e os que são atendidos. Ele se dá, por um lado, por parte dos atendidos, em impactar ao exibir-se de forma narcísica ao outro — os que atendem — com as situações de extrema violência ou desamparo. No caso dos que atendem, eles ficam fascinados, também narcisicamente, pelas situações em que são expostos o sinistro e o bizarro. Assim, nenhuma das partes envolve-se, verdadeiramente, na relação transformadora. O importante é que esse mecanismo paralisa o trabalho e

promove um falso vínculo em que se evitam situações de dor e de extrema complexidade que devem ser enfrentadas pelas equipes técnicas.

Quanto aos aspectos *comunitários*, foi sendo possível, cada vez mais, aprofundar o que havia em relação à diferença de classes. Um bom exemplo é o relato do membro do grupo que sobreviveu a uma grave chacina, e escreveu um livro sobre sua vida em parceria com um dos intelectuais também presentes. Ele relatou várias vezes, de forma desesperada, como vinha sendo perseguido pela polícia que rasgava seus livros e espancava-o, além de roubar o dinheiro da venda. O livro havia sido escrito em inúmeros encontros entre o escritor e o entrevistado. A autoria é dos dois.

O jovem escritor, ao escutar os relatos dramáticos de seu amigo, mostra como a palavra tem diferente valor nas distintas classes sociais. Seu amigo e co-autor é roubado e espancado pela polícia em função do produto comum aos dois. Por meio desse produto, esperava-se a possibilidade de uma verdadeira mudança na vida do sobrevivente. Sobre o mesmo texto, ele era considerado escritor em seu meio e o amigo era roubado e desqualificado. Outro aspecto ainda sobre esse caso é que muitas pessoas perguntavam a ele por que havia colocado também seu parceiro como autor do livro. Assim, a palavra era roubada pela polícia e quase roubada pelos intelectuais que achavam que seu amigo e co-criador deveria ser excluído.

Foi possível observar no trabalho grupal a radicalidade da diferença de experiências e de linguagem entre as classes sociais. Os vínculos que iam se constituindo no grupo eram perpassados por obstáculos, fantasias, repugnâncias, inveja, admiração e, principalmente, pelo desejo que foi emergindo do encontro e constituindo um processo de comunicação em uma tarefa comum: entender algo de nossa sociedade, de nós mesmos e da

violência. É interessante como esses mundos aproximaram-se pela experiência psicanalítica em uma reflexão profunda sobre a realidade.

5.2 Considerações Finais

O grupo é um espaço fechado pelo enquadre e aberto pela transferência. É a delimitação do tempo e do espaço que possibilita a transferência do mundo externo, na forma das múltiplas relações, para dentro do espaço grupal. É o trabalho clínico, pela elaboração da tarefa no conteúdo grupal, que permite desvelar as múltiplas determinações do humano ali presentes expressas de forma consciente e inconsciente, o manifesto e o latente. A coordenação marcou a importância da associação livre pedindo reiteradamente em diferentes momentos que todos falassem aquilo que lhes viesse à cabeça, já que ali era um espaço onde tudo poderia ser dito, e que dizer não significava fazer. Por conseguinte, nesse espaço, cabia o conflito, a diferença, a discordância, o afeto, o não saber, etc.

Esse apontamento constante propiciou aos membros do grupo testar se, de fato, era um espaço de alteridade e continente para dizer o que sentiam, fantasiavam, estavam vivendo e tinham vivido, ou seja, foi sendo criada uma tessitura de vínculos em que todos podiam sentir, cada vez mais, maior continência. Quero dizer com isso que o pulo no vazio não era o pulo para a morte ou para o desastre, mas, sim, para algo novo: a possibilidade da palavra.

Dessa forma,, a experiência grupal propunha-se a quebrar o circuito da compulsão à repetição. Isso fica claro uma vez que o crime aconteceu, segundo os ‘meninos’, “porque foram buscar armas para poder falar”. A dinâmica da transferência surge de modos muito distintos e sobrepostos. Em

relação aos jovens, ela emergiu em diferentes momentos e formas, possibilitando-nos explicitar várias fantasias importantes.

Já no primeiro dia, quando os jovens relatam como se dão os vínculos na periferia, surge a questão da confiança e do respeito que permeou os oito encontros. O respeito era necessário e indicava a possibilidade de convivência distante, sem nenhuma intimidade. Já a confiança era o que permitia o vínculo profundo. A quebra de qualquer um desses aspectos da relação é algo grave, geralmente o ponto de partida da violência. Na verdade, ao relatarem essa modalidade de vínculo, estavam questionando os coordenadores, o restante do grupo e a instituição se ali era possível a confiança e o respeito. Além disso, expressavam, sem que percebessem, o desejo de que isso fosse construído, pois somente assim o grupo poderia realizar a sua tarefa.

Na relação de classes, esse dado é ainda mais marcante. Podemos dizer que o respeito inicial já havia no grupo, fundamentalmente proporcionado pela relação que todos tinham com a instituição. A confiança, no entanto, foi sendo construída pela explicitação do implícito, ou melhor dizendo, pelo trabalho analítico no grupo, incluindo o apontamento, a explicitação dos conflitos e a interpretação. Assim, o método psicanalítico propiciou que os vínculos e diálogos fossem adquirindo cada vez maior profundidade, atravessando o preconceito, possibilitando uma reconceituação de vários aspectos da vida, além da realização da tarefa a que o grupo se propunha. Quanto mais se aprofundava esse processo, maior ia sendo a produção de conhecimento grupal.

Inicialmente, mesmo que tivéssemos sido apresentados pela Diretoria do Centro Vida como técnicos da maior confiança e competência, o gravador suscitou a fantasia de que éramos policiais. Mais tarde, quando o

grupo discutia o que fazer com os produtos do trabalho, surgiu o temor de que faríamos o que eles já haviam visto inúmeras vezes em seus bairros: pesquisas acadêmicas das quais não se tinham mais notícias nem retorno para a comunidade. Outra forte suspeita era se teríamos condições de compreender as situações que eles viviam e se teríamos condições de manejar essas situações na dinâmica grupal.

Os técnicos, diretores e intelectuais viviam algo semelhante. Havia uma indagação legítima (em parte inconsciente) se daríamos conta do recado. Às vezes, surgiam rivalidades com os coordenadores. Em outros momentos, emergia uma expectativa de solidariedade de classe social, na medida em que tentavam, sem perceber, que concentrássemos nosso trabalho nos jovens e não no grupo. Dessa forma, nós, os coordenadores e eles, estaríamos analisando ‘de fora’ os jovens. Quando isso foi interpretado como uma dificuldade, por parte da equipe e da instituição, de mergulhar mais profundamente no grupo, pudemos entender e explicitar que eles também estavam tomados pelo temor ao desconhecido que os jovens e o campo de trabalho suscitavam. Assim, o entendimento e a elaboração dos conteúdos transferenciais em relação aos coordenadores fizeram a transferência tornar-se muito mais entrecruzada, isto é, remetia o grupo ao desconhecido que havia dentro dele mesmo e que era imaginado, temido, fantasiado nos vínculos com os demais participantes.

Na medida em que estes emergentes foram sendo remetidos à transferência entre os membros do grupo, com a instituição e com a tarefa, a palavra ia adquirindo cada vez maior circulação ao nomear sentimentos e reflexões que construía a cadeia associativa grupal de onde emergiam novos porta-vozes, sintomas, atos falhos, conflitos. Assim surgiam os novos significantes, permitindo ao grupo constituir-se enquanto espaço e tempo distinto daquele que todos haviam vivido em sua vida pessoal, familiar,

grupar, institucional e comunitária. Essa construção possibilitou a alteridade do espaço grupal.

Com isso, abre-se um grande vazio temido, que é o estranhamento diante do outro na tentativa de uma verdadeira conversa entre pessoas tão distintas. O grupo vai gerando uma produção já que cada um sente o quanto este diálogo é transformador: os jovens sentem que a palavra é possível e podem deprimir, falar e pensar sobre suas vivências quaisquer que elas sejam e, dessa maneira, romper o ciclo repetitivo de violência. Os técnicos, intelectuais e diretores da instituição foram percebendo, no grupo, os limites de seu trabalho, os sentimentos negados por este e as razões pessoais de sua escolha profissional.

É esta tessitura que permitiu alguns movimentos sobre os quais vale a pena comentar. O primeiro deles é o **grupo enquanto espaço de reterritorialização**. O material surgido na dinâmica claramente apresenta o território fragmentado da periferia da cidade de São Paulo pela violência, pela ausência da lei e pelos interditos. Ao mesmo tempo, apresenta também, no grupo, a divisão da cidade e do país pela diferença das classes sociais.

Ao longo das oito sessões, o processo grupal foi possibilitando um diálogo, constituindo um outro território, proveniente dos conflitos sociais, mas, de alguma forma, transformado pelo trabalho grupal. Não é à toa que os índices de mortalidade e violência têm caído nos bairros onde existe um grande investimento social de diferentes grupos no campo. É o próprio exemplo do Jardim Ângela e de alguns outros bairros. O trabalho grupal deve ser aproveitado fortemente nessa situação de criação de contigüidade e alteridade no campo. Cabe a nós, psicanalistas e coordenadores de grupo, conseguir esse espaço de trabalho, trazendo assim uma efetiva contribuição da psicanálise ao campo social.

O segundo aspecto a ser levantado a partir do material grupal é que ali ocorreu um verdadeiro diálogo entre diferentes classes sociais. Ao longo das sessões, foi possível observar a complexidade de uma conversa permeada por muitos medos, fantasmas, fascinações, inveja, preconceito, falsos acordos, e defesas. Pudemos abordar as diferenças de classe de outra perspectiva, já que os membros do grupo, verdadeiramente, desejavam o encontro. Sendo assim, puderam reconhecer e vencer os obstáculos, gerando uma importante mudança em relação ao reconhecimento de si e do outro.

Essa situação remete-nos à complexidade desta conversa em nosso país e àquilo que não está dito com toda a clareza neste diálogo, no conflito e diferença de classes dentro da sociedade. Certamente, a explicitação desses preconceitos e temores facilitaria as transformações necessárias por meio do mútuo reconhecimento. Da mesma forma, esse diálogo nos remete também às dificuldades no trabalho social, em que esses conteúdos, na maior parte das vezes, não são conscientes, nem elaborados, fazendo surgir inúmeras defesas diante do novo e do temido que é o campo e, assim, desvios nos programas sociais e na formação dos educadores e técnicos.

Outra questão a ser mencionada é **o grupo como espaço de julgamento simbólico**. Os ‘meninos’ não foram presos, portanto não tiveram julgamento nem condenação. Inicialmente estavam em uma posição maníaca, direcionando-se para os ganhos perversos de terem tido a “coragem de matar” no sentido de obterem um “status” no mundo do crime. O trabalho grupal foi nomeando o não dito naquilo que eles traziam, ou seja, o medo e a impossibilidade da palavra que fizeram matar o colega, a valentia que esconde o temor de ser humilhado, a compreensão de que, ao matar, morreram, o entendimento de todas as perdas que tiveram, a culpa pelo crime, o horror que agora causavam no outro. À medida que isso vai sendo elaborado por meio da palavra, surge, primeiro, o desejo de morte e, depois, o projeto de futuro

quando se percebem humanos novamente ao terem suas vidas desejadas pelos outros membros do grupo.

Cabe, agora, perguntar: que modalidade de espaço criou a tessitura grupal em relação ao crime? É possível dizer que, de alguma forma, o processo desenvolvido pela palavra constituiu um julgamento simbólico uma vez que introduziu a lei no sentido do reconhecimento da presença do outro, quer seja o horror dos que estavam no grupo, quer seja a dor dos familiares da vítima, dos próprios familiares e de suas perdas devastadoras. Na verdade, quanto maior era a desenvoltura do grupo com a diminuição das defesas e a circulação da palavra, menor eram os atenuantes em relação ao crime. Não havia, no entanto, acusações moralistas, pois era cada vez mais claro a todos que qualquer um daqueles jovens poderiam estar no lugar dos ‘meninos’.

A dinâmica grupal foi evidenciando pela clínica as inúmeras dificuldades que as instituições, equipes, educadores, técnicos têm no trabalho no campo social. É evidente que deve haver inúmeras outras situações não percebidas para serem desenvolvidas de outra forma. No entanto, todas as situações desveladas pelo grupo em seus oito encontros e construídas enquanto categorias são generalizáveis.

O próprio grupo, no entanto, traz alternativas à barbárie quando seus membros pertencem ao mundo do rap e trabalham intensamente a importância da cultura. As atividades culturais são aquelas que admitem a reconstituição do território e de suas redes de vida. Esse material clínico trará toda a sua contribuição uma vez que pode ser utilizado como subsídio na capacitação de equipes de trabalho e que pode contribuir na formulação dos programas sociais. Espero também que coloque, cada vez mais, a psicanálise nos conflitos centrais de nosso mundo contemporâneo.

Pode-se dizer, retomando a fala de Pichon Rivière, que o grupo expressou o coro da sociedade tal qual o teatro grego e que as fantasias inconscientes ali emergiram representando, com bastante clareza, o que ele denominava Psicologia Social. Ele diz que esta “*tem por objeto o estudo do desenvolvimento e transformação de uma realidade dialética entre formação ou estrutura social e a fantasia inconsciente do sujeito, assentada sobre suas relações de necessidade*”, ou seja “*...a relação entre a estrutura social e a configuração do mundo interno do sujeito, relação esta que é abordada através da noção de vínculo.*”

A experiência de ter coordenado este grupo juntamente com Emilia Estivalet Broide foi de extraordinária riqueza. Na verdade, em tantos anos de vida profissional e de trabalho com grupos, não tinha ainda vivido algo semelhante, principalmente no que se refere à presença, no mesmo espaço grupal, da diferença de classes sociais.

A possibilidade clínica de acompanhar todos os diálogos e obstáculos aos encontros de situações de vida tão distintas coloca com muita profundidade a questão do que é verdadeiramente a dificuldade de diálogo presente nas relações sociais, e como estas constituem de maneira muito arraigada o sujeito humano. Isto nos coloca, entre outras questões, que sem esta escuta do mundo que nos cerca, serão desperdiçados inúmeros recursos humanos e materiais. Por outro lado, esta mesma escuta é verdadeiramente transformadora. É assim que me sinto depois de tantos anos de trabalho nas situações sociais críticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Humanitas, Editora da UFMG, 2004.
- AGLIETTA, M. “Regulación y crisis del Capitalismo”. In: *Concentración y Centralización del Capital*, cap. 4. Madrid: Siglo Veinteuno, 1979.
- ARRUDA Sampaio Jr., P. “Os desafios da luta de classes na economia globalizada”. Cadernos do Le Monde Diplomatique. Globalização e Mundo do Trabalho. N.1 Edição Especial. A Caminho do Fórum Social Mundial. São Paulo, 2000.
- ARENDT, H. *Eichman em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (org.). *Adolescência: um problema de fronteiras*. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, 2004.
- BAUDELAIRE, C. *Obras Estéticas (Filosofia da Imaginação Criadora)*. Trad. de Edison Darci Heldt. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- BERNARD, M. (org.) *Desarrollos sobre grupalidad. Una perspectiva psicoanalítica*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1995.
- _____. *Los Grupos Burocratizados*.in. Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Publicación de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Tomo X n. 1, Buenos Aires, 1987.
- BERESTEIN, I.; ROJAS, M.C. e outros. *Família e Inconsciente*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1991.
- BERMANN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. (A aventura da modernidade)*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BION, W. *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

- BLEGER, J. *Psicanálise y Dialéctica Materialista*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988.
- _____. *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires: Paidós, 3ª ed., 1975.
- _____. “*Psicoanálisis y Marxismo*”. In: *Cuestionamos. Documentos de Crítica a la Ubicación Actual des Psicoanálisis*. Buenos Aires: Granica, 1972.
- _____. *Psico-Higienie e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª, 1989.
- _____. *Temas de Psicologia. Entrevistas e Grupos*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.
- BOURDIEU, P. (Coord.) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BROIDE, J. “Vem, Vem, sem FEBEM”. *Revista Psicologia Atual*, 1979.
- _____. “*Como se Organizou o Encontro em Cuba*”. Foro de Debates Psicanalíticos. Rio de Janeiro: Gradiva, 1986.
- _____. *A Rua enquanto Instituição das Populações Marginalizadas: Uma Abordagem Psicanalítica por meio de Grupo Operativo*. Dissertação de Mestrado, PUCCAMP, 1993.
- _____. “*A Família em Situação de Rua. Alguns Aspectos de sua Dinâmica*”. In: *Correio da APPOA*, nº 82, 2000, Editado pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre.
- BROIDE, Estivalet, E., BROIDE, J. e CHEBLI, S. M. “Adolescência Temida”. In: *Associação Psicoanalítica de Porto Alegre* (org). *Adolescência uma questão de fronteiras*. Porto Alegre, 2004.
- BROIDE Estivalet, E., BROIDE, J. “Violência e Juventude nas Periferias: uma intervenção clínica”. In: *Associação Psicoanalítica de Porto Alegre* (org). *Adolescência uma questão de fronteiras*. Porto Alegre, 2004.
- BROIDE, J.; BRANDÃO S., I. “Atendimento Psicanalítico a Famílias que vivem na Rua”. *Anales del XII Congreso Latino-americano de Psicoterapia Analítica de Grupo*. Tomo III. Los vínculos en América Latina. Buenos Aires, 1996.
- CASULLO, N. (org. e prólogo). *La remoción de lo Moderno. Viena del 900*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.
- DEDECCA, C. “As Mudanças no Sistema das Relações de Trabalho”. *Cadernos do Le Monde Diplomatique*. Globalização e Mundo do Trabalho, nº 1. Edição Especial. A Caminho do Fórum Social Mundial. São Paulo, 2000.

- ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Global Editora, 1991.
- FERNÁNDEZ, A. M. *El campo grupal. Notas para una genealogía*. Buenos Aires: Editorial Nueva Visión, 2002.
- _____. “*Mi preocupación es como transformar la historia sin olvidarnos del deseo*”. <http://www.campogrupal.com/fernandez.html>
- FONTENELLE, A. I. *O Nome da Marca. McDonald's, Fetichismo e Cultura Descartável*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- FREUD, S. “Proyecto de Psicología”. In: *Obras Completas*. Vol I (1895) Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “La Interpretación de los Sueños”. In: *Obras Completas*. Vol. IV y V (1900) Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Tres Ensayos de Teoría Sexual”. In: *Obras Completas*. Vol. VII (1905). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Trabajos sobre técnica psicoanalítica”. In: *Obras Completas*. Vol. XII (1914). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Totem y Tabu”. In: *Obras Completas*. Vol. XIII (1913). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Introducción al Narcisismo”. In: *Obras Completas*. Vol. XIV. (1914). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Trabajos sobre metapsicología”. In: *Obras Completas*. Vol. VII (1905). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Duelo y Melancolia”. In: *Obras Completas*. Vol. XIV. (1915). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Lo Ominoso”. In: *Obras Completas*. Vol. XVII. (1919). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Más allá del principio del placer”. In: *Obras Completas*. Vol. XVIII (1905). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Psicología de Las Masas y Análisis del Yo”. In: *Obras Completas*. Vol. XVIII (1921). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “El yo y el ello”. In: *Obras Completas*. Vol XIX. (1923). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial”. In: *Obras Completas*. Vol. XX (1926). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.

- FREUD, S. “El Porvenir de una Ilusión”. In: *Obras Completas*. Vol. XXI. (1919). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “El Mal Estar en la Cultura”. In: *Obras Completas*. Vol. XXI (1930). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. Acerca de una cosmovisión”. In: *Obras Completas*. Vol. XXII (1932) Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Moisés y la religión monoteísta”. In: *Obras Completas*. Vol XXIII. (1939). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Análisis Terminable e Interminable” (1937). In: *Obras Completas*. Vol XXIII. (1939). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- _____. “Construcciones en el análisis”. In: *Obras Completas*. Vol. XIII. (1937). Trad. José L. Echeverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1985.
- GONZÁLEZ Rey, F. “*La Psicología en Cuba*”. In: *Revista Interamericana de Psicología*. Edición Especial: História de la Psicología en Caribe. Volumen 34, numero 2, 2000.
- _____. *La investigación Cualitativa en Psicología. Rumbos y Desafíos*. EDUC, 1999, São Paulo.
- GLASER, B.G. e STRAUSS, A. L. *The discovery of grounded Theory: Strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter, New York, 1967.
- GRIMBERG, L. LANGER, M. e RODRIGUÉ, E. *El grupo psicológico*. Buenos Aires: Editora Nova, 1959.
- GUBA, L. *Naturalistic Inquiry*. Newbury Park, California: Sage Publications, 1985.
- HILFERDING, R. *El capital financiero. Obstáculos a la nivelación de las tasas de beneficios y su superación*, 1973.
- IANNI, O. “A Cidade e a Modernidade”. In: *Revista do Serviço Social do Comércio*, São Paulo, 1986.
- _____. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed., 1996.
- _____. “Nação: província da sociedade global?” In: *Território – Globalização e fragmentação*. Orgs. Milton Santos, Maria Adélia A. de Souza e Maria Maria Laura Silveira. São Paulo: Hucitec. Anpur, 1996.
- KAËS, R. *La invención psicoanalítica del grupo*. Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, Buenos Aires, 1994.
- _____. *O Grupo e o Sujeito do Grupo. Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 1997.

- KESSELMAN, H. *Los estares de Pichon*. <http://www.campogrupal.com/estares1.html>
- KOJÈVE, A. *La dialéctica del amo y del esclavo en Hegel*. Buenos Aires: Ediciones Fausto, 1996.
- LANGER, M.; PALACIO, J.; GUINSBERG, E. *Memória, História y Diálogo Psicoanalítico*. Ciudad México: Fólíos Ediciones, 1986.
- LANGER, M. (org.). *Cuestionamos*. Buenos Aires: Granica Editor, 1971.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979.
- LIBERMAN, D et al. *Del cuerpo al simbolo: sobreadaptación y enfermedad psicosomática*. Buenos Aires: Kargieman, 1982.
- MANDEL, E. *O Capitalismo Tardio*. Cap. 17 - Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MANNONI, M. *Lo que falta en la verdade para ser dicha*. Buenos Aires: Editorial Nueva Visión, 1988.
- MARIN KANH, I.S. *Sujeito e violencia na contemporidade*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Psicanálise, Laboratório de Psicopatologia Fundamental. PUC-SP, 2001, São Paulo.
- MARX, K.; ENGELS, F. “O Manifesto do Partido Comunista”. In: Marx Engels. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Trad. Florestan Fernandes, Viktor Von Ehrenreich, Flávio René Kothe, Régis Barbosa e Mário Curvello. Org. Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *Teses sobre Feuerbach. Para a Critica da Economia Política*. Tradução Jose Arthur Gianotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *Feuerbach. A Oposição das Concepções Materialista e Idealista. Para a Critica da Economia Política*. Tradução Jose Arthur Gianotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, K. *O Capital*. Vol. I, Mercadoria e Dinheiro. Tradução Reginaldo Sant’Anna. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. “A Lei da Tendência da Queda da Taxa de Lucro”. In: *O Capital*. Vol. IV. Seção III. Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985-1986.
- _____. *Para a Critica da Economia Política*. Tradução Jose Arthur Gianotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *Prefácio Para a Critica da Economia Política*. Tradução Jose Arthur Gianotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

- MENZIES, I. E. P.; JACQUES, E. *Los Sistemas Sociales como Defensa Contra la Ansiedad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1969.
- NUNBERG, H. *Princípios Del psicoanalisis. Su aplicación a la neurosis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987.
- ORTIZ, R. “A procura de uma sociologia da prática”. In: Pierre BOURDIEU, *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. Organizador Renato Ortiz. Coordenador Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.
- PACHECO Filho, R. A. “O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise”. In: *Psicologia e Sociedade*, Vol. 9, n. 12, jan-dez 1997. Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social. ABRAPSO. São Paulo.
- _____. “O método de Freud para produzir conhecimento: revolução na investigação dos fenômenos psíquicos?”. In: PACHECO FILHO, R.A.; COELHO Jr. N.; ROSA, M. D. (org.) *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo, 2000.
- _____. “Psicanálise e Vínculo Social”. In: MARZAGÃO, L. R.; MIRANDA AFONSO, M.L.; RIBEIRO, P.C. (org.). *Psicanálise e Universidade Temas Contemporâneos*. Belo Horizonte: A.S Passos, 2000.
- PELLEGRINO, H. “Psicanálise da criminalidade brasileira: ricos e pobres”. In: *Jornal “Folha de São Paulo”*, Folhetim, 07 de outubro de 1984.
- PICHON RIVIÈRE, E. *Del psicoanálisis a la psicología social*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1983.
- _____. *Psicoanálisis del Conde de Lautréamont*. Buenos Aires: Argonauta, 1992.
- _____. *Teoría do Vínculo*. Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1980.
- _____. “A reação dos Inundados frente ao desastre”. <http://www.geocities.com/soho/museum9563/inundacion.html>
- _____. *Diccionario de términos y conceptos de psicología y psicología social*. Compilado por Joaquín Pichon rivière y col. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1995.
- PICHON RIVIÈRE, E. e QUIROGA, A. *Psicología de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1985.
- PNUD. *Informe sobre el desarrollo humano 1999*. Madrid: Mundi-Prensa, 1999.
- POLANYI, K. *A Grande Transformação. As origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 3ª ed., 2000.
- QUIROGA, A. P. *Proceso de constitución del mundo interno*. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1985.

- QUIROGA, A. P. *Pichon Rivière 20 después. Entrevista a la revista uruguaya Brecha*.
<http://www.campogrupal.com/quiroga.html>
- RABANAL, C.R. *Cicatrices de la pobreza*. Caracas: Nueva Sociedad, 1991.
- ROUDINESCO, E.; LACAN, J. *Esboço de uma vida, história de um pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SADER E.; GENTILI, P. (orgs). *Pós-Neoliberalismo. As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SANTOS, M. “O Retorno do Território”. In: SANTOS, M., SOUZA, M.A. de e SILVEIRA, M. L. SANTOS, M., SOUZA, M.A. de e SILVEIRA, M. L. (org.). *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec. Anpur, 1996.
- _____. *Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SARMIENTO, D. F. *Facundo*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1994.
- SARTRE, J.P. “Cuestiones de Método”. In: *Crítica de la Razón Dialéctica*. Buenos Aires: Losada, 1995.
- SILVA Jr., I. (coord.) *Estou no Mundo da Rua*. São Paulo, Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental, Mimeografado, São Paulo, 1990.
- SILVA Jr., I.; BROIDE, J. “Centro Latino-Americano de Estudos em Saúde Mental”. In: VIEIRA, C. M. A; BEZERRA, R.E.M; MAFFEI, R.C (org). *População moradora de rua*. São Paulo: Hucitec, 1992. (Secretaria do Bem Estar do Município de São Paulo).
- SOIFER, Raquel. *Psicodinamismos da família com crianças*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TRASSI TEIXEIRA, M.L. *Adolescência-Violência. Uma ferida de nosso tempo*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na PUC-SP, 2002, São Paulo.
- VICENTIN, M.C.G. *A vida em rebelião: histórias de jovens em conflito com a lei*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo, 2002.
- VIDAL, G.; ALARCÓN, R.; LOLAS, F. *Enciclopédia IberoAmericana*, p. 404. Buenos Aires: Médica Panamericana, 1995.
- ZITO Lema, V. *Conversaciones con Enrique Pichon-Rivière sobre el arte y la locura*. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1986.